

# A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:  
Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO  
Lima Figueirêdo

GERENTE:  
João Baptista de Mattos

ANNO XXII | Brasil — Rio de Janeiro, Novembro de 1935 | N.º 258

## SUMMARIO

	Pags.
O problema militar brasileiro.....	1145
<b>LITERATURA — HISTORIA — GEOGRAPHIA SCIENCIA</b>	
Surpreza estrategica — <i>Cap. Nilo Guerreiro Lima</i> ....	1148
Os imponderaveis da guerra — <i>Cap. Alcindo Nunes Pereira</i> .....	1153
<b>SECÇÃO DE INFANTARIA</b>	
Um 1.º periodo de instrucção numa C. M. B. — <i>Cap. Manoel Joaquim Guedes</i> .....	1159
Fichas de instrucção — <i>Ten. André Fernandes de Souza</i> .....	1167
<b>SECÇÃO DE CAVALLARIA</b>	
O caso de uma experiecia que deu certo — <i>Ten. Umberto Peregrino</i> .....	1170
<b>SECÇÃO DE ARTILHARIA</b>	
Possibilidades de tiro — <i>Cap. A. C. da Silva Muriçy</i> .....	1174
Unidades angulares — <i>Cap. João Manoel Lebrão</i> .....	1179
<b>SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA</b>	
Minas submarinas — <i>Ten. Jayme Alves de Lemos</i> .....	1185
Conselhos a todos os instructores.....	1190

SECÇÃO DE TRANSMISSÕES	
Transmissões — <i>Cap. Peixoto</i> .....	Pags. 1191
SECÇÃO DE ENGENHARIA	
Destruíções — <i>Cap. Lima Figueiredo</i> .....	1196
SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES	
O socialismo — <i>Tristão de Athayde</i> .....	1199
SECÇÃO DE PEDAGOGIA	
Nova educação moral — <i>Cap. João Ribeiro Pinheiro</i> .....	1205
SECÇÃO DE INTENDENCIA	
O abastecimento no quadro de um R. I. — <i>Ten. José Salles</i> .....	1209
NOTICIARIO E VARIEDADES	
Dissolução do Exercito — <i>Cap. Correia Lima</i> .....	1217
Exercícios finais das Escolas de Armas.....	1219
O Chefe (tradução) — <i>Maj. Floriano Brayner</i> .....	1220
A União faz a Força.....	1227
Boletim Bibliographic — <i>Cap. S. Sombra</i> .....	1229
Indicador da "A Defesa Nacional" — <i>Sub-Ten. Odon Braga</i> .....	1231
Caixa de construção de casas do Ministério da Guerra.....	1233
Quadro de officiaes da Administração do Exercito (Caixa de Auxílios).....	1235
Reajustamento de Quadros do Exercito.....	1236

11/1935

# O PROBLEMA MILITAR BRASILEIRO

E' concepção assente e aceita na actualidade, que a guerra moderna não mais é feita unicamente pelo embate das forças militares, por quanto a guerra económica e a guerra financeira, não só actuam sobre as forças combatentes, como principalmente sobre as populações do interior, de molde a abater-lhe o moral e compellir os governos á aceitação da paz.

Os paizes que não dispõem de largos recursos financeiros e de poderosas marinhas, que assegurem o reabastecimento e o bem-estar de suas populações, devem estudar o seu problema militar, tendo por objectivo obter decisões rápidas, antes que se enfraqueça o moral de seu povo em consequencia das privações que será obrigado a sofrer.

O descaso dos governos para as necessidades das forças armadas, traduzido pela má vontade em conceder as verbas necessarias á sua efficiencia, traz como consequencia a derrota, cuja responsabilidade é sempre imputada aos militares.

Milhares de assumptos que na apparencia nada teem de militares concorrem entretanto em muito para a victoria das forças armadas, taes são, entre muitos outros, o desenvolvimento da siderrurgia, da aviação commercial, das industrias chimicas, da mineração do cobre, nickel, alumínio e outros metais, a construcção, o traçado e a capacidade de tráfego das vias ferreas, a producção de combustiveis etc. etc..

Ao lado desses problemas surgem aquelles de carácter nitidamente militar, os quaes devem ser encarados como um todo harmonico, e não sob pontos de vista restrictos e estanques, que muitas vezes não se combinam, comquanto visem o mesmo fim, ou que muitas vezes prejudicam esse fim, visto que, sendo o problema um todo harmonico, como já dissemos, e sendo limitada a capacidade do paiz, o crescimento demasiado de uma parte só pôde ser obtido com a atrofia ou estagnação das outras, desfazendo-se assim a harmonia e portanto a efficiencia.

A criação do Conselho Superior de Segurança Nacional, do qual fazem parte todos os ministros, militares ou não, foi o maior passo dado nos ultimos tempos para a solução de todos os problemas relativos á nossa segurança, muitas vezes collocados n'um plano inferior ou resolvidos imperfeitamente, devido á falta de ligação directa entre os elementos militares e civis de que se compõe o governo.

O sistema actual é invariavelmente o seguinte: o militar pede sem saber si a nação pôde ou não, e o civil systematicamente nega, só cedendo por conveniencia, mas nunca por convicção.

Do contacto estabelecido no C. S. S. N. entre os dois elementos surgem a discussão, os argumentos, as concessões mutuas e finalmente a solução do problema mediante compromissos de ambas as partes que trazem em seu bojo a esperança de que sejam efectivados para o bem da Nação.

Inuteis se tornam devaneios armamentistas; fóra de nossas possibilidades financeiras, cuja execução é sempre parcial e na maioria das vezes imperfeita, além de despertarem a atenção dos vizinhos, que por conveniencia não analysam a possibilidade de sua execução, e tratam de a crescer seus meios de defesa e de ataque, tornando-se cada vez mais fortes em relação a nós.

Um exemplo disso já tivemos no periodo que foi de 1906 a 1910.

A reorganização do Exercito, então iniciada com tanto ardor, ficou pelo meio, e a esquadra teve o mesmo fim; pois, além de não serem comprados os encouraçados Rio de Janeiro, Riachuelo (por subscricção...) e o terceiro scout, pôde-se dizer que a partir de 1914 ella só fez diminuir.

Sob o ponto de vista do Exercito, é conveniente que elle saiba que guerra não é somente possuir forças numerosas e bem armadas.

A nação precisa, como já dissemos, de materias primas ou manufaturadas, alimento e armamento, para manter a efficiencia da tropa. E para isso se torna necessário possuir a liberdade dos mares.

A moral das populações do interior precisa ser mantida elevada, d'ahi a necessidade de preserval-a não só da fome, como dos bombardeios aereos e da guerra chimica. E, ainda que satisfeitos esses dois pontos (mar e ar), de nada continuará a valer um grande e poderoso exercito que não puder agir.

Um exemplo frisante das asserções acima, é a guerra Russo-Japoneza.

A velha esquadra russa foi batida pelos modernos navios japonezes, tornando-se assim impossivel não só o transporte dos russos por mar, e o que é peior ainda, permittindo aos japonezes disporem dessa magnifica via de communicação para lançarem suas hostes sobre o continente.

Entretanto, a Russia dispunha de um exercito cujo effectivo de paz era mais de quatro vezes maior que o japonez.

— Por que não obteve a decisão em terra?

— Porque o seu exercito não podia agir.

O caso russo assemelha-se ao de um homem que, possuindo uma caldeira para fazer funcionar sua fabrica, bem como de um manancial, calculou mal a quantidade de agua que a caldeira consumiria para funcionar, e em consequencia a ligou ao manancial, por um estreito cano, pelo qual se evaporou a agua inicial, e o mesmo aconteceu á que chegava aos poucos, ficando sem pressão para funcionar a machina.

Concentrando lentamente, no periodo de tensão politica, duas ou tres centenas de milhar de homens na Asia, julgou a Russia que com isso

manteria a integridade de suas possessões, visto confiar em que sua esquadra impediria a remessa de tropas japonezas para o "front."

A esquadra falhou; os elementos concentrados na Mandchuria foram rapidamente batidos, e o grande e poderoso exercito russo da Europa, viu-se obrigado a ser transportado por gottas, por meio de uma via simples do transiberiano, as quaes ao pingarem no campo de batalha, volatilizavam-se deante da superioridade local de effectivos, de que dispunham os japonezes.

A consequencia de tudo isso, por todos nós é conhecida, e pode resumir-se em duas palavras: paz vergonhosa.

A historia é a grande mestra da vida. Estudemos cuidadosamente o caso brasileiro, para não incidirmos nos mesmos erros de outros povos.

Preferivel se torna possuir um exercito menos numeroso porém eficiente, e que disponha de meios de communicação para uma concentração rapida, do que desviar a nação annualmente milhares de contos para manter e equipar um organismo complicado, do qual não é possível esperar um resultado proporcional aos gastos, na hora critica da guerra.

Augmento de effectivos de paz, compra de armamento e aviação, construcção de fabricas, quarteis etc., etc., são problemas que interessam muito de perto ao Exercito, porém os dispendios, com os mesmos não devem ser feitos sem antecipadamente verificar si as necessidades referentes ás vias de communicação de caracter estrategico, marinha de guerra e outros problemas correlatos, que tambem influem na decisão da guerra, não vão ficar demasiadamente atrophiados, prejudicando a harmonia do todo, o qual, se ás vezes pôde prescindir de certas partes, em compensação possue outras de interesse vital para o conjunto, que devem ter preferencia e não podem ser sacrificadas, como, por exemplo, o caso das comunicações terrestres com o Rio Grande do Sul.

Vemos assim, mediante considerações e exemplos praticos, quão sabia foi a criação do Conselho Superior de Segurança Nacional, o qual pôde evitar o desperdicio das energias da Nação, organizando um plano que, tendo em vista aquillo que fôr indispensavel para poder fazer a guerra, defina as necessidades minimas do paiz para a sua defesa, e como complemento estabeleça a progressividade de sua execução, de acordo com as possibilidades financeiras do paiz, e evitando tudo quanto não apresente probabilidade de realização pratica.

Estamos certos que uma nova éra se depara ás nossas forças militares, consequente á criação do C. S. S. N., que terá sua tarefa simplificada graças ao patriotismo de todos os seus membros, auxiliados pela competencia e força de vontade dos elementos militares nelle representados.

# LITERATURA · HISTORIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

## Surpreza estratégica

*Pelo Cap. NILO GUERREIRO LIMA*

Tão antiga como a propria guerra, a surpreza é a maior inimiga da segurança e muitas vezes, por si só, tem acarretado vitorias esmagadoras com o consequente desmoronamento de thronos e de Exercitos.

Muito commum no terreno tactico vêm se repetindo através a historia em todas as campanhas. Por isto os Regulamentos modernos de todos os exercitos, dedicam uma grande importancia ao capitulo "Segurança" — seu antidoto. Apezar de tudo a surpreza existiu e existirá em todas as guerras e continuará sempre, como um grande factor da victoria.

Não é porém meu intuito repisar aqui as prescrições regulamentares sobre os alicerces dessa segurança (informação — dispositivo — segredo — destacamentos de segurança), nem pretender justificar coisas evidentes por si mesmas. (segurança tactica do chefe e a segurança material da tropa).

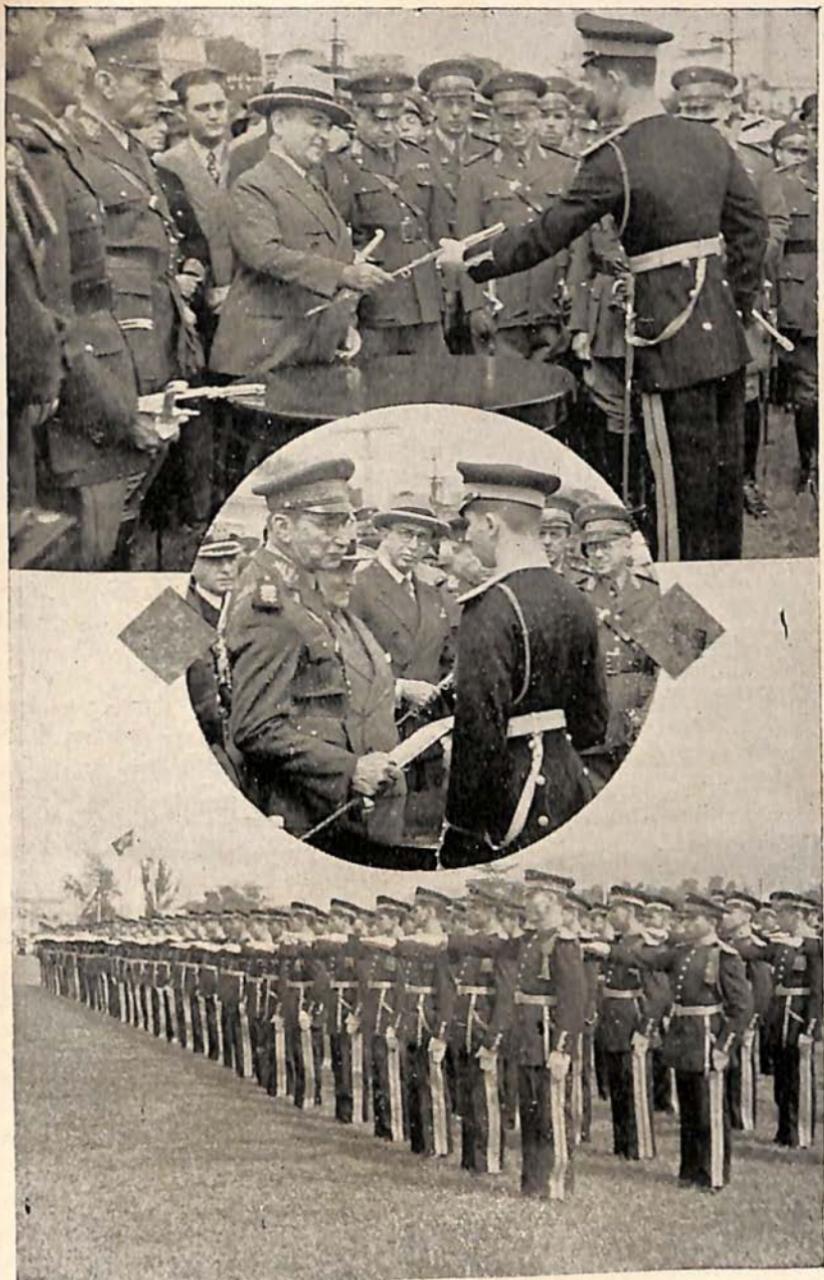
Pretendo ao contrario encarar neste estudo retrospectivo a questão da "surpreza estratégica", dentro do limitado espaço que me proporciona esta revista.

A surpreza estratégica é aquella que, por si só, é capaz de desarticular completamente a segurança da manobra idealizada pelo Alto Comando, abalando-a nas suas linhas mestras e fazendo quasi sempre baqueiar o conjunto das forças moraes e materiaes do adversario.

Thema por demais complexo, tendo que ser encarado sob multiplos aspectos e variados prismas, exige como base para seu estudo o concurso da grande mestra: — a Historia Militar — que apezar de ser hoje muito descurada, ainda é e será sempre a principal fonte dos altos conhecimento militares. E' necessário que todos nós nos convençamos de que o estudo da Historia Militar não é apenas uma contribuição scientifica a titulo de ilustração e sim um alicerce solido, que nos fixa as ideias de conjunto em casos reaes, fazendo-nos aproveitar a formidável herança das experiencias dos chefes passados e o infinidavel inventario de conhecimentos uteis e principios intangiveis através os seculos.

Si hoje, se admitté como verdade a conhecida phrase: "Não ha receitas para a victoria", tambem será certo podermos afirmar que uma victoria futura será sempre uma repetição de uma victoria passada, ou melhor, que o "receituário" para o successo se deve achar contido

NA ESCOLA M'LITAR

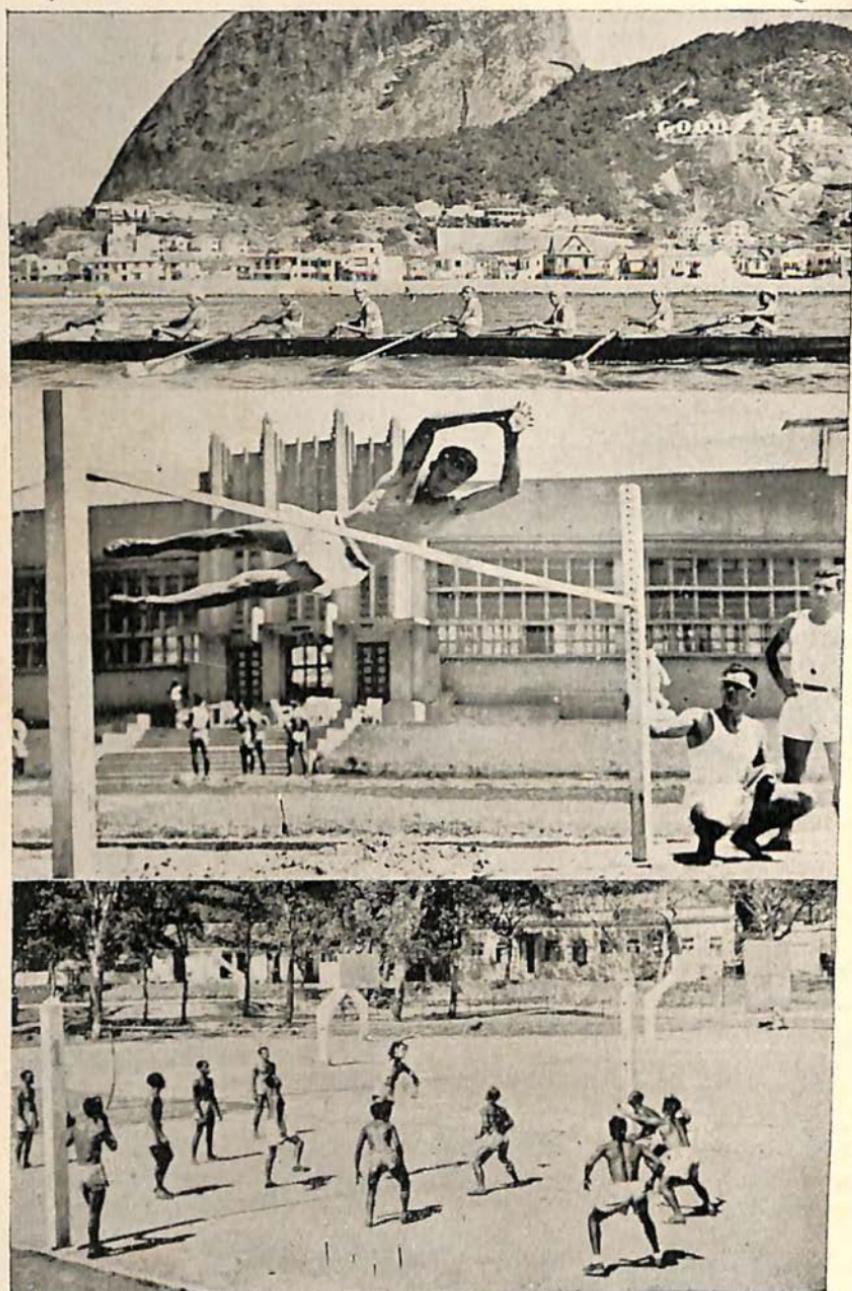


**NO ALTO:** O Exmo. Snr. Presidente da Republica entrega o espadim ao 1.º cadete recem-matriculado.

**EM BAIXO:** Aspecto do juramento.

**NO MEDALHÃO:** Exmo. Snr. Ministro da Guerra entrega o espadim symbolico ao 2.º alumno da turma.

# DANDO MUSCULOS AOS SOLDADOS BRASILEIROS



Tres aspectos colhidos na Escola de Educação Physica  
do Exercito.

no "formulario" da Historia Militar. A dificuldade está em conseguirmos a repetição da victoria com a mesma facilidade com que a "Historia se repete"...

De que pode resultar a surpresa no terreno da Estrategia? Eis a pergunta que a Historia vai nos responder com alguns de seus formidaveis exemplos.

1.º) De uma concepção genial, envolvendo grande rapidez de decisão e execução no aproveitamento dos erros inimigos.

Exemplo classico e recente:

A manobra em linhas interiores de Ludendorff na batalha de Tannenberg, na qual aproveitando-se do vazio de 100 Kms existente entre os 1.º e 2.º Exercitos russos, consegue esmargar em tres dias o 2.º Ex. russo sob o commando de Sansovow. A concepção rapida, audaciosa e temeraria de Ludendorff, completada dias depois pela batalha dos lagos Mazurianos contra o 1.º Ex. ao commando inerte de Remmenkampf, marca uma extraordinaria surpresa estrategica na guerra 1914/1918 pois em 15 dias doze D. I. e uma D. C. allemãs, esphacelaram douz Exercitos russos compostos de vinte e nove D. I. e nove D.C., libertaram a Prussia Oriental e estrategicamente decidiram a luta na frente russo-allemã.

E' interessante frizar-se que essa surpresa estrategica se verificou 9 dias após a derrota allemã na batalha de Gumbinnem e o consequente retrahimento geral para o baixo Vistula. Este facto nos dá não só uma ideia da rapidez da decisão e execução da operação em conjunto como tambem do estado moral dos adversarios e do valor dos seus chefes.

2.º) De um grave erro de apreciação sobre as possibilidades de manobra do adversario ou de uma negligencia completa na busca de informações sobre o inimigo.

Exemplos:

a) Batalha de Koumanovo entre Servios e Turcos em Outubro de 1912, batalha quasi decisiva e na qual apesar dos Servios terem sido estrategicamente surprehendidos, graças ao valor de sua Infantaria e à deficiencia dos chefes turcos obtiveram a victoria final.

b) A marcha do II Ex. allemão em Agosto de 1870 que, sem ter os seus meios reunidos para a batalha, encontra inesperadamente o Ex. francez que suppunha em franca retirada. Tal como os Servios em 1912 o II Ex. allemão não soffreu o castigo dessa sua falta por inercia de manobra e falta de flexibilidade de espirito do Cmdo. Francez em 1870.

c) A offensiva do Ex. de Maunoury sobre o lanco e retaguarda da ala, direita allemã: I Ex. — Von Kluck na 1.ª batalha do Marne em 1914.

Esta batalha do Marne, conhecida por todos, tem tido varios historiadores e a ella se referiram todos os grandes chefes da grande guerra, em suas "Memorias" e outros documentos.

Do lado alemão sabemos que como uma nova Cannes, o Conde Von Schlieffen idealisou o plano de manobra alemão na guerra das duas frentes, procurando inicialmente a decisão a W. por meio de um grande momento envolvente da ala direita, através a Belgica.

Von Schlieffen estabeleceu com tanto carinho essa manobra estratégica, que tendo falecido pouco antes do inicio da guerra dizem que foram estas as suas ultimas palavras: "Não tirem tropas da ala direita. Embora os russos ameacem Berlin a decisão tem que ser procurada inicialmente a W." Parece que elle advinhava a detrupação ulterior do seu plano, cuja execução iniciada em Agosto e Setembro de 1914 foi dirigida por Moltke. Este — "pequeno sobrinho de um grande tio" — começou as operações violando o princípio basico de Schlieffen, isto é, enfraquecendo a grande massa de manobra da ala direita alemã, da qual retirou mais de dous terços (dez e meia D. I. em vez de 32 D. I.) do seu efectivo, não só para parar o "rôle compressor mascovita" na Prussia Oriental, que o atemorisava, como tambem visando attender a outras necessidades de menor importancia. De facto, o reforço ao Ex. alemão da Russia occasionou brillantes victorias táticas, mas accarretou a derrota estratégica da Alemanha porque isto foi conseguido antes de assegurada a "decisão inicial a W."

Tem se procurado provar hoje, que mesmo o efectivo previsto por Von Schlieffen era insuficiente para uma manobra de tal envergadura. (As Leis Eternas da Guerra do Gen. Arthur Boucher).

Isto vem tornar ainda mais evidente o grande erro do G. Q. G. alemão no inicio da guerra 1914.

Mas si a ala direita alemã fosse sufficientemente forte para constituir o potencial de manobra, isto é, dispusesse da massa necessaria ao desbordamento de Paris por N. W. no tempo conseguido em Agosto de 1914 talvez se verificasse então uma nova surpresa estratégica: a ala direita alemã iria suprehender ainda em periodo de organização e portanto em flagrante delicto de concentração o Ex. de Maunoury e as forças de Paris sob a direcção de Gallieni, nas quaes repousou o successo da manobra aliada. E se assim acontecesse o Marne ao invéz de ter sido o "milagre que salvou a França" teria mudado o resultado da guerra.

Mas, quando o "panno desceu no ultimo acto do drama indeciso e emocionante do Marne", constatou-se que embora com seus Exercitos invenciveis a Alemanha tinha perdido a guerra. E isto por que? Porque a surpresa estratégica obtida pelo Commando Francez fez desmoronar completamente o Grande Plano de Manobra Alemão.

3.º) Da não observância do princípio da unidade de ação no tempo e no espaço.

Exemplo:

O III Ex. turco sob o commando de Enver Pachá, que pretendendo ser o Napoleão ottomano realizou em Dezembro 1914 e Janeiro 1915 uma manobra de grande envergadura contra os russos. Essa manobra consistia em fixar as forças russas e com um largo movimento através as montanhas ao N. do rio Araxe cahir sobre o flanco e as retaguardas inimigas. Procurara assim Enver Pachá uma modalidade da surpresa estratégica, mas o "feitiço virou-se contra o feiticeiro". A região montanhosa e difícil à progressão, ainda se tornava mais penosa devido ao rigor de um inverno cruel e, além disso, o Cmdo. turco não levou em consideração a importância da investigação aérea, que não existia no tempo de Napoleão. Como consequência os Russos, informados em tempo de notam as forças que a fixavam e foram surprehender os turcos quando estes após um grande sacrifício desembocavam das montanhas cobertas de neve, certos de que iriam surprehender as retaguardas russas. E o resultado foi o aniquilamento completo do III Ex. turco, que segundo Danilov "teve 30.000 mortos, todo o material de guerra apreendido, apreendidos um Cmt. de Corpo de Ex., trez Generaes de Divisão com seus Estados Maiores e um numero incalculável de prisioneiros desaparecidos e fugitivos que morreram de frio e fome nas montanhas cobertas de neve."

4.º) Da manobra direta contra as comunicações.

Exemplo:

A invasão da Servia em Outubro de 1915 pelos 3 Exercitos: alemão, austro-hungaro e bulgaro.

Os Servios com as suas comunicações cortadas pela ação de surpresa da ala esquerda dos bulgares, foram completamente destruídos e tiveram que fazer uma grande retirada através as montanhas da Albânia para atingir com o resto do seu Ex. o Adriático, onde os navios aliados os acolheram em Santarí e Durazzo.

5.º) Pela ruptura brusca do dispositivo inimigo, numa zona pouco provável a essa ação, seguida de um aproveitamento intensivo do sucesso em direção decisiva.

Exemplos:

a) A ruptura do dispositivo bulgaro-alemão em Setembro de 1918 frente do Dobropolje, manobra genial do General d'Esperey, que reali-

sando o esforço principal pela parte mais difícil da frente "um verdadeiro chaos de picos e ravinas de 1500 a 2000 metros" conseguiu abrir uma brecha considerável na frente bulgara, seguida de um aproveitamento fulminante do sucesso durante 3 dias, no qual se destacou a valorosa Bda. de Cavallaria Franceza Jovinot — Gambetta.

Essa operação constituiu uma verdadeira surpresa pois até então todos os esforços aliados se tinham concentrado na frente do Vardar, para onde se orientavam todas as reservas estratégicas dos bulgaros-alemannes.

A surpresa proporcionou além do sucesso os seguintes resultados: as retaguardas dos Exercitos bulgaro-alemão foram surprehendidas, e aprisionadas todas as forças inimigas inclusive o XI Ex. alemão inteiro, todas as linhas de comunicações foram fechadas e a Bulgaria assignou o armistício, rendendo-se definitivamente.

b) A ruptura da frente turco-alemã na Palestina em Setembro de 1918, levada a efeito pelo Gen. Allenby. Antes da chegada desse General todos os esforços do Ex. aliado tinham sido feitos contra o flanco esquerdo do inimigo, sem resultado.

O Gen. Allenby visando o emprego ulterior de sua Cavallaria e a cooperação eventual da esquadra, dirige o esforço de ruptura, por surpresa, contra o flanco direito do adversário. A brecha é aberta na ala direita turca e por ella é impulsionada fulminantemente a Cavallaria ingleza, que num raid memorável penetra até Nazareth onde o E. M. turco-alemão por pouco não é aprisionado.

O sucesso também foi completo. Todo o centro de gravidade estratégico do inimigo se orientava para o flanco esquerdo de maneira que a operação de Allenby beneficiou-se da surpresa estratégica e obteve como consequência a captura dos destroços dos VII e VIII Exercitos turcos (55.000 homens) e a conquista completa da Palestina.

Eu me alongaria mais na citação de outros exemplos, extrahidos dos bons livros militares e abrangendo guerras mais antigas como a da Secessão e Russo — Japoneza, ambas ferteis em ensinamentos de toda a natureza, si não fosse o receio de abusar das columnas dessa revista e da paciencia dos seus leitores.

Pretendo contudo, continuar ulteriormente esse estudo, terminando pelos exemplos das nossas guerras e os seus consequentes ensinamentos que, fatalmente repercutirão em qualquer campanha futura no continente sul americano.

## CANNAE E NOSSAS BATALHAS

Ten. WIEDSPAHN

Preço 7\$000

# Os imponderaveis da guerra

*Cap. ALCINDO NUNES PEREIRA*

## O Panico

O panico é um phänomeno psicologico observado nos agrupamentos humanos, desde épocas imemoriaes.

E' a expansão súbita do medo que, dominando o individuo, passa do estado latente para o de positiva manifestação, sob a forma caracteristica de pavor.

Embora de origem individual, torna-se collectivo com extrema facilidade, pela ação do contagio mental.

As massas, tanto as que se agitam nos centros urbanos, como as que se movimentam nos campos de batalha, facilmente se apavoram.

Os efeitos do panico em tempo de paz são de repercussão limitada e sem importância, mas o mesmo não acontece na guerra, em que são sempre prejudiciais, dissolventes e de consequências imprevisíveis. E' um factor perigoso, capaz de produzir abalos moraes desastrosos e que deve ser combatido por todos os meios.

Em geral, o panico se produz por motivos mais imaginarios do que reaes, por pequenos factos immensamente exagerados.

Acometida de pavor, a massa escapa a qualquer "controle" e baledados são os esforços para repol-a no estado normal.

A tropa e a multidão, sem embargo das condições instinctivas communs, oferecem ao panico resistências diferentes. A organização militar, com as características que lhe são proprias, crê na massa combatente, condições moraes peculiares que a distinguem da multidão. Desta muito se approximam as tropas improvisadas ou de insuficiente preparação, e por isso são, naturalmente, presas mais fáceis do panico do que as bem organizadas, instruidas e disciplinadas.

No inicio de uma guerra, ha sempre maior predisposição para o pavor, o qual vai desaparecendo á medida que a tropa se torna aguerrida; o habito ao perigo e ás agruras da vida de campanha, as tornam mais endurecidas, com os nervos mais resistentes ás emoções violentas, menos accessíveis aos sustos.

Na grande guerra de 1914, durante as primeiros semanas, ocorreram, quasi todas as noites, sérios panicos que muitas vezes causaram perdas consideraveis.

Um dos peores ocorridos no inicio da guerra, foi a 9 de agosto, quando o VII Exercito Allemão, que marchava para o sul, rumo á fronteira Suissa, tomou contacto com o inimigo. A 30.º D. I. deslocava-se no eixo

Meinheim — Regisheim — Undersheim — Beillweiler e attingia Wittelsheim. A ordem aos corpos prescrevia: "avançar sem descanso... caia quem cahir". A insuficiencia dos altos-horarios, agravada pelo calor reinante, causava sérias baixas e esgotava ao extremo os nervos dos homens.

No fim de jornada, em uma pequena altura entre Sennheim e Wittelsheim, foi collocada uma guarda avançada para cobrir o vale do Thann, onde havia postos inimigos, com os quaes se estabeleceu contacto.

O grosso da 30.<sup>o</sup> D. I. estava em bivaque nos arredores de Wittelsheim. Subitamente immenso clarão e tremendo fragor de batalha, produzido por furioso fogo de fuzil, metralhadora e artilharia, irromperam na pequena villa, envolvendo-a.

A insana fuzilaria generalizou-se em todas as direcções. Uma bateria de artilharia da guarda avançada, sem saber de que se tratava, voltou seus canhões para Wittelsheim e contra ella executou em estylo, uma barreira de schrapnells.

O Commando do Exercito supondo que o VII<sup>o</sup> C. A. Francez tivesse avançado, preparava-se para intervir, mas depois de meia hora foi afinal attendido o signal "Das Ganze alt" e "Sammeln" (cessar fogo e reunir), sendo desfeito o engano que occasionará o primeiro "panico de fogo" allemão e causára consideraveis perdas. (Da "Militärwochenblatt").

Era uma tropa que ainda não sofrera o baptismo de fogo e por conseguinte de espirito facilmente impressionavel. Alguns meses mais tarde, já os homens mostravam maior despreoccupação ante o perigo, como se evidencia do facto seguinte.

Na batalha de Yprés (novembro de 1914), o E. M. da 60.<sup>o</sup> Bda. de infantaria allemã, achava-se a oeste de Gheluvelt, proximo de tropa engajada em rude combate. O inimigo ataca com violencia o flanco direito exposto. Com o E. M. estavam apenas 30 a 40 mensageiros e cyclistas para a ligação com os tres regimentos empenhados. Estes homens a despeito da extrema gravidade da situação, riam e cantavam, enquanto assavam um leitão abatido por um schrapnells.

O Commandante da Brigada indagou a causa de tão estranha hilariedade e um homem lhe explicou: "Onde o General e nós estamos, tudo sempre acaba bem."

Esta calma, em contraste com o nervosismo dos primeiros dias, demonstra a possibilidade augmentar a resistencia contra o panico, o que é aliás facil de comprehender, por se tratar de um phenomeno nervoso. Mas, evidentemente, enquanto existirem nervos, não se poderá evitar de modo absoluto o panico.

Assim é que, mesmo as mais fortes, as melhores tropas correm por vezes o risco de succumbirem ao seu dominio. Não faltam exemplos his-

toricos que nos mostram tropas solidas e aguerridas serem presas de pavor.

O enorme panico das forças veteranas do Príncipe de Hohenlohe, na batalha de Iena, em 14 de outubro de 1806, é bem ilustrativo.

"As tropas prussianas foram em fuga espavorida de Iena a Weimar, perseguidas pela cavallaria franceza e definitivamente dispersadas em Webicht." (Gen. von Altrock). As tentativas de Gneisenau, para reconstituir as unidades fugitivas, resultaram inuteis.

Nas phases de crise no campo de batalha, logo após as derrotas ou outros acontecimentos desfavoraveis, ha em virtude dos abalos soffridos, grande sensibilidade nervosa, com consideravel enfraquecimento da resistencia moral, susceptivel então de completa dissipação, ao mais leve e inesperado choque.

Os menores rumores na retaguarda ou no flanco, assumem proporções phantasticas para os elementos da linha de fogo, e, analogamente, acontecimentos secundarios da frente tomam um vulto exagerado para as tropas de reserva, que os imaginam segundo as apparencias ao alcance ou por informaçoes parciaes.

Os espiritos ficam sensiveis em extremo ás emoções e estas com campo favoravel á propagaçao.

Um exemplo frisante desse estado de espirito encontra-se na seguinte passagem historica. "Na retirada, apoz a batalha de Tratenau na Bohemia, marchava um regimento de cavallaria prussiano ao trote, pela estrada. O Commandante do Regimento manda um de seus officiaes á testa da column, afim de conduzil-a por um atalho. Como esse official galopasse ao longo da column, vindo da direcção do inimigo, sua andadura foi considerada indicio de gravidade da situaçao. Quando procurava ganhar a testa da column, as ordenanças o seguiram e em pouco o Regimento inteiro galopava, fugindo do inimigo, atropelando e dabandando uma bateria que o precedia. Somente apoz algumas milhas e muitos ferimentos, foi possivel detel-o."

O barulho de combate atraç do combatente foi sempre, em todas as epochas, desmoralizante, causador de panico. Dahi o grande effeito resultantes das operaçoes nos flancos e na retaguarda do inimigo — "meios eternamente bons, porque é sobretudo accão moral e porque o homem não muda" —, já conhecidos e explorados por Annibal.

"A desmoralização no combate começa, em regra, pelos escalões posteriores e pelas tropas de retaguarda."

Em Cannae, a cavallaria romana vendo por cima dos combatentes a pé, o movimento da segunda linha gaulesa a cavallo, dá de rédea e abandona os companheiros de combate. Essa cavallaria era, no entanto, constituida de bravos e adestrados cavalleiros, voluntarios de familias nobres, o escol do exercito romano.

A situação de expectativa das tropas de reserva, principalmente nos momentos que precedem a entrada em acção, favorece o nervosismo, que as torna suscetível de fortes abalos morais. Tudo que possa concorrer para agravar tal estado deve ser cuidadosamente evitado. Assim, é conveniente não as localizar nas proximidades dos caminhos de evacuação de feridos e de transito de indiscretos agentes de transmissões; circunstâncias estas que contribuem pela vista ou por informações exageradas, para diminuir-lhes a resistência moral.

O refluxo de uma tropa em desordem poderá causar sério abalo moral ás que o presenciam ou ás encarregadas do acolhimento. Para que uma tropa desempenhe esta missão com firmeza e enfrente serenamente a situação, sem soffrer-lhe a influencia desmoralisante; deve estar convicta da sua superioridade e compreender bem o que se está passando. Do contrario será inevitavelmente arrastada no torvelinho da desordem.

Mais facilmente se preservará o moral de uma tropa, mantendo-a fóra da vista de scenas deprimentes para o sistema nervoso e do contacto com tropas desmoralisadas, e no caso das reservas, em particular, conservando-as tanto quanto possível alheias ás emoções da linha de combate.

Em qualquer caso, a melhor defesa contra o panico consiste em manter exaltado o espirito da tropa, para o que é condição "sine qua non" a firmeza e elevação de animo dos chefes em todos os escalões.

O chefe que manifesta aos seus homens, duvidas, apreensões ou medo, torna-se vacillante, impressionável e pusilânime.

"Desanimar os homens não é a melhor maneira de alcançar o fito desejado", dizia Napoleão.

O sentimento de força e a consciencia do proprio valor devem existir e conservar-se intactos; para que se não enfraqueça o moral. Se tais convicções desaparecem, se a tropa se julgar impotente para dominar o adversario, não sentirá vergonha em fugir ante o mais forte ou como tal presumido.

Entre as circunstâncias de guerra mais propicias ao panico, ocupa incontestavelmente logar de destaque — a surpresa —, causa por excelencia de desmoralização e terror, até nos espiritos mais fortes.

O inesperado de uma acção adversa produz em regra completa perturbação dos sentidos, traduzida para uns em pavor estatalente, privando-os de qualquer movimento de defesa, e para outros em desvairada correria.

Não dependem do valor real da acção surprehendente os efeitos do panico causado, mas do imaginario, do que encerra de desconhecido.

Quando a surpresa não destroem materialmente a tropa (seu efeito maximo), aniquila-lhe o moral ou pelo menos o enfraquece consideravelmente.

As tropas aguerridas, afeitas aos imprevistos da guerra, readquirem mais rapidamente o sangue-frio e podem em certos casos, após alguns momentos de confusão, fazer face ao adversário; mas, em regra, os efeitos da surpresa são tão intensos que não permitem aos chefes retomar, de imediato na mão, a tropa abalada, o que às vezes demanda tempo, conforme o estado de desagregação a que ficou reduzida.

A surpresa, se bem que seja um poderoso agente do pânico, é no entanto, fácil de prevenir.

A ignorância — a falta de informação, no domínio tático, e a falta de conhecimentos, no domínio técnico — é a maior causadora da surpresa. A eliminação da primeira é o melhor remédio contra a última.

Em summa, o pânico nada mais é do que o predominio do instinto de conservação sobre todas as outras forças. E no momento preciso em que tal se dá, tem inicio a derrota; o homem perde o raciocínio e torna-se instintivo.

E' o instante psicológico, cujo discernimento constitue a tarefa mais difícil do chefe no combate e cuja exploração assegura infalivelmente a vitória.

Annibal e Cesar firmaram a superioridade de suas qualidades de chefes militares, pela nítida compreensão e habil utilização dessas circunstâncias.

---

## Livros à venda na "A DEFESA NACIONAL"

Caderneta do Commandante..... 1\$000

Pelo Correio mais \$600.

*Guia para a instrução militar*, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

*Guia prático para o recruta*, Alexandre Fernandes, 2\$000 pelo correio mais \$500.

*Notas sobre o comando do batalhão no terreno* — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

*Instrução de transmissões*, Cap. Lima Figueirêdo, 6\$000 pelo correio mais \$600.

*Manual do Sapador*, Major Benjamin Galhardo, 15\$000 pelo correio mais 1\$000.

# A NOVA DIRECTORIA DA A DEFESA NACIONAL

Consoante prescreve os Estatutos e de acordo com o que fôra publicado no mez de Setembro, realizou-se no dia 16 de Outubro a eleição para a nova Directoria da "A Defesa Nacional."

O pleito esteve concorridissimo e apôz a votação verificou-se o seguinte resultado:

**PRESIDENTE** — Major Tristão de Alencar Araripe.

**SECRETARIO** — Cap. José de Lima Figueirêdo.

**GERENTE** — Cap. Alexandre José Gomes da Silva Chaves.

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Ten. Cel. Renato Baptista Nunes.

Major Floriano de Lima Brayner.

» Emilio Rodrigues Ribas

» Octavio da Silva Paranhos

» José Faustino da Silva

Cap. João Baptista de Mattos

## SUPPLENTES

Cap. Arthur Carnaúba, Gen Bertholdo Klinger, Cap. A. Baptista Gonçalves, Major H Lott, Major Octavio M. Aché, Cap. Amadeu Theophilo Diniz, Major Odilio Denys, Major Lamartine.

O Ten. Cel. João Pereira de Oliveira teve votação para 1.º suplente não sendo a mesma computada em virtude de não ser socio esse nosso brilhante collaborador.

# SECCÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER

Auxiliares: MANOEL GUEDES

COELHO DOS REIS

## Um 1.º período de instrucção numa C. M. B.

*Cap. MANOEL JOAQUIM GUEDES*

### C) Divisão da instrucção

A instrucção é dividida do seguinte modo;

A) Instrucção geral e Educação Moral

B) Educação Physica

C) Instrucção technica

C) Instrucção technica	Ordem Unida
	Maneabilidade
	Armamento, Tiro e Material contra Gazes
	Organisação do terreno

D) Instrucção tactica

D) Instrucção tactica	Combate
	Serviço em Campanha

Diariamente na parte da manhã, serão ministradas os seguintes ramos — 3 dias na semana Ed. Physica — Organisação do terreno e maneabilidade; nos outros tres dias Combate e Serviço em Campanha; na parte da tarde Ordem Unida — Armamento e Tiro e Instrucção Geral. Esta seriação será seguida durante os primeiros mezes, sendo dahi por diante modificada pelo Cap., de accordo com o progresso dos seus homens.

A Educação Moral será dada pelos officiaes da Cia., procurando-se concretisar os factos sempre que possível e aproveitando os incidentes, que surgirem no decurso da vida do quartel, sem esquecer nunca que o exemplo do Chefe é o facto primordial para obtenção do resultado almejado — A instrucção será ministrada dentro de cada Secção, sendo que a de Ordem Unida (Escola do soldado e do Conductor) Instrucção Geral e Armamento e Tiro pelo methodo de officinas e as demais por turmas (Peça ou Secção).

Exemplo:

Ordem unida — Of. n.º 1	Escola do soldado	Sub-of. n.º 1	{ Instrução sem arma	
		Sub-of. n.º 2		
		Sub-of. n.º 3		
Instrução Geral — Of. n.º 2		Sub-of. n.º 4 — Continencia Individual — Definição — Divisão — Execução — Distância em que é iniciada — Duração — Autoridades que tem direito a continencia etc.	{ Instrução com arma	
		Sub-of. n.º 5 — Organização da peça — Secção — Cia. Mtrs. — G. C. — Pel. — Cia. F. V. e depois sucessivamente até o R. I. — Hierarchia no Exercito e na Armada — Procedimento do soldado etc.		

A matéria a ensinar no dia será prescrita nos quadros de trabalhos. Cada sub-officina terá 4 homens e um monitor, que possuirá o caderno controle, (vêr modelo abaixo) onde registrará o resultado de cada homem em cada dia.

No caderno do Cmt. de Secção serão registrados os resultados obtidos, de modo a precisar em qualquer momento o progresso dos recrutas.

Exemplo de um possível rodízio nas oficinas 1 e 2.

Offici. n.º <sup>8</sup> 1 e 2	Sub-of. 1 4 homens 12' de Duração	Sub-of. 2 4 homens 12' de Duração	Sub-of. 3 4 homens 12' de Duração	Sub-of. 4 4 homens 12' de Duração	Sub-of. 5 4 homens 12' de Duração x
--------------------------------	---	---	---	---	---

O descanso não será colectivo e sim função do aproveitamento como estímulo nas sub-officinas a critério dos monitores.

	Sub-of. n.º 1 — Fz. Mauser
	Sub-of. n.º 2 — F. M. H.
Armamento Of. n.º 3	Sub-of. n.º 3 — Mtr. L. H.
	Sub-of. n.º 4 — Mtr. P. H.
	Sub-of. n.º 5 — Morteiro

Tiro Of. n.º 4      Sub-of. n.º 6 — Exercícios de pontaria.

Rodizio identico ás officinas n.ºs 1 e 2 — Duração total 60' — Duração em cada sub-of. 10'.

Pode-se outrossim considerar cada arma como uma officina e esta dividida em Sub-oficinas. Foi empregado o 1.º processo, que diminue muito o n.º de monitores e o material a empregar.

As Secções disporão para essas officinas do seguinte material: — Fz. Mauser — 8; F. M. H. — 2; Mtrs. Ls. — 2; Mtrs. Ps. — 2; Cavaletes de pontaria — 4; Prismas controle — 4; arreios — 4; Cangalhas — 4; Visographos — 4; Morteiros. 2.

Nos 10' restantes do 2.º tempo será cantada a Canção "Nobre Infantaria (p. ex.) — O controle individual tambem deverá ser feito nesta parte da instrucção — Após á canção a Cia. deverá estar formada em columna por 2, face para a frente do Regimento (local de formatura da Cia.) em ordem numerica de Secções, onde sahirá de forma, após o trabalho em ordem unida, feito ao Commando do respectivo Capitão ou por um dos subalternos designados por este (art. 256 do R. E. C. I.)<sup>1.ª</sup> parte).

Durante as duas primeiras semanas a Cia., entrará em forma em columna por 3, sem os numeros.

Os demais ramos da instrucção serão ministrados pela manhã e constarão do quadro de trabalhos semanal e diario.

## Caderno controle (modelo como exemplo)

Numeros	Nome	1.ª Semana Materia a ensinar				11.ª SEMANA Materia a ensinar				12.ª SEMANA Materia a ensinar			
		Mtrs. Ps. — Desmontagem e montagem	Receptor (revisão) Tampa e mola	Revisão dos as- suntos anteri- ores Guar- nição	Completa	Mtrs. Ps. — Desmontagem e montagem	Procurando me- lhorrar o tempo da desmontagem e montagem até conseguir 65" pa- ra os mais atra- zados — Tempo a fixar pelo Ma- ior como con- trole	Completa — Olhos vendados	Mtr. Ps. — Desmontagem e montagem				
1115	Moacyr de Castro	6-×I	7-×I	8-×1	9-×1	10-×1	14-×I		B	B	B. 86"	17-×II	
		R	B	B		B	R		B	B	R-120"		
1089	Antonio Vieira	B	—	R	B	B	B	85"	B. 70"	B— 90"			

## D) PROGRAMMA PORMENORISADO

I) Reflexos a criar (R. E. C. I.1.<sup>a</sup> Parte art. 76 — cmt. Aubert.).

Carregamento de descarregamento do material (Divisão do trabalho, ordem e rapidez).

Deslocamentos da Secção (Sobre cargueiros — material transportado á braço — ao abrigo do fogo — sob o fogo de Infantaria — sob o fogo de Art. — sob o fogo de Infantaria e Artilharia).

Descarregamento e condução.

Entrada em posição (em todas as posições do reparo).

Designação de objectivos (incluindo a avaliação de distância).

Preparação do tiro — visada (inclusive do tiro contra-avião) e maskado.

Execução do tiro.

Cuidados com o material.

Encher os carregadores.

Incidentes de tiro e modo de sanal-os.

Tiro de Fz. Mauser.

Tiro de pistola ou revolver.

## II) Instrucção theorica e pratica além dos reflexos.

1.<sup>a</sup>) Instrucção Geral e Ed. Moral

## A) Instrucção Geral

1) — Organisação da Infantaria Peça Sec. — Cia. Mtrs.  
G. C. Pel. Cia. F. V.  
até o R. I. Btl. e R. I.

2) Hierarchia no Exercito e na Armada.

3) Nome dos officiaes do Corpo Cmts. Secção — Cia. — Btl. — fiscal —  
(pelo que são conhecidos) Sub-Cmt. — Cmt. R. I. — Bda. I. — D. I.

4) Nome das altas autoridades do Paiz

5) Armas existentes no Exercito e seus distintivos

6) Uniformes — Distintivos — (só os principaes) — Concretisando com os quadros existentes na Cia.

7) Procedimento do soldado — No quartel — na rua — nos estabelecimentos publicos — lugares de diversões  
(perfeiçoamento do já ensinado na instrucção preliminar) vehiculos — No caso de licença — Doença — Como plantão — Sentinelha — patrulha — Cumprindo uma ordem — Em viagem por terra e por mar — Perante ás autoridades civis — Como testemunha.

8) Deveres Geraes do soldado (em casos concretos e nos momentos propicios) — Obediencia — Subordinação — Respeito e dedicação á instrucção — Disciplina.

9) Noções de Hygiene e primeiros Soccorros.

A) *Noções de hygiene*

Individual } Cuidados particulares com certas partes do corpo, como sejam cabeça — boca — pés — hygiene do uniforme — cama.

Collectiva } Hygiene do quartel e de suas diversas dependencias — alojamentos privadas — refeitorios.

Profilaxia das doenças venereas — (prelecções pelo medico do R. I.).

B) *Primeiros Soccorros*

I) Meios de evitar e remover os accidentes geraes produzidos pelo sol, calor, frio, fadiga durante os exercicios e marchas.

II) Meios de evitar e remover os accidentes locaes produzidos pelo calçado, mochila, perneira, etc. durante as marchas e exercicios.

III) Pacote de curativo individual e sua applicação — (modo de conduzir e emprego) primeiros cuidados a dar aos doentes — curativos de emergencia em campanha.

10) Transgressões disciplinares e crimes (exemplificados pelo Boletim do Corpo).

11) Pedidos — Requerimentos — Partes — Queixas — Justificativas.

12) Serviço Militar

} Deveres do reservista — Noções da conducta individual na mobilisação.

13) Continencia e suas gnaes de respeito (Instrucção objectiva)

} I) Definição — attitude, gesto, occasião e duração.  
II) Autoridades que tem direito.  
III) Quando se cruzam dois militares  
IV)      >      chamado por um superior  
V)      >      um militar alcança um superior em marcha no mesmo sentido.

- VI) A' Bandeira — Hymno e Presidente da Republica, Ministro da Guerra e Officiaes Generaes — Congresso e Supremo Tribunal quando incorporados.
- 13) Continencia e suas gnaes de respeito (Instrucção e objectiva) VII) Tendo um embrulho na mão
- VIII) Si encontra o superior numa escada
- IX) Si na entrada de uma porta
- X) Nos passeios das ruas
- XI) Quando um militar entra num bonde, carro de estrada de ferro, hotel, sala de diversões.
- XII) Nos vehiculos de condução publica
- XIII) Quando encontrar uma tropa
- XIV) A's sentinelas.

São prohibidas terminantemente as explicações theorecas.

*B) EDUCAÇÃO MORAL*

- I) Patriotismo — Pátria — Bandeira — Hymno
- II) Virtudes Militares (Camaradagem — Coragem — Bravura — Abnegação — Iniciativa — Honra).
- III) Espírito de Corpo.
- IV) Sentimento de dever — espírito de sacrifício — Importância das forças moraes.

*2.º) Educação Physica*

Secções de estudo — Lições de Educação Physica para normaes (poupados e selecionados si houver).

*3.º) Instrucção Technica*

*A) ARMAMENTO*  
Fuzil Mauser 1908.

- 1) Apresentação da arma ao recruta — Apparelho de pontaria — abrir e fechar a culatra — Engatilhar e desengatilhar.
- 2) Desmontagem e montagem
- a) Ferrolho — b) Vareta c) Cobre mira d) Fundo do deposito — transportador e mola respectiva — e) Collocar e retirar o guarda feixo.
- 3) Carregar e descarregar
- 4) Travar e destravar
- 5) Graduar a alça

- 6) Disparar a arma
- 7) Conservação e limpeza — (a medida de sua necessidade)
- 8) Nomenclatura (durante os ensinamentos dos itens acima enumerados.
- 9) Incidentes de tiro e modo de sanal-os.
- 10) Dados numericos essenciaes
- 11) Munição empregada.
- 12) Sabre-bayoneta com bainha.

## F. M. H.

- 1) Apresentação da arma ao recruta — Desmontagem e montagem
  - a) Abrir a tampa — b) Receptor do alimentador — c) Cavilha — d) Corona — e) Haste intermediaria — f) Embolo e culatra movel — g) Alavanca de manejo — h) Culatra movel — i) Percussor — j) Extrator — l) Mola recuperadora — m) Pés — n) Caixa do mecanismo de disparo — o) Registro de segurança — p) Gatilho — q) Regulador.
- 2) Operações essenciaes para utilizar a arma
  - a) Collocar a arma em posição
  - b) Manejo (engatilhar — alimentar — atirar — suspender, continuar a usar o tiro — fechar a culatra com a arma desprovida de carregador).
- 3) Nomenclatura indispensavel durante a execução do n.os 1 e 2.
- 4) Incidentes de tiro (Falta de carregamento do 1.º cartucho — Nega — Má apresentação do cartucho — Impossibilidade de trancamento) — Modo de sanal-os.
- 5) Limpeza e conservação
- 6) Munição, sobresalentes e accessoriros — carregar o carregador com a mão e com o apparelho de carregar.
- 7) Funcionamento
  - { O geral e maior. Imobilisadores do embolo —
  - Regulação do cylindro de gazes.
- 8) Material de transporte (como demonstração).

(Continua)

## Fichas de Instrucção

Escola de Infantaria 1935  
Corpo de Alumnos Sargentos 1.º Grupo de Instrucção-Combate

## FICHA N.º 1

ASSUMPTO: — Maneabilidade da PEÇA DE MTS. PESADAS (material carregado, isto é, sobre os cargueiros): — formações, movimentos e mudança de frente.

FIM: — Ensinar ao alumno as formações e o mecanismo dos movimentos mais communs á Peça, na marcha para o combate.

PESSOAL E MATERIAL: — O efectivo de uma Peça de Mts. P., mais o soldado armeiro da Sec.

DURAÇÃO: — Sessões de 50 minutos, em dias diários (em cada sessão executar-se-á parte dos incidentes constantes da ficha).

LOCAL: — Terreno limpo nas primeiras sessões variado nas sessões posteriores.

INCIDENTES A' CREAR	EXECUÇÃO E ENSINAMENTOS
<p>I — Uma Peça de Mts. P. com efectivo completo e mais o armeiro da Sec., estando com o material sobre os cargueiros (instrucção technica) e em uma formação qualquer, dá-se por meio de indicações aos cabos e diferentes serventes dos cargueiros, as formações de maneabilidade:</p> <p>1) COLUMNA POR UM</p>	<p>I — O instructor dirá: 1.º analogamente ao que sucede com o G. C., Pel. e Cia., as fracções de Mts. P. precisam se exercitar nos movimentos que mais commumente são empregados na marcha para o combate e durante este, isto é, fazer exercicio de MANEABILIDADE; 2.º Esses movimentos, a Peça, incorporada a uma Sec., faz geralmente numa das seguintes formações:</p> <p>1) — Como está prescripto para a Ordem Unida os cargueiros em columna, uns atraç dos outros, na ordem numérica crescente, a trez passos de distância. O Chefe de Peça dois passos á frente do 1.º cargueiro; os demais serventes nos logares habituaes. E' ESSA A FORMAÇÃO NORMAL DE REUNIÃO E DE MARCHA.</p>

INCIDENTES A CREAR	EXECUÇÃO E ENSINAMENTOS
2) EM LINHA:	2) — EM LINHA: <i>analogia á formação "Linha em uma fileira da Ordem Unida; tem duas modalidades:</i>
a) EM LINHA-CARGUEIROS A' ESQUERDA.	a) EM LINHA-CARGUEIROS A' ESQUERDA — os cargueiros ao lado uns do outros, na ordem numérica crescente, á trez passos de intervallo, ficando o 1.º cargueiro á direita. O cabo, d'ág <sup>o</sup> passos a direita do primeiro cargueiro, na altura do conductor. Os demais serventes nos seus logares habituas.
b) EM LINHA-CARGUEIROS A' DIREITA.	b) EM LINHA-CARGUEIROS A' DIREITA: semelhante á precedente ficando porém, o cargueiro n.º 1 á esquerda e o cabo á esquerda desse cargueiro.
II — <i>Estando a Peça em linha tomar para base o 1.º cargueiro e fazer aumentar o intervallo entre os muares.</i>	II — <i>Na formação em LINHA, o intervallo entre os cargueiros poderá ser de mais de trez passos.</i>
III — <i>Fazer a Peça tomar a formação em columna por um, com uma distancia entre os cargueiros superior a trez passos</i>	III — <i>Na formação em COLUMNAS POR UM, pode a distancia entre os cargueiros ser superior a trez passos.</i>
IV — <i>A Peça em Columna, os homens equipados, commandar: "Em Bandoleira-arma" e em seguida: "Sem cadencia-Marche"</i>	IV — e — V: — <i>MODO DE CONDUZIR A ARMA: 1) quando os serventes estiverem equipados (de mochila) conduzirão a arma em bandoleira, em qualquer dos hombros, independentemente do commando, collocarão a arma nessa posição todas ás vezes que, estando equipados, tenham de marchar.</i>

INCIDENTES A CREAR	EXECUÇÃO E ENSINAMENTOS
V — A Peça em columna, os homens desequipados, commandar: "Arma a tiracolo" — e depois: "Sem cadencia-Marche".	2) quando os serventes estiverem desequipados, conduzirão a arma a tiracolo. Independentemente de commando das ás vezes que, estando desequipados, tenham de marchar.
VI — A Peça em columna, os homens desequipados, commandar: "ATTENÇÃO — SEM CADENCIA-MARCHE". (a voz e por gestos)	VI — a) Os commandos são feitos á voz, por gestos, ou pelos dois meios ao mesmo tempo, como foi feito. b) Sempre que for necessário, o commando será precedido da voz ou signal de attenção, sendo isso obrigatorio quando o commando for feito sómente dor gestos.
VII — A Peça em marcha, commandar: "MARCHE-MARCHE" e depois, successivamente: "SEM CADENCIA-MARCHE" e "ALTO"	VII — a) Os deslocamentos são feitos no passo sem cadencia ou em marche-marche (animaes ao trote). b) Sempre que for possivel deve-se evitar romper a marcha ao trote e passar bruscamente deste ao "Alto". — Convém, portanto, romper a marcha no passo sem cadencia, passar deste ao marche-marche e voltar áquelle passo para fazer alto.
VIII — A Peça parada, mandar aproveitar quanto possivel, as cobertas existentes nas proximidades imediatas e que possam proteger homens e cargueiros.	VIII — Sempre que se faz "Alto", deve-se procurar abrigar das vistas, tanto quanto possivel e sem se afastar do local, homens e cargueiros.
IX — A Peça em columna por um, commandar: (á voz e por gestos): "FRENTE PARA A DIREITA-MARCHE", por indicações, fazer o chefe de peça voltar a frente para o	IX — A Peça parada, mudará de frente ao commando: "FRENTE PARA A DIREITA (ESQUERDA)" ou "(FRENTE PARA TAL PONTO)" desde que exista um ponto de referencia nitido. Para executar o movimento, o chefe de peça volta a frente para o lado ou ponto

INCIDENTES A CREAR	EXECUÇÃO E ENSINAMENTOS
<p><i>lado indicado e a Peça collocar-se em relação a elle, na formação em que estava.</i></p> <p>— Depois escolher um ponto e commandar: “FRENTE PARA TAL PONTO-MARCHE” e proceder como está dito acima.</p>	<p><i>dado e a peça se collocará em relação á elle, na mesma formação em que estava. No caso de mudança de frente para a retaguarda, o chefe de peça fará meia-volta e os cargueiros irão se collocar á sua retaguarda passando, então, sempre que possível, pelo seu lado esquerdo.</i></p>
<p>X — A Peça em marcha, commandar: “DIRECÇÃO A' DIREITA (OU ESQUERDA)—MARCHE”. fazer executar o movimento análogamente ao precedente e commandar em seguida: “DIRECÇÃO A' TAL PONTO-MARCHE” fazer executar, para depois commandar: “DIRECÇÃO A' DIREITA-MARCHE” e depois fazer executar.</p>	<p>X — A Peça em marcha muda de direcção ao commando: “DIRECÇÃO A' DIREITA (ESQUERDA) — MARCHE” ou “DIRECÇÃO A' TAL PONTO”. Para executar o movimento, o chefe de peça tomará nova direcção e será acompanhado pela peça na mesma formação em que estava. No caso de ter de marchar em direcção á retaguarda, o movimento será feito, sempre que possível, pela esquerda.</p>

Quartel em Deodoro, Maio de 1935.

(a) André Fernandes de Souza.  
1.º ten. Instr. Aux.

No proximo numero publicaremos outra ficha: Patrulhas — Ten. Bandeira de Mello — 5.º R. I.

Desejamos em cada numero publicar uma ficha de instrucção, afim de que se possa aquilatar o que vae pela instrucção nos corpos.

Appellamos para todos os nossos companheiros, no sentido de nos ajudarem, enviando-nos as fichas que julgarem uteis aos demais camaradas que na lucta continuada de preparar defensores do Brasil se empregam a fundo e sem desfalecimentos.

# SEÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: F. D. FERREIRA PORTUGAL  
Auxiliar: M. DANTAS PIMENTEL

## O caso de uma experiência que deu certo

Pelo 2.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

Eu que sou o heroe. Sem mentira nenhuma. Imaginem que feito bibliotecario do meu Regimento puz em practica aquelle innocent e vistoso numero 3 do paragrapho 3.º, artigo 294, do R. I. S. G., que manda abrir a Biblioteca a officiaes e praças.

Estou certo que fiz vantagem. Porque onde tenho andado a Biblioteca ou é abandonada, esquecida, inutil, ou ninguem sabe o que é porque vive fechada que nem caixa de segredos. Até me lembro duma perfidia bôa que vi fazer por causa disso. Foi num Regimento da fronteira, tido e havido na melhor conta. A Biblioteca, porém, era uma sala indevassavel cujo cheiro illustre só o official director aspirava... Dahi a pilheria gostosa e opportuna. Obra de mãos que só Deus sabe, surgiu uma um dia grudada á porta da Biblioteca uma taboleta de secção mobiliadora em que se lia em letras bem gordas e bem negras — Secreto.

Dei muitas voltas e noutra unidade vim a ser official bibliotecario. Para começar organizei umas directivas que além de outras coisas diziam o seguinte: "A Biblioteca regimental deve estar em condições de promover o constante aperfeiçoamento technico-militar dos oficiaes, sub-tenentes, sargentos, cabos e soldados; deve por outro lado offerecer-lhes meios de cultura geral; e deve ainda, dentro do seu campo, proporcionar-lhes elementos recreativos do espirito e de estimulo ás bôas letras. Para isso manterá as suas estantes em dia:

I — Com as melhores obras technico-militares, revistas technicas, publicações officiaes do Ministerio da Guerra, etc.

II — Com os grandes livros nacionaes e estrangeiros de cultura geral (historia, sociologia, economia, direito, phylosophia, sciencias, psych-analyse, educação sexual, etc.).

III — Com os grandes livros, revistas, jornaes de litteratura nacional e estrangeira".

Mais. "Será instituido um registro onde os officiaes poderão sugerir a aquisição de livros, dentro destes moldes, indicando o nome da obra, autor, editora e preço".

E, metendo logo mãos á obra, organizei os horarios tornando a Biblioteca accessivel a todo o Regimento. Em mesa propria colloquei papel de

carta, enveloppes, tinta, caneta, todo o necessário à correspondência. A mesa de leitura ficou coberta de tacos com o lençol polycromico de jornais e revistas de toda a parte. Estão vendos que comecei muito de indústria pela parte utilitária e recreativa.

Para encurtar história digo que o sucesso foi absoluto. A Biblioteca encheu-se de praças a que nunca tinha sido dado freqüentá-la. E no primeiro trimestre já pude assignalar o seguinte movimento:

Numero de officiaes que retiraram livros.....	14
Numero de livros retirados.....	33
Numero de sargentos que retiraram livros.....	4
Numero de livros retirados.....	6
Numero de cabos que retiraram livros.....	15
Numeros de livros retirados.....	50
Numero de soldados que retiraram livros.....	29
Numero de livros retirados.....	76
Total de homens que retiraram livros.....	62
Total de livros retirados.....	165

Agora antes de vencido outro trimestre já tenho diante dos olhos cifras muito mais expressivas. São 67 leitores que retiraram 224 volumes (35,7 % a mais sobre o trimestre anterior) sendo 80 de romances e contos, 56 de história, 24 de assuntos militares, 10 de educação sexual, 7 de poesia, 5 de psychanalyse e os 42 restantes espalhados por vários assuntos.

No trimestre anterior haviam sabido 75 romances e 26 obras de história. Vê-se que enquanto a percentagem de procura de romances sobe apenas de 6,6 % a de história pula de 115 % !

Passando em revista as preferências no tocante a autores aparece Machado de Assis consagrado em primeiro lugar. Tres livros seus somaram 12 saídas. Segundo: Humberto de Campos com 10 saídas para 3 livros. Depois Eça de Queiroz com 8 saídas para 3 livros. E, seguem-se Stefan Zweig com 6 saídas para 2 livros, Pandiá Calógeras com 5 saídas para 2 livros, Tolstoi com 6 saídas para 4 livros, etc.

Obras mais lidas? Fiquem sabendo que a turma aqui não deu folga ao "Braz Cubas" de Machado de Assis nem à "Mulher de 30 annos" de Balzac. Empate. Segundo lugar empate também com "Reliquia" de Eça de Queiroz, "Lyautey" de Maurois e "Concepção e Methodos Anteconcepções" de Mauricio de Medeiros. Em terceiro lugar vêm também emparelhadas as "Memórias" e "Memórias Inadabacas" de Humberto de Campos, "Maria Antonieta" de Stefan Zweig e "Napoleão" de Emil Ludwig. Mais dados que vale a pena denunciar. Vejo que quem mais lê entre nós são os cabos. Trinta e sete cabos me retiraram o despotismo.

de 132 livros, o que dá uma média de 3,3 contra a média de officiaes 3,08 que se lhes segue como mais alta, acompanhada de 2,9 (sargentos) e 2,5 (soldados). É notável também a "virada" dos sargentos que no segundo trimestre tiveram 150% mais que no primeiro deixando longe os officiaes com 118% e os cabos com 64%.

Confesso que não deu ponto foi o livro para sugestão sobre aquisições. Aí eu me enganei. Esperava que as folhas se entupissem umas atrás das outras e me ficasse um vasto campo de observação sobre o gosto, a cultura e as tendências ambientais. Mas não. Em seis meses surgiram apenas seis minguadas sugestões. Por sinal que até equilibradas. Um por exemplo, pede pacatamente um dicionário "Francez-Portuguez", outro a "Biotypologia" de Bernadinelli (official), e um terceiro deseja que o regimento aprenda a ser optimista com o livrinho milagroso do Dr. Victor Pauchet... Eu, porém, não me dou por achado. Tomo a greve de sugestões à conta da ausência muito natural e muito lógica de preferências. Estamos às voltas com leitores de primeira viagem sem rumo feito, sem entusiasmos e menos ainda sem paixões.

Basta espiar como não poucos se atiraram à psychanalyse, assunto muito moderno, muito palpável, mas com que seguramente eles não deviam ter grandes intimidades...

Chega, porém, de alinhar tanto número duro e solene arrastando conclusões, não menos solenes e graves.

Sei é que tudo isso pode ser cacete, até cacetíssimo, mas vale um bocejo. Eu levei de intento apenas mostrar que as Bibliotecas podem e devem ser dentro de cada unidade o seu órgão máximo de educação e cultura.

Licença para mais um numerozinho. Tenho anotado que sobe a 475 a média de soldados que desfilam todo o mês pelas poltronas da Biblioteca! Quem negará a significação educativa deste resultado?

Tenho também tomado nota que os nossos volumes de educação sexual não conhecem a formatura silenciosa das estantes, porque de mão em mão realizam o destino mais bonito de um livro. Está aí um exemplo típico.

Os homens se interessam e se enfrontam em matéria de tamanho tomo sem esforço. Quando que aquelas insossas prelecções médicas, muito nossas conhecidas, chegariam a esse resultado?

Assim em todos os assuntos. O livro é que é. Fala baixinho ao ouvido da gente, toma conta da cabeça; às vezes parece que fica pendurado nos olhos...

Não custa nada desempoeirar as nossas Bibliotecas Regimentais, deixá-las encher de luz e de gente.

Cuidado com a taboleta da mobilizadora...

# SEÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: I. J. VERISSIMO  
Auxiliar: PEDRO GERALDO

## Possibilidades de tiro (1)

Cap. A. C. DA SILVA MURICY

Vários são os processos para a determinação do ponto de alcance mínimo. Entre elles, os seguintes, são os mais utilizados:

- 1.º — o do graphic de trajectorias
- 2.º — o das trajectorias cotas
- 3.º — o das tentativas.

1.º — *Graphic de trajectorias.*

O graphic de trajectorias, não é mais que a projecção vertical das diferentes trajectorias correspondentes aos vairors alcances de cada especie de munição.

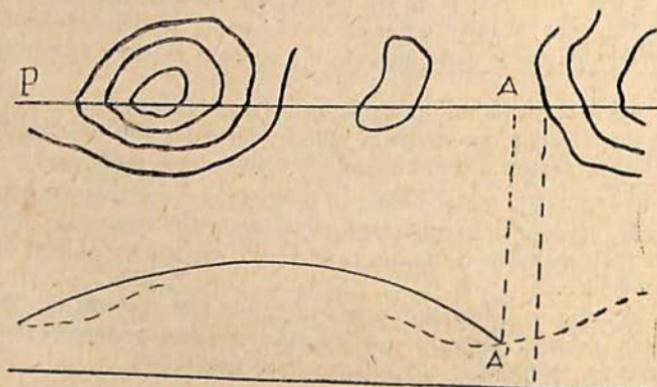


Fig. 13

O graphic é confeccionado em papel transparente numa determinada escala (geralmente 1/5000). Acompanha o material.

(1) Continuação do n.º 257

Para sua utilisação basta traçar o perfil do terreno na direcção considerada, na escala do graphicó, e applicar sobre esse perfil o graphicó correspondente á trajectoria  $t + s + \alpha$ .

Exemplo. — Seja  $P$  (fig. 13) a posição da Bia e  $PA$  a direcção em que se quer determinar o alcance minímo. Traça-se o perfil do terreno segundo  $PA$ , na mesma escala do graphicó, deixando-se de traçar (para economizar trabalho) a região media que não interessa á determinação.

Calcula-se o alcance correspondente a  $t + s + \alpha$ .

Escolhe-se a trajectoria correspondente a esse alcance e fazendo coincidir a origem dessa trajectoria com o ponto  $P'$  do perfil, gira-se o graphicó em torno desse ponto até que o plano horizontal do graphicó corresponda ao plano horizontal do perfil.

Neste momento o ponto de encontro da trajectoria com o perfil determina o ponto de alcance minímo  $A'$ . Basta transportal-o para a carta.

Em vista dos graphicós nãc terem acompanhado o material e não tem sido confeccionados, não podemos, actualmente, utilizar este processo.

#### 2.º) — TRAJECTORIAS COTADAS

O emprego de uma trajectoria cotada permite a determinação do ponto de incidencia dessa trajectoria com um terreno qualquer, sem ser necessário traçar o perfil desse terreno.

Vejamos como se cota uma trajectoria.

Sejam:

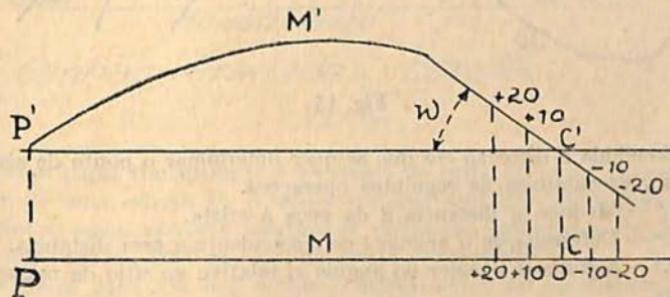


Fig. 14

$PM'C'$  (fig. 14), a trajectoria correspondente a uma distância  $D$  e a uma determinada munição.

—  $w$  o angulo de queda, correspondente fornecido pela tabella.

—  $PMC$  a projecção horizontal da mesma trajectoria, desprezada a derivação, em geral fraca nos canhões longos;

O ponto  $CC'$  representa o ponto de queda, e como elle tem a mesma altitude que a origem da trajectoria, sua cota é tomada como origem e, portanto, igual a zero.

Considerando recta a ultima porção da trajectoria, pode-se substituir-a pela tangente no ponto de queda.

Os pontos da trajectoria  $PM'C'$  de cota  $+20, +10, -10, -20$  etc. serão projectados no plano horizontal, sobre a recta  $PMC$ , nos pontos cotados  $+20, +10, -10, -20$ , etc.

Estes pontos cotados da recta  $PMC$  são equidistantes.

O valor dessa equidistância é dado pela formula:

$$e = \frac{10m}{tgn}$$

Vejamos como se emprega uma trajectoria cotada.

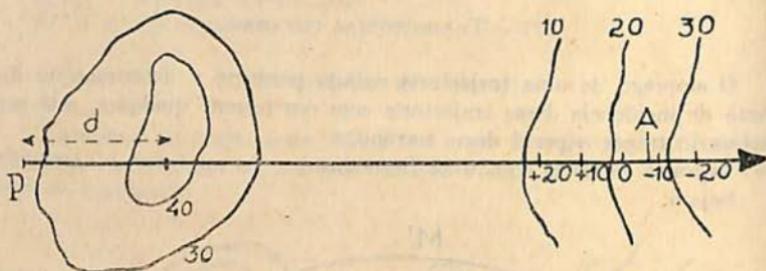


Fig. 15

Escolhida a direcção em que se quer determinar o ponto de alcance mínimo, executam-se as seguintes operações.

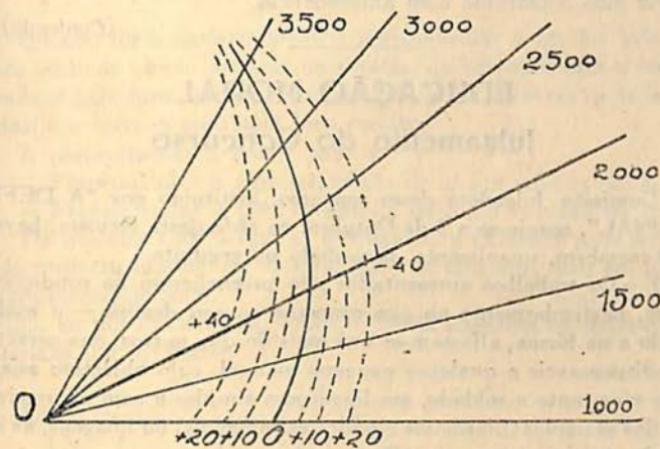
- 1.º — Mede-se a distancia  $d$  da peça á crista.
- 2.º — Determina-se o angulo  $t$  correspondente a essa distancia.
- 3.º — Somma-se o valor do angulo  $s$ , relativo ao sitio da massa cobridora.
- 4.º — Vê-se na tabella a distancia correspondente ao angulo  $t + s$ .
- 5.º — Determina-se o alcance correspondente a  $t + s + \alpha$  que indica qual a trajectoria cotada que deve ser utilizada.
- 6.º — Faz-se coincidir a origem da trajectoria com o ponto  $P$  da carta e a projecção da trajectoria com a direcção escolhida.
- 7.º — Procura-se o ponto em que a trajectoria e o terreno têm a mesma cota, partindo a procura do ponto zero da trajectoria que tem cota igual á da peça.

No caso da figura 14 esse ponto é o ponto *A*:

Na propria carta empregada e na mesma escala, pode-se traçar e cotar as direcções, como se fossem ellas as projecções horizontaes das trajectorias.

O trabalho assim feito, porém, não pode ser empregado em determinações ulteriores.

Para evitar esse inconveniente constroe-se o "leque de trajectorias cotadas" (fig. 16).



*Canhão... Granada... Escala...*

Fig. 16

Num papel transparente e na escala da carta utilizada, traçam-se a partir de uma origem *O*, diversos vectores com intervallos quaisquer.

Sobre esses vectores marcam-se distâncias diferentes de 500 m., 1000 m., 1500 m., 2000 m., etc. na escala conveniente.

Cota-se cada um dos vectores, calculando-se as equidistâncias em função dos angulos de queda correspondentes a essas distâncias.

Unem-se depois os pontos de igual cota dos diversos vectores.

Para se utilizar o leque basta verificar a que distância corresponde o angulo  $t + s + \alpha$ .

Si esse valor coincidir com o alcance de um dos vectores, utiliza-se o leque como foi dito atraç.

Não coincidindo, faz-se uma interpolação a vista entre os vectores acima e abaixdo do alcance encontrado.

Os inconvenientes do leque de trajectorias cotadas são:

— só poder ser utilizado na escala em que foi construído  
 — só poder ser utilizado para uma determinada munição  
 — Não ser muito preciso quando se tem que fazer uma interpolação a vista.

Suas vantagens são:

— Poder ser utilizado para qualquer terreno  
 — Poder ser utilizado mais de uma vez  
 — Haver economia de tempo na determinação do alcance mínimo si houver sido construído com antecedência.

(Continua)

## EDUCAÇÃO MORAL

### Julgamento do Concurso

A Comissão Julgadora desse concurso, instituído por "A DEFESA NACIONAL", reuniu-se a 2 de Outubro, na sede desta Revista, havendo os seus membros, unanimemente, accordado no seguinte:

1.º) — Os trabalhos apresentados não preencheram as condições do concurso, particularmente no que concerne ao seu destino — o soldado; no fundo e na forma, affastam-se uns mais do que outros, das características indispensáveis a qualquer pequeno manual, cujo objectivo seja pôr bem ao vivo, ante o soldado, em linguagem simples e com expressivos e adequados exemplos (brasileiros e nunca estrangeiros) ou imagens, as idéias e virtudes fundamentaes que elle deverá possuir.

2.º) — A titulo de estímulo, merecem receber os premios destinados ao segundo e terceiro classificados, os candidatos OLING (capitão Nilo Guerreiro) e TENENTE DELTA (1.º Tenente Danilo Paladini) que mais se approximaram das condições exigidas; ao primeiro caberá a importancia de 200\$000 e ao segundo a de 100\$000, que se acham na redacção da Revista á disposição dos interessados.

3.º) — E' digno de menção especial o trabalho apresentado por ZIMENDAL (Capitão Aluizio Mendes) que, embóra se affastando do objectivo do concurso, constitue um vigoroso trabalho cuja leitura será de todo proveitosa aos officiaes e que oportunamente será publicado.

4.º) — Concorreram os seguintes candidatos: — OLING, ZIMENDAL, CALY, BERGSON, MAC LYRA, TENENTE DELTA e VETERANO.

Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 1935.

A Comissão.

Tristão A. Araripe  
 Correia Lima  
 João Ribeiro Pinheiro  
 Severino Sombra

# Unidades Angulares

*Cap. JOAO MANOEL LEBRÃO*

(Conclusão)

## IV — DETALHES NA DETERMINAÇÃO DA PARALLAXE NO TERRENO QUANDO FOR NECESSARIO MEDIR A PERPENDICULAR A UM DOS LADOS.

Quando fôr necessário medir a perpendicular a um dos lados, muitas vezes teremos amplo arbitrio na escolha da perpendicular a medir, (ex: parallaxe para formação do feixe paralelo) e outras vezes os dados do problema e o terreno restrigem essa escolha.

A perpendicular a medir pode ser:

- Perpendicular a  $OB$ ; letavanda de  $B$  ou baixada de  $A$ .
- Perpendicular a  $OA$ ; levantada de  $A$  ou baixada de  $B$ .

De acordo com o que já estudamos, a parallaxe pode ser determinada quer em função da determinação da tangente, quer em função da determinação do seno.

Então, de um modo geral, todos os casos possíveis na determinação da parallaxe (fig. 6) serão:

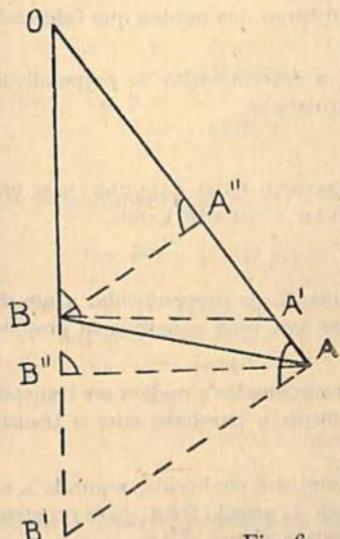


Fig. 6

$$\frac{BA''}{OA''} = \operatorname{tg} p \quad \frac{BA''}{OB} = \operatorname{sen} p$$

$$\frac{B'A}{OA} = \operatorname{tg} p \quad \frac{B'A}{OB'} = \operatorname{sen} p$$

$$\frac{BA'}{OB} = \operatorname{tg} p \quad \frac{BA'}{OA'} = \operatorname{sen} p$$

$$\frac{B''A}{OB''} = \operatorname{tg} p \quad \frac{B''A}{OA} = \operatorname{sen} p$$

Os casos em que aparecem as distâncias  $OA''$ ,  $OB''$ ,  $OA'$  e  $OB'$  podem ser desde logo abandonados se não for fácil obter essas distâncias com a approximação necessaria (detalhe II).

Normalmente o que acontece, é ser mais fácil determinar as distâncias  $OA$  ou  $OB$ . Em certos casos (ex.: parallaxe do ponto de vigilância em relação à linha  $Pd$ . — ponto de estação do operador), do ponto  $A$  ou do ponto  $B$  não se vê o ponto  $O$ . Em consequência não fica materializada a linha  $OA$  (ou  $OB$ ). Portanto, da linha não materializada no terreno, ( $AO$  por exemplo) somente um ponto pode ser utilizado, o ponto  $A$ .

Os casos possíveis ficam sendo somente aquelles em que entra a perpendicular baixada de  $A$  sobre  $OB$ .

Isto é:

$$\frac{AB''}{OB''} = \operatorname{tg} p \quad \text{e} \quad \frac{AB''}{OA} = \operatorname{sen} p.$$

A determinação da perpendicular a um dos lados pode ser fácil e feita ao duplo passo, nos seguintes casos:

- Se for de pequena extensão.
- Se o terreno é desembaraçado em torno dos pontos que interessam à medida da perpendicular.

Si o terreno não é desembaraçado, a determinação da perpendicular a vista será difícil e sujeita a erros grosseiros.

#### V — MEDIDA A B DETERMINAR A PARALLAXE PELO CALCULO, SEM PRECISAR MEDIR A PERPENDICULAR A UM DOS LADOS.

Quando o terreno impede a determinação da perpendicular a um dos lados é preferivel determinar a parallaxe por uma construção graphica ou pelo calculo.

Si  $A$   $B$  e  $O$  são conhecidos por suas coordenadas e podem ser transportados para a prancheta com precisão, medir a parallaxe com o transferidor.

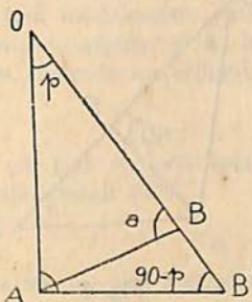
Si somente a posição relativa dos pontos é conhecida, segundo a estimativa da distancia  $AB$  e  $BO$  e a medida do angulo  $OBA$ , para construir a parallaxe, reproduzir em pequena escala a figura  $OBA$ .

Pelo calculo tem-se do triangulo  $OAB'$  (fig. 7)

$$\frac{OA}{\sin(90-p)} = \frac{AB'}{\sin p} \quad \text{ou}$$

$$\frac{OA}{\cos p} = \frac{AB'}{\sin p} \quad \text{donde}$$

$$(1) \dots \cos p = \frac{OA \sin p}{AB'}$$



Por outro lado o triangulo  $BAB'$  dá

$$\frac{AB'}{AB} = \frac{\sin(180-a)}{\sin(90-p)} \quad \text{ou}$$

$$\frac{AB'}{AB} = \frac{\sin a}{\cos p} \quad \text{donde}$$

$$(2) \dots \cos p = \frac{AB \sin a}{AB'}$$

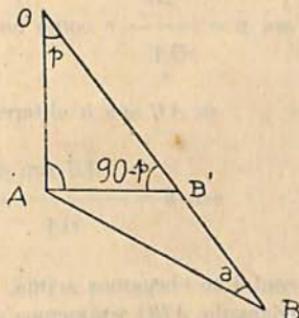


Fig. 7

então, pela comparação de (1) e (2) teremos

$$OA \sin p = AB \sin a$$

$$\sin p = \frac{AB \sin a}{OA}$$

(determinação de acordo com  
o Manual 75)

então, se  $AB$  estiver expresso em metros e  $OA$  em kilometros a formula dá a parallaxe em millesimos verdadeiros, dentro de certos limites.

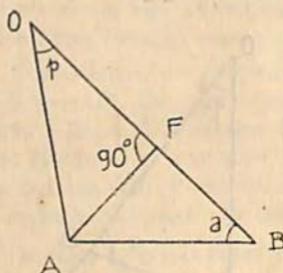


Fig. 8

$$p''' = \frac{AB \operatorname{sen} a}{OA}$$

Existe outra determinação dessa fórmula, muito mais simples.

Baixando-se de A uma perpendicular AF sobre OB (fig. 8) teremos.

$\operatorname{sen} p = \frac{AF}{OA}$  e como no triângulo rectângulo AFB temos  $AF =$

$= AB \operatorname{sen} a$  obteremos:

$$\operatorname{sen} p = \frac{AB \operatorname{sen} a}{OA}$$

conforme chegamos acima, e conforme poderíamos também obter se do triângulo  $\triangle ABO$  tirássemos a igualdade das relações entre os lados e os senos dos ângulos opostos.

Para utilizarmos praticamente essa fórmula, efectuemos 3 observações de ordem prática:

1 — Se estivermos em B e medirmos o ângulo  $a = ABO$  deveremos entrar na fórmula com a distância  $OA$  isto é, a distância do ponto O à extremidade da linha  $AB$  em que não estacionamos para medir o ângulo.

2 — O valor de  $\operatorname{sen} a$ , nos casos que não exigem precisão grande, não necessita ser dado com mais de uma casa decimal, pelo que, praticamente, é sempre fácil sua determinação, guardando-se os seguintes dados

$$a < 800'' \operatorname{sen} a = \frac{a}{1000} \text{ (ap.)}$$

$$\begin{array}{ll} 800 < a < 1100'' & \operatorname{sen} a = 0,8 \\ 1600 > a > 1100 & \operatorname{sen} a = 1 \end{array} \text{ (ap.)}$$

3 — Quando tivermos  $a$  maior do que  $1600''$  a formula acima para o calculo da parallaxe evidentemente não terá modificações, entretanto, podemos de preferencia tomar o suplemento do angulo  $a$  ao invés de  $a$  por ser  $\sin a = \sin (3200 - a)$  e, assim, podendo ser utilizada a observação anterior.

A hypothese de  $a$  maior do que  $3200$  não pode ser formulada porque o angulo interno de um triangulo não pode attingir  $3200''$ .

#### VI — A FORMULA É UTILISADA PARA MEDIDA DAS DISTANCIAS.

$$\text{Realmente: } p''' = \frac{dm}{Dkm} \text{ donde}$$

$$dm = p''' \times Dkm \quad \text{e}$$

$$Dkm = \frac{dm}{p'''}$$

Conhecidos dois dos elementos que entram na formula da parallaxe é então possivel determinar o terceiro.

Assim, se tivermos a uma certa distancia uma frente vista segundo um angulo de varios millesimos, para determinar o comprimento dessa frente, basta entrar com a formula acima deduzida.

$$dm = p''' \times Dkm$$

Se quizermos conhecer a distancia que nos separa de um determinado ponto onde existe uma frente ou altura previamente conhecidas (altura de um homem etc.).

$$\text{empregar } Dkm = \frac{dm}{p'''}$$

## VII — OBSERVAÇÕES SOBRE A PRECISÃO NA DETERMINAÇÃO DA PARALLAXE.

Para estudo feito verificamos que a parallaxe pode ser:

- medida
- calculada
- avaliada.

*Medida* — quando se utilizar um grapyico e effectuar-se a medida do angulo com o transferidor.

*Calculada* — E' o caso mais geral, com applicação da formula da parallaxe.

*Avaliada* — Quando as condições (tempo disponivel — terreno muito coberto) não permitem nem a medida nem o calculo. Influindo, entretanto, os conhecimentos dos detalhes da determinação do parallaxe para que a avaliação seja mais aceitável.

Nem sempre será possível determinar a parallaxe com grande precisão. Os detalhes estudados previam sempre a precisão dos dados obtidos ou uma approximação desses dados compativel com a precisão de  $1''$  na parallaxe. Acontece, porém, que muitas vezes a distancia  $OA$  ou  $OB$  será avaliada com erro superior áquelle que constitue o limite para obtenção da parallaxe com erro de  $1''$ . Não importa em muitos casos (colocação em direcção seguida imediatamente de uma regulação, por exemplo) termos obtido a parallaxe mesmo com erro do valor de  $10''$  e até superior. Em geral é muito mais necessário determinar a parallaxe mais rapidamente do que mais precisamente.

---

**Aos cadetes da Escola Militar e aos aspirantes da Escola Naval** que concluem os respectivos cursos no anno corrente, o illustre escriptor e jornalista **Luiz Edmundo**, offerece por intermedio da "A Defesa Nacional" o seu ultimo livro — **O Brasil no tempo dos vice-reis**. Pedidos ao Secretario.

# SEÇÃO DE ARTILHARIA DA COSTA

Redactor: J. BINA MACHADO

Auxiliares: ARY MONTEIRO DA SILVEIRA

JOAQUIM GOMES

ORIGENES LIMA

LÉO BORGES FORTES

## Minas Submarinas

Pelo 1.º Ten. JAYME ALVES DE LEMOS

(De um estudo feito no Forte de São Luiz em 1934).

Vejamos previamente algumas noções sobre minas e o seu emprego, assumpto este de interesse para os artilheiros de costa.

**Campo minado:** é a area marítima limitada por um campo de minas.

**Campo de minas:** é o nome dado ao agrupamento de varias minas fundeadas.

**Mina:** é um dispositivo estanque carregado com um determinado explosivo e com a faculdade de explodir debaixo d'agua.

As minas são classificadas em duas categorias: minas estacionárias ou fundeadas e minas derivantes.

MINAS	{	Estacionárias ou fundeadas.....	{	Controladas ou de observação
				Sem controle ou independentes
		Derivantes.....		Oscilantes

As primeiras ficam situadas no fundo do mar e podem ser controladas ou não. No primeiro caso são também chamadas de observação e no segundo, independentes. Elas diferem entre si pelo dispositivo de disparo.

As minas derivantes são pequenas e funcionam pelo choque; nela concetrou-se um determinado interesse tático.

Vejamos resumidamente cada uma de per si, bem como seu emprego.

### MINAS ESTACIONÁRIAS OU FUNDEADAS CONTROLADAS OU DE OBSERVAÇÃO

São volumosas e sua collocação é um tanto trabalhosa, em virtude do peso das ancoras bem como da presença dos fios de controle.

O estabelecimento de um campo com estas minas é moroso além do que exige pessoal experimentado e mar calmo.

A sua utilização é imprópria para alto mar; são empregadas nas passagens e canaes onde deve ser mantido o transito de embarcações neutras ou amigas.

Em logares onde a diferença de maré for grande, collocam-se 3 linhas de minas, de modo tal que a mais alta seja efficiente na baixa mar e a mais baixa na preá-mar.

Estas minas são ligadas á estação terrestre de controle, que as faz funcionar, no momento opportuno, em que o navio inimigo esteja navegando sob o seu raio de acção.

No caso da Defesa Costeira Americana, são ligadas ao P. C. do Comando da Bateria de Minas.

Esta categoria de mina tambem pôde ter o seu funcionamento automático, desde que permaneça fechado o disjuntor do controle.

Como acabamos de ver, para ter sua efficiencia torna-se imprescindível a sua collocação na vizinhança ou entrada de um porto, onde existam P/O. que facilitem o serviço de ocntrôle.

A sua acção é defensiva e exige a manutenção de Baterias de Tiro rápido de calibres entre 120 m/m e 150 m/m, cuja missão é bater estes campos minados e impedir a approximação dos caça-minas do inimigo. São estes campos minados (mina de observação) que aos artilheiros de costa interessam.

#### MINAS ESTACIONARIAS OU FUNDEADAS, SEM CONTROLE OU INDEPENDENTES

Estas minas são menores que as anteriores. São dispostas de modo tal que o seu lançamento é rapido e com velocidade apesar do estado do mar não ser bom. O seu emprego é offensivo; são utilizadas na formação de campos minados para a defesa das proprias aguas e bases avançadas; visando impedir a ocupação pelo inimigo, de logares cubiçados, barrar canaes ou como um auxilio tactico em combates navaes.

Apresentam o inconveniente de poderem ser rocegadas ou varridas pelo inimigo.

Na guerra européa o seu desenvolvimento attingiu a um alto gráu, a ponto de serem fundeadas á profundidade de 72 metros e dotadas de casco resistente a grandes pressões.

#### MINAS DERIVANTES

São pequenas e de facil manejo; a profundidade do mar e o seu estado não influem no seu emprego. As paravanas protectoras dos navios não as inutilisam, nem tão pouco pôdem ser rocegadas. Quando lançadas isoladamente, o bigode do navio tende a desvial-as para o bordo, não ha-

vendo assim o contacto esperado, salvo si elles estiverem directamente na sua prôa. Afim de evitar esse inconveniente e aumentar a probabilidade de exito, ligam-se duas a duas por um cabo de ligação (arame ou manilha), cujo comprimento varia de 60 a 180 metros; podendo-se assim ter de um a dois contactos, caso o navio passe entre elles. Ao grupo assim formado dá-se-lhe o nome de minas conjugadas.

O progresso moderno facilita a fabricação de minas derivantes de uma grande sensibilidade, bastando um choque no fluctuador ou no cabo suporte para provocar o contacto.

As minas quando conjugadas apresentam o inconveniente de tendrem a se approximar apôs algum tempo. Estas minas têm fluctuabilidade negativa e afim de evitar que excedam da immersão desejada, adoptam-se pequenos fluctuadores ou um meio de propulsão accionado por electricidade (bateria de accumuladores), apparelho de relojoaria ou ar comprimido. As que são assim confeccionadas recebem o nome de oscilante pois variam continuamente entre certos limites de immersão.

As minas, assim accrescidas, tornam-se caras, o seu funcionamento complicado e ás vezes duvidoso.

#### MINAS FUNDEADAS DIVERSAS

Das minas citadas existem modelos diferentes. Citemos como exemplo as de fundo e as dormentes.

Nas de fundo, como o nome indica, a boia é unida á mina e são colocadas nos lugares de pequena profundidade ou correntezas fortes. Seu funcionamento pôde ser occasionado pela vibração da agua, por electricidade ou ainda por boias de contacto. Só pôdem ser rocegadas por "rocega de fundo" e com menos probabilidade de exito que a rocega das minas fluctuantes.

As minas dormentes são lançadas no fundo e permanecem até que um dispositivo automatico as ponha em liberdade.

#### CARGAS

As minas modernas são carregadas com 300 ou 300 libras ou sejam 136 e 90,5 Kg, de trinitrotolueno ou trolit (T. N. T.).

Para que seja efficaz a explosão de uma dessas minas, a distancia entre o casco do navio de superficie e a carga explosiva, naquelle momento, não deve exceder de 11 metros. Esta distancia (raio de ação) varia com a carga e a immersão da mina. Existem fórmulas que permitem calcular tal distancia.

## LANÇAMENTO DE MINAS

O lançamento das minas é feito pelos navios lança-minas.

Na guerra europeia nenhum paiz aliado possuia navios mineiros. Foram convertidos em tal categoria cruzadores, canhoneiras, destroyers e varios navios mercantes.

Ao contrario se dava com os allemaes que tinham navios projectados e construidos para tal mistér.

O "Nautilus" e o "Albatroz" deslocando 2.000 tn. com uma velocidade de 20 nós e transportando cerca de 400 minas. Em 1916 eram postos a navegar o "Bremse" e o "Drumer" com deslocamentos de 4.000 tn., e 130 mts. de comprimento; armados de 4 canhões de 150 m/m; 2 anti-aéreos de 55 m/m e transportando cerca de 300 minas.

Presentemente, o Japão possue em sua esquadra 3 lança-minas: "Aso" (7.800 tn. 127 mts. de comprimento, 8 canhões de 150 m/m), "Katsusiki" (lançado em 1916, com 2.000 tn., 72 mts. de comprimento e 3 canhões de 120 m/m) e o "Tokiwa" (com 9.885 tn. e 4 canhões de 200 m/m).

A Inglaterra possue o lança-minas "Adventure", a proposito do qual o "Naval and Military Record" (em 1929) emitiu as seguintes considerações: "Nas manobras operou o "Adventure" como cruzador ou como lança-minas? Não conhecemos as razões que levaram o Almirantado Britânico a adoptar um tipo de cruzador para lançamentos de minas e não é facil deprender-as. A julgar pelos ensinamentos da grande guerra o melhor tipo para lançamento de minas em tempo de guerra é o submarino lança-minas."

O Arsenal de Portsmouth New Hampshire preparou para os Estados Unidos da America do Norte (1929) o submarino lança-minas "V 4". Tem as seguintes características: deslocamento à superficie 2.878 tn., 116 mts. de comprimento, velocidade 15 nós, armado com um canhão de 152 m/m, 4 tubos lança-torpedos e 60 minas.

As minas são lançadas de modo tal (mormente as de observação) a colherem os navios no raio de ação de qualquer delas. Assim sendo, a defesa será formada por uma rede de malhas triangulares, tendo em cada vertice uma mina de cada linha. A distancia entre elles é tal que a explosão de uma não acarretará a das outras.

Quando formados por duas linhas se dá o nome de xadrez.

Com uma terceira pôde formar o "quincunxio" ou a disposição em "Y".

Para um grupo de navios mineiros, lançando minas ao mesmo tempo, a formatura preconizada como a melhor é a linha. A distancia entre elles não deve ser menor de 360 mts. para os de 2 helices e de 450 mts. para os de uma só.

## DESTRUÇÃO DOS CAMPOS MINADOS

Tres são os processos empregados para abrir uma passagem através dos campos minados, a saber: a contra-minagem, a varredura e a rocéga. Vejamos cada uma separadamente:

A contra-minagem consiste na destruição das minas pela explosão de uma forte carga. O lançamento das contra-minas é feito entre a defesa do inimigo, provocando assim uma abertura que facilitará a passagem da esquadra atacante. O canal aberto, é marcado por meio de boias. Os navios que lançam as contra-minas são de grande velocidade e pequeno calado. E' também empregada a aviação neste mistér.

A varredura tem por fim pescar ou fazer explodir as minas. A varredura é feita pelos varredores (caça-minas). Elles pôdem ser caça-minas costeiros ou de esquadra. Como caça-minas costeiros dão bom resultado os grandes navios a motor, navios de pesca a vapor e rebocadores de alto mar.

O varredor é um rectângulo de um cabo de grande resistência que será mantido fluctuante e vertical, e, por sua vez, rebocado por 2 navios caça-minas. Os lados horizontaes do rectângulo deverão ter para dimensão a mesma do canal a varrer; a vertical, a mesma do calado do maior navio da esquadra atacante. Na parte superior do rectângulo são collocados fluctuadores e na vertical pesos que se destinam a manter o varredor na vertical. Elle é ligado às embarcações por meio de cabos que o rebocam a uma distância de 6 metros. A medida que a varredura vea encontrando as minas, por meio de dispositivos especiaes, elhas são explodidas. Melhor será executada a varredura quando feita no sentido da corrente.

Muitas vezes o varredor tem sido substituído por um simples cabo ligado a duas embarcações.

As varreduras feitas na ultima guerra pelos ingleses e americanos, foram em sua maioria executadas por navios aos pares, operando em grupos de seis. Foi empregado, pelos franceses e ingleses, um simples apparelho para rocegar que exigia um unico navio. Este sistema tem a vantagem sobre o anterior (com um numero par de caça-minas) nas manobras e passagens estreitas, mas não possue a certeza e a resistência da rocéga dupla.

Tres são as formações usadas para varredura: a columna, a linha e a linha de marcação.

A rocéga tem por fim inutilizar os cabos collectores de energia eléctrica utilizando para isto harpeos e fateixas que os unham.

Estes harpeos pôdem ser: avisadores, de mola, cortadores e explosivos. Opera-se a rocégagem da mesma maneira que a varredura.

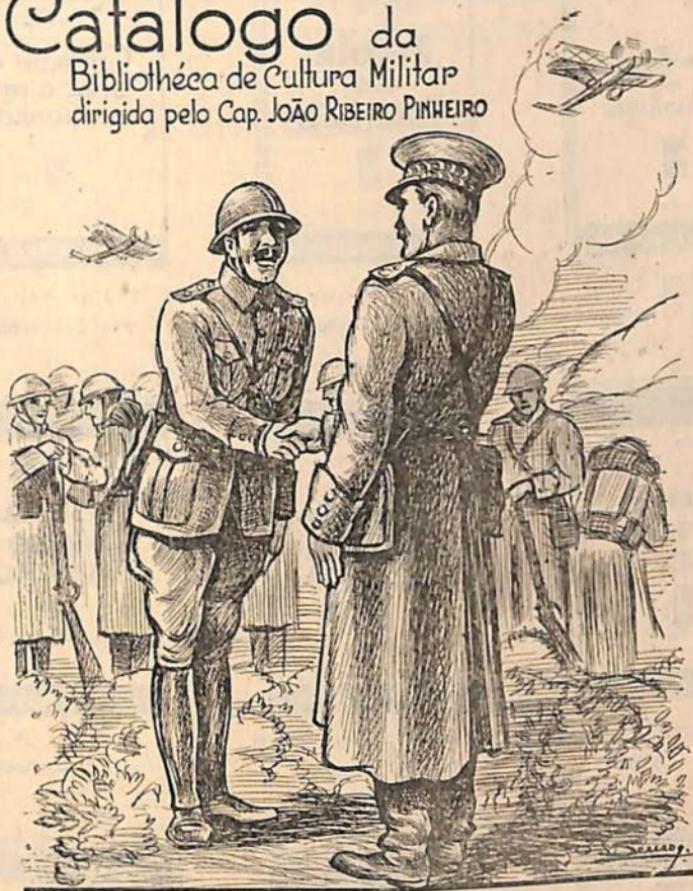
## CONSELHOS A TODOS OS INSTRUCTORES

Preparação do desenvolvimento de uma aula. — A ligação efficiente e a exposição requerem cuidadosa preparação. Delineie de antemão a directriz da aula. Considere bem estes dois factores inteiramente em conexão: assumpto e maneira de apresentação. Determine os topicos de maior e menor importancia do assumpto e destine a cada um, um certo tempo do periodo de exposição ou da conferencia. Medite sobre o modo como pôde despertar o interesse da classe um determinado assumpto particular. Prepare planos para ligação, quer por meio de uma breve revisão do que já foi ensinado na lição precedente, ou de alguma outra materia apropriada da qual se deva partir. Reserve alguns minutos no fim do periodo para annunciar a materia da proxima lição, indicando seus pontos principaes. Escreva um esboço, um esquema ou indice de sua lição. Tal esboço escripto o guiará na aula. Conservado para referencia, elle lhe poupará trabalho, quando tiver que repetil-o a outra classe, mas revise esse plano á luz da experiençia sempre que elle fôr utilizado. O aperfeiçoamento vem atravez de intenso e ardente esforço e da eliminação dos erros cometidos e verificados. Siga fielmente o arranjo de tempo estabelecido para a lição: tantos minutos para este topico, tantos para aquelle. Em vez de embaraçal-o, este programma relativo ao tempo, de muito o auxiliará, pois evitara um atropelamento no fim da aula, para compensar o tempo perdido com assumptos não essenciaes. Conserve o plano, com seus horarios, topicos e questionarios — e um relogio — sempre sob suas vistas.

Depois de delinear a exposição da lição, verifique o numero de pontos aos quaes se pôde applicar uma demonstração. Quanto mais baixo fôr o grau de intelligencia, mais limitada a imaginação e menor a curiosidade da classe, a respeito do assumpto em estudo, tanto maior será o valor das demonstrações. Em qualquer caso, elles servem para illustrar e fazer entender melhor aos alumnos menos vivos e menos imaginativos, os principios que, se fossem apresentados apenas abstractamente, jamais elles conseguiram aprehender. Em alguns casos, quando as oportunidades para applicação são limitadas, pôde-se empregar uma demonstração em substituição daquella.

Quando um novo assumpto vae ser iniciado, é conveniente não tomar logo a lição do livro ou entrar logo na materia, mas discutir com a classe, de um modo simples e sem formalidades, informações geraes e o objectivo dessa materia, para estudar a primeira lição, explicando e esclarecendo os novos termos e as novas idéas nella contidas, e que de outro modo, não teriam significação para o alumno sem uma prévia informação do assumpto em questão.

# Catalogo da Bibliothéca de Cultura Militar dirigida pelo Cap. João RIBEIRO PINHEIRO



## APÓS AS MANOBRAS

— Felicitações, Capitão, a sua companhia está excellente.  
Bem se vê que está em dia com os seus conhecimentos militares.  
— Graças a "BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR",  
meu General.





# SEÇÃO DE TRANSMISSÕES

Redactor: BENJAMIN GALHARDO

## Transmissões

CONFERENCIA REALIZADA NAS ESCOLAS DE ARMAS

Pelo Cap. PEIXOTO

### A LIGAÇÃO E AS TRANSMISSÕES

*Os meios de ligação e os meios de transmissões.*

#### I) A ligação e as transmissões antes da guerra 1914/1918:

- a) Como o problema era encarado nessa época;
- b) As transmissões no exército francês;
- c) As transmissões no exército alemão;
- d) Conclusões.

#### II) A ligação e as transmissões durante a guerra 1914/1918:

- a) No ano de 1914;
- b) No ano de 1915;
- c) No ano de 1916;
- d) No ano de 1917;
- e) No ano de 1918;
- f) Conclusões.

#### III) A ligação e as transmissões apóz a guerra 1914/1918:

- a) Distinção entre a ligação e as transmissões;
- b) As transmissões — arma do comando;
- c) Papel dos meios no problema transmissões;
- d) Classificação dos meios de ligação;
- e) Classificação dos meios de transmissões;
- f) Conclusão final.

I) *A ligação e as transmissões antes da guerra 1914/1918.*a) *Como a questão se apresentava nessa época.*

A guerra, arte experimental que é, tem como fonte de seus ensinamentos a história das guerras, quando os exercitos delas não participam.

Assim, voltemos os nossos olhos á estrada empoeirada do passado.

Este retrocesso faz-nos concluir, quanto á ligação:

“A ligação, quer antes, durante, ou após a guerra 1914/1918, foi sempre tão necessária quanto hoje.”

Apenas, antes, parecia simples de realizar e não exigia meios complexos.

Durante a Guerra, porém, surgiram necessidades novas, exigindo ligações mais numerosas e melhor constituídas, em virtude da extensão das frentes de combate, da cooperação mais estreita da infantaria e da artilharia e dos novos meios de combate postos em ação.

Durante a Guerra as transmissões se tornaram cada vez mais importantes e necessárias, e o problema que o Commando apresenta ao technico é cada vez mais complicado.

Em verdade o problema é sempre o mesmo: deseja-se ligar *A* e *B*. Porém, *A* e *B* são cada vez mais difíceis de ligar: afastamento dos P. C., dificuldade de circulação na zona de frente, maior potencia dos meios de destruição.

Para resolvê-lo, emprega-se uma série de meios, ora simples, ora complicados e cujo desenvolvimento vamos ver agora.

b) *As transmissões no exercito francês*

Peço-vos venia para ler, o que a respeito diz a Escola de Ligação e Transmissões de Versalhes:

“Quando relembramos as batalhas de Agosto de 1914, tem-se a tendência de acreditar que a ligação no combate foi uma das causas que se tinham omitido nos regulamentos anteriores á guerra.”

Lê-se no regulamento do serviço em campanha de 1913, art.º 23:

“Entre unidades vizinhas, o apoio reciproco resulta, antes de mais nada, da convergência das missões determinadas pelo commando Superior.”

Mais adiante:

“Todo ataque implica na cooperação estreita da infantaria e da artilharia. O cmt. da Divisão assegura a ligação entre essas duas armas pelas missões que lhes atribue.”

Lê-se no regulamento de manobras da artilharia:

"Si a missão de um grupo é apoiar especialmente um ataque determinado, seu chefe se põe em relação com o Cmt. da tropa de infantaria encarregada de executar o ataque. Este entendimento prévio entre os executantes é a base da ligação."

Mais:

"Durante a execução da operação, o Cmt. da artilharia se esforça por se manter em comunicação com o Cmt. da infantaria, por todos os meios possíveis."

Conclui-se dessas citações que os regulamentos anteriores à guerra haviam claramente reconhecido e expremido a necessidade de estabelecer inicialmente a ligação no combate pelas ordens de operações. Quanto à sua manutenção no decorrer da luta, temos que considerar a ligação sob três aspectos principais:

- ligação infantaria — artilharia;
- > lateral;
- > de comando.

#### *Ligação inf. — art.*

Quanto à ligação infantaria — artilharia, no decorrer do combate, encontram-se ligeiras referências no parágrafo do regulamento já citado. Porém, é conveniente acrescentar, que por falta de meios para realizar o contacto preconizado, tal dispositivo era letra morta.

#### *Ligação lateral*

O nosso reg. do serv. em campanha de 1913 dizia:

"Em nenhum caso a ligação lateral deve ter como consequência attenuar a vontade de agir ou retardar o momento da ação."

Não havia uma manobra de quadros onde esse axioma não fosse repetido á saciedade.

#### *Ligação de comando*

Quanto à lig. de comando pensava-se tel-a resolvido:

1.º) Pela observação directa do Chefe. Admittia-se, com efeito, que o Commando, (pelo menos no escalão Divisão e unidades menores) podia seguir com a vista os acontecimentos na zona de ação de suas unidades.

2.º) Por meio de agentes de ligação, dispondo de agentes de transmissões (cavaleiros, cyclistas); os cavaleiros recolhiam as informações e os cyclistas asseguravam sua remessa aos destinatários.

E, em consequência, o exercito francez dispunha de meios de transmissões precários, em quantidade e qualidade.

c) *As transmissões no exercito alemão*

A respeito das transmissões neste exercito, antes da guerra 1914/1918, vejamos o que nos diz o Cap. Tage Carlsward, professor do Serviço de Communicações da Escola Superior de Artilharia e Engenharia da Suécia:

"Para uma melhor comprehensão das causas do fracasso do serviço de communicações operativas no exercito alemão em numerosas partes e em pontos decisivos no campo de batalha do Marne, em 1914 — fracasso que naturalmente causou uma surpresa geral — é necessário analy-  
sar rapidamente qual foi a evolução desse serviço no dito exercito, durante os annos que precederam á guerra 1914/1918.

No anno de 1887 creou-se na Alemanha a primeira unidade de telegraphistas, que surgiu fazendo parte do Batalhão de Sapadores Pontoneiros.

Esta companhia foi reorganizada em 1896.

Porém, a telegraphia militar alemã data, na realidade, de Outubro de 1899.

Até esta data, o pessoal de telegraphistas se instruia na arma de sapadores pontoneiros. Porém, rapidamente se reconheceu que dois ramos technicos tão distintos não podem pertencer á mesma unidade em tempo de paz.

E a solução natural levou á criação dos batalhões de telegraphistas. Os tres primeiros batalhões foram criados em 1899.

Em 1901 é criado o 4.º batalhão (1.º batalhão de telegraphistas bavaros.)

Em 1905 foram organizadas as primeiras companhias de radiotelegraphistas, após varios annos de experiencias com o material radio da época.

Cumpre observar que a introdução deste meio sofreu resistência por parte de diversas autoridades superiores do exercito.

O inconveniente de seu emprego consistia no facto do inimigo escutar as comunicações, diziam.

Apezar disto, o Chefe do Estado Maior fez sentir ao Ministerio da Guerra a necessidade e a importânciâa de dispor do material radio telegráfico.

Nos annos seguintes outros batalhões de telegraphistas foram organizados e ao estalar a Guerra Mundial, existiam no exercito alemão nove batalhões de telegraphistas."

Mesmo assim, o Serviço de Communicações havia sido tomado em pouca conta pelo exercito alemão.

Nesse exercito, "tal serviço era objecto de uma certa desconfiança."

Uma opinião muito defendida, era a de que "no momento opportuno falhavam os meios technicos de communicação, só se podendo depositar confiança nos mensageiros e estafetas."

d) *Conclusões*

Do que acabamos de ver, podemos concluir:

1.º) Que os regulamentos anteriores á guerra 1914/1918 reconheceram a necessidade da ligação, e que, aliás, facilmente se deprehende das citações existentes nos mesmos.

2.º) Que a ligação deve ser estabelecida inicialmente pelas ordens de operações.

3.º) Que, se por um lado a previram, por outro lado, para entretel-a no decorrer do combate, apenas haviam estabelecido meios notoriamente insuficientes.

4.º) Os meios de transmissões eram pouco numerosos, e a confiança depositada nos poucos meios existentes ainda era mais insignificante ou mesmo nulla.

O que resultou disto é que a questão "ligação" absorvia as "transmissões" podendo mesmo se afirmar que só se falava em "ligação".

(Continua)

Serão postos á venda na A DEFESA NACIONAL este mez:

## MANUAL DO SAPADOR

Major BENJAMIN GALHARDO

Preço: 15\$000

## Questões de Concurso á E. E. M.

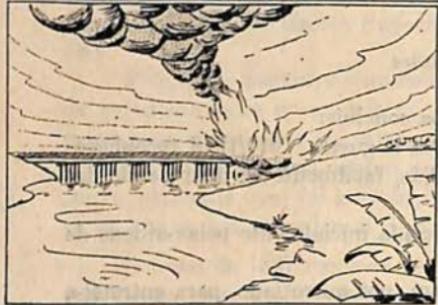
Cap. PEDRO GERALDO

Preço: 1\$500

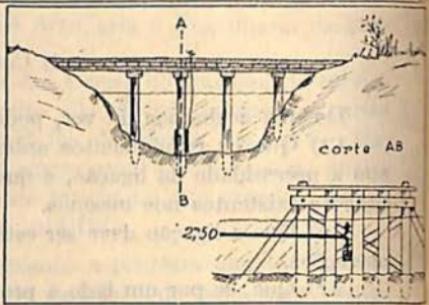
# DESTRUICOES

Pelo Cap. Lima Figueirêdo

## NAS PONTES DE MADEIRA



O PROCESSO MAIS ECONOMICO  
É O FOGO

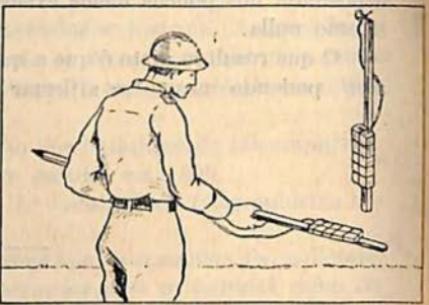


UMA CARGA DE POLVORA DE 50 KG  
COLLOCADA JUNTO A ESTACA CENTRAL  
E A 2,5 DE PROFUNDIDADE DESTROE  
TODO RENQUE DE ESTACAS

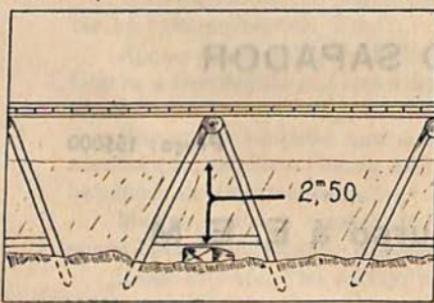


MEDINDO A PROFUNDIDADE  
COM A SONDA  
DENTRO D'AGUA BASTA  
ENCOSTAR A CARGA DE MILHIMITE NA ESTACA A ROMPER.

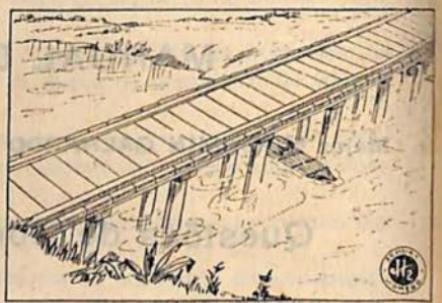
4 PETARDOS ROMPEM UMA ESTACA DE 0,50 DE DIAMETRO.  
UMA CARGA DE 5 KG DE MILHIMITE COLLOCADA A  
0,30 PELO MENOS ABAIXO D'AGUA, DESTROE UMA ES-  
TACA DE 0,30 DE DIAMETRO Á DISTANCIA DE 0"50.



PREPARA-SE A CARGA FÓRA D'AGUA  
NUM SARRAFO DE MADEIRA  
COM O COMPRIMENTO  
NECESSARIO



30 KG DE POLVORA COLLOCADO A 2 OU 3  
METROS ABAIXO D'AGUA DESTROEM  
2 OU 3 ESTACAS



DESTRUIR UMA PONTE EMPREGANDO UMA BALSA  
30 KG DE POLVORA EM UMA JANGADA  
POR BAIXO DO TABOLEIRO FAZEM  
SALTAR DOIS LANCES.



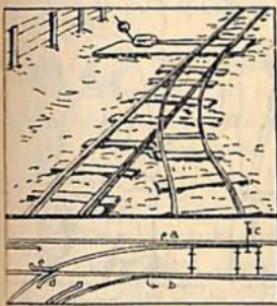
# Nas vias ferreas



LOCAR DOIS PETARDOS NA GOLLA DO TRILHO EM SENTIDO HORIZONTAL, ENTRE DOIS DORMENTES.  
O OPERADOR DEVE AFASTAR-SE 80 METROS NO SENTIDO DO TRILHO



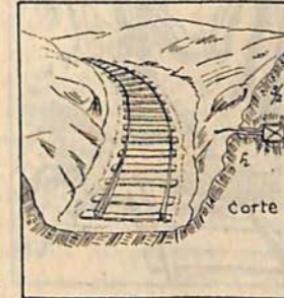
BIMARIO DE CAVALLARIA



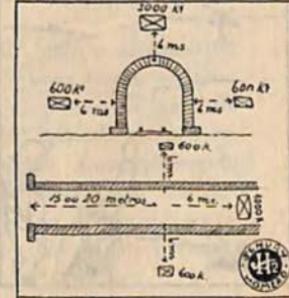
**DOIS PETARDOS COLLOCADOS NAS PAREDES LATERAIS**



**FRIA - 5 PETARDOS CONTRA A PLACA TUBULAR DA FORNALHA.**  
**QUENTE - 3 PETARDOS EM CADA BIELA; QUEBRAR O PARAFUSO DE MANOBRA DO INJECTOR**



**QUEDA DE BARREIRAS**  
 $C = \frac{1}{3} gh^3$  (terra)  $g$  (ROCHA) = 3,0  
 $C = gh^3$  (ROCHA)  $g$  (TERRA FORTA) = 2,0  
 UNIDADES: m x g  
 $g$  (TERRA FRACA) = 1,2



# De árvores



COM UM CORDEL MEDE A CIRCUNFERÊNCIA DA ÁRVORE. DIVIDE-SE POR 3 PARA TER O DIÂMETRO.



DIÂMETRO MENOR DO QUE 0,50  
CARGA EM COLAR

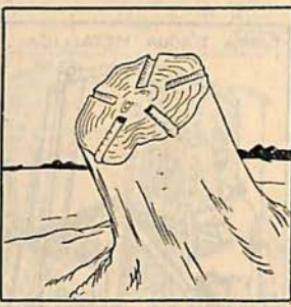


DIÂMETRO MAIOR DO QUE 0,50  
CARGA INTERIOR



COLAR  $(C \cdot 10d^2)$  (Madeiras molhadas)  
 $(C \cdot 13,5d^2)$  (Madeiras duras)

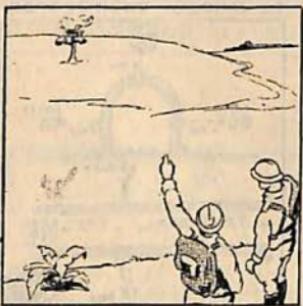
INTERIOR -  $C \cdot 3d^3$  (KG)



LOCALIZAR OS FUROS PARA A CARGA DE MODO QUE NÃO SE CRUZEM



OTRADO QU A PUA DEVEM SER MANTIDO NA HORIZONTAL  
TEMPO MÉDIO:  
5 MINUTOS PARA 0,25



UMA ÁRVORE ISOLADA NO CAMPO, SERVE DE REGULAÇÃO AOS TIROS DO INIMIGO.



UMA ÁRVORE GROSSA DERRUBADA SOBRE UMA VIA FERREA IMPIDE O TRAFEGO POR ALGUM TEMPO.



AS ÁRVORES ALTAS NAS ORLAS DOS CAMPOS DE AVIAÇÃO SÃO PERIGOSAS.

# SECCÃO DE ESTUDOS SOCIAIS

Redactor: A. F. CORREIA LIMA

## O SOCIALISMO

(Conf. pronunciada na Escola do Estado Maior do Exercito; em 12 de Outubro de 1935).

*TRISTÃO DE ATAHYDE*

O socialismo está para o século XX como o liberalismo para o século XIX. É o sistema do dia. É o regimen da moda. É a grande novidade sociologica e politica a que se apegam todos aquelles que desejam não passar por anachronicos ou que julgam depreciativo o termo — reaccionario.

“Eu sou socialista”, dizia-me ha tempos um fervoroso catholico. “E que entende o sr. por socialismo”, retruquei. “Todo regimen social que vize o melhoramento da sociedade.”

Se assim fosse, seríamos realmente socialistas todos nós, — pois a não ser um numero relativamente pequeno dos que julgam que a sociedade de hoje é a melhor possível no melhor dos mundos — todos aspiramos a uma sociedade onde se possa garantir mais justiça e bem-estar maior a um numero crescente de homens.

Nessa definição, porém, é que começa o equivoco. Como se deu também com o liberalismo. Definiu-se o liberalismo como a theoria que garantiu ao maior numero de cidadãos a maior liberdade possível. Ora, quem não ama a liberdade? Quem não aspira a ser livre, o mais livre possível para viver intensamente a vida? Se isso é que é — liberalismo — ninguém consente em não ser liberal.

O erro estava em confundir o adjetivo “liberal”, com o substantivo “liberal”. O adjetivo é uma virtude; o substantivo é uma escola politica. Pôde haver liberaes que não sejam liberaes. Como vice-versa, o facto de ser um anti-liberal, em politica, não exclui a possibilidade de ser um espirito liberal, isto é, livre, aberto ás idéas, generoso, comprehensivo.

Outro tanto se está dando com o termo — socialismo. Se o seu significado fosse realmente o que dizia aquelle meu amigo, só seriam anti-socialistas os aproveitadores da sociedade moderna. E seriam necessariamente socialistas todos os que aspiram a um mundo melhor.

N. R. — afim de publicar a presente conferencia fomos obrigados a interromper as optimas aulas do Cap. S. Sombra.

E' certo que a definição dos termos é livre. E no inicio de uma exposição de idéas, o essencial é fixar bem seguramente o que se entende por isto ou por aquillo. A grande maioria das discussões nasce de um mal entendido no significado das expressões empregadas pelos disputantes. E, muitas vezes, no fundo estão perfeitamente de acordo.

Por isso mesmo, nada mais necessário do que termos uma noção nítida de um termo como — socialismo — que hoje encontramos a tres por dois e que pretende ser o regimen politico futuro, o unico justo, científico, racional e moderno.

Não direi que a definição que aqui proponho seja a mais perfeita ou a unica possível. Parece-me, entretanto, que contém o essencial para que tenhamos uma noção objectiva do conceito.

Entendo por socialismo o conjunto de sistemas economico-philosophicos que atribuem á comunidade, com exclusão dos particulares, a propriedade dos bens materiaes e particularmente dos meios de produção.

Façamos rapidamente a analyse de cada um dos termos principaes dessa definição, para alcançarmos uma noção clara da materia em apreço.

Começamos por negar ao socialismo, como geralmente se crê, a qualidade de ser um só sistema politico ou economico. Quem diz socialismo, com rigor de expressão, diz conjunto de sistemas e não sistema unico. Não existe o socialismo. Existem numerosas especies de socialismo. Isto é banal para o sociologo não partidario. Mas é o contrario do que julga o "man in the street", como dizem os ingleses. E do que corre mundo, nos meios mais cultos, seja por deficiencia de informação, seja por desejo de confusão.

Falla-se de Socialismo, como se fosse um regimen de characteristics proprias.

Ora, nada de mais contrario ao que se passa, hoje em dia, no terreno das idéas e dos factos. Quando nasceu o socialismo moderno, ha cerca de um seculo, podia-se fallar nesse sentido, pois que era realmente uma escola social que nascia em reacção contra o individualismo dominante, ou uma classe social, o proletariado, que abria suas baterias contra outra classe social — a burguezia.

Tudo isso, porém, mudou radicalmente em um seculo. As escolas socialistas multiplicaram-se, no decorrer do seculo passado e nos trinta e cinco annos deste em que vivemos. E no leque das cores politicas dos parlamentos e dos Estados modernos, o socialismo já não é privilegio da extrema esquerda. E, muito ao contrario, extrema esquerda e extrema direita se unem na aceitação concomitante de muitas theses socialistas. E o proprio centro também não fica atras...

Teríamos, então, dir-se-ha, a universalisação do socialismo? Não. O que temos é o emprego illegitimo de um termo elastico, que vai ser

vindo hoje em dia a todos os tratamentos sociaes como a triaga, em tempos idos, servia a todas as applicações medicinaes. É uma expressão polivalente...

Encontramo-nos, por conseguinte, em face de um conjunto de sistemas que se prendem ao socialismo ou delle se desprenderam e que podem merecer o epitheto sem cahirmos na confusão. A distincção mais geral que se pode fazer, para uma summaria classificação desses termos, entre escolas socialistas subjectivas e escolas objectivas.

Naquellas, como a palavra está indicando, predominam os factores psychologicos, a vontade e mesmo a imaginação. É do sentimento das injustiças sociaes e da paixão de libertação individual que nascem as escolas de socialismo subjectivo, que podem ser ainda subdivididas em duas classes: a do socialismo utópico, que foi a primeira phase da escola, com Saint Simon, Fourier, Cabet, Owen, etc. e que inspirara anteriormente aquelles systemas sociaes paradiziacos, construidos no domínio da imaginação, segundo o modelo approximado da Republica de Platão, fosse a "Cittá del Sole" de Campanelle, a "Utopia" de Owen ou os "phalanstérios" de Fourier. Foi o socialismo romantico e imaginativo, valido hoje, apenas, como categoria historica, se bem que ainda seja o que palpita no fundo do coração das massas proletarias. Pois o que ha de forte nocialismo, o que ficará no dia em que fôr vencido pelos systemas politico-sociaes que se contêm no mysterio do futuro, é justamente essa sêde de justiça, que existe immanente em todas as consciencias humanas, em face da inhumanidade das injustiças sociaes.

O socialismo anarchico, ou anarchismo, é a segunda classe de socialismo subjectivo. Nascido do individualismo e dos systemas philosophicos que sitúam o Ego no centro do universo, collocou-se a escola de Kropotkin, Bakounine, Reclus ou Malato não mais no terreno dos sentimentos, como os utópicos, mas dos factos. E creou o realismo socialista, aceitou o terrorismo, insurgiu-se por todos os meios contra a autoridade.

Tanto quanto a primeira, está hoje essa segunda forma de socialismo objectivo, em pleno anachronismo. O anarchismo é hoje uma theoria social do passado, cuja historia é bem illustrativa da precarieadde de todos esses systemas sociaes, que se basêam em soluções sentimentaes ou rationalistas ou que se contentam com uma observação unilateral e parcial da sociedade e da historia.

Passemos ás escolas objectivas. Poderíamos ainda dividil-as em socialismo objectivo impropriamente dito e socialismo objectivo propriamente dito. O primeiro poderia ser subdividido ainda em socialismo agrario, socialismo de Estado e nacional-socialismo.

O nome de Henry George está ligado á primeira dessas escolas, que vê no imposto unico a panacéa para a cura dos males sociaes. O nome de Franz Oppenheimer, grande economista e sociologo allemão moderno,

veio dar a essa solução agraria do problema social, pela suppressão da propriedade do solo, uma certa modernidade, que o agrarismo generoso de Henry George havia completamente perdido.

O "Katheder sozialismus" foi aquele que dominou nas universidades alemãs do século passado e embora de carácter teórico e de gabinete, inspirou certas reformas sociais de Bismarck.

E finalmente, terceira dessas escolas do socialismo objectivo impropriamente dito, teríamos de incluir ainda o socialismo que aceita a idéa de patria e a accentua mesmo de modo todo particular, como o nacional-socialismo alemão ou o socialismo de Gustave Hervé, que appella para Pétain em França, como ditador ou o neo-socialismo de Marquet.

Todas essas escolas e sub-escolas só têm de socialistas algumas theses e por isso aí ficam classificadas como socialistas objectivas, impropriamente ditas.

Quanto às duas escolas que se podem chamar hoje em dia de socialismo propriamente dito são — o syndicalismo e o comunismo.

Longo seria e deslocado no âmbito de uma conferência, entrar no estudo minucioso das theses communs aos dois e proprias de cada um desses ramos principaes do socialismo mais authentico de nossos dias.

Feita assim uma ligeira evocação das principaes tendencias do socialismo moderno, vamos proseguir na analyse dos demais termos da definição sugerida.

Conjunto de systemas economico-philosophicos, dissemos. Económicos, porque todas as escolas socialistas se basêam numa reacção contra as desigualdades economicas e visam, antes de tudo, reformar o sistema de distribuição da propriedade, quer suprimindo-a totalmente, quer redistribuindo-a sob outras modalidades.

O socialismo, porém, (e quando empregamos o termo no singular, fica entendido que contém todas as variadas nuances do seu rico prisma ideológico) — o socialismo não tem apenas carácter económico, se bem que seja este um dos aspectos controvertidos do sistema. Ha, em todas as espécies de socialismo, o germen, ao menos, de uma concepção completa da vida. E portanto de uma philosophia, de uma explicação geral das coisas. De um método de produção e distribuição de bens, passam todos, mais cedo ou mais tarde, a uma explicação geral da vida. E como essa philosophia, ao inverso do que a sã razão nos ensina, é nascida da economia, deriva em geral para o pragmatismo ou para o materialismo mais ou menos integral.

Passemos, então, á terceira parte de nossa definição: "que attribuem á comunidade com a exclusão dos particulares."

Temos aí outra característica commun às escolas socialistas: a accentuação de elemento massa ou collectividade, contra o individuo ou a pessoa. O socialismo nasceu contra o individualismo. Este teve a ob-

sessão do individuo e procurou um regimen social, politico e economico que defendesse, o mais possivel, o individuo contra a ingerencia da Classe, da Tradição, da Igreja ou do Estado. Do numero, expressão abstracta da collectividade popular exaltada pela democracia liberal, passou o socialismo a accentuar a massa concreta, real, tangivel, com a eliminação tão grande quanto possivel do individuo. O direito, a arte, a politica, a economia, tudo passou a ser obra da sociedade, em bloco. O individuo é que era a abstracção; o Povo a realidade. O individuo só possuia os direitos que a sociedade lhe outrogava. A declaração dos direitos do Homem, da Revolução individualista, sucedeu a declaração dos direitos da Massa, pela Revolução socialista. A um erro sucede o erro opposto, como acontece sempre, na historia, quando se tráe a essencial hierarchia e complexidade de todos os phenomenos sociaes concomitantes ou successivos.

E dessa hypertrophia da collectividade nasceram as grandes theses philosophicas ou sociologicas, latentes em todo socialismo. Primeiro o combate a toda philosophia do Espírito, a negação directa ou indirecta da alma humana immortal (incompativel com aquella supremacia da massa sobre o homem) e de toda ordem sobrenatural de valores, inclusive a de uma Causa suprema e livre de toda a creação.

Em seguida, o combate á idéa e ao amor da Patria, substituida pela Humanidade. E finalmente, a suppressão da Familia, meio de affirmação da liberdade do ser humano contra a tyramnia da massa ou do Estado, e sua substituição pela ideologia de Classe.

O anti-espiritualismo, o anti-patriotismo e o anti-familiarismo dos systemas socialistas, em grão mais franco ou mais disfarçado, constituem traços caracteristicos e communs a todos elles.

A hypertrophia da collectividade é o terceiro traço fundamental, por conseguinte, de nossa definição. E essa triplice negação bem mostra o carácter aprioristico de todo socialismo integral. Pois Deus, a Alma, a Patria, a Familia são realidades substancialaes da Natureza das Coisas que podem ser eliminadas quantas vezes queiram pelos preconceitos, pela força, pela decadencia de um regimen ou pela imperfeita observação das coisas, mas voltam sempre, cedo ou tarde, porque tudo o que existe de facto não pode ser negado por muito tempo. Dahi a precariedade de todos os systemas philosophicos puramente racionalistas e a pululação, hoje em dia, das doutrinas que reintroduziram os direitos do instincto, do inconsciente, da vida, do proprio irracional contra a tyramnia da razão pura e raciocinante. E o que se está passando actualmente na Rússia, ao cabo de quasi 20 annos de socialismo, com a revivescencia do patriotismo, com a persistencia do sentimento religioso e o não esphacelamento da familia, a despeito de todas as leis libertarias, é uma prova irrespondivel contra a ingenuidade de mais essa tentativa de negar os direitos da realidade, contra os caprichos de nossas preferencias sectarias ou individuaes.

Finalmente, diz a definição que essa atribuição à collectividade é a da "propriedade dos bens materiaes e particularmente dos meios de produção."

Em torno do problema da propriedade é que se vem travando toda a luta a favor ou contra o socialismo.

Ainda ahi, foi elle, e continua a ser, uma reacção exagerada contra um abuso real.

Foi a falsa comprehensão do direito de propriedade e, por conseguinte o seu emprego illegítimo, que determinou a formação de todo um movimento de idéas hostil à apropriação individual ou familiar dos bens. Segundo uma concepção racional do direito de propriedade, baseia-se elle na noção do bem *commum* e de justiça e não na de potencia individual. O direito de propriedade é natural, sem duvida, mas tanto ao homem como à comunidade. Nem esta pode absorver toda a propriedade dos bens materiaes; nem aquelle servir-se della contra os interesses daquella. Ha uma lei de justiça superior ao direito que têm, concomitantemente, os particulares e a comunidade (representada em regra pelo Estado) ao uso e gozo dos bens materiaes. Nem o Estado pode suprimir o direito individual de propriedade — prolongamento da personalidade humana — nem tem o homem o direito de abusar desse direito, em detrimento do bem geral. A propriedade, pois, é o typo do direito limitado.

Ora, o capitalismo moderno, na base de uma concepção individualista da sociedade, extralimitou todas essas restrições e fez do direito de propriedade um uso tão abusivo como do direito a liberdade. E dahi as misérias, as desigualdades, as crises, as revoluções e..... o socialismo.

*(Conclue no proximo numero)*

Livros á venda na A DEFESA NACIONAL

Do Major ARARIPE:

**ESCOLA DO PELOTÃO**

— Preço: 10\$000

**COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA**

— Preço: 10\$000

# SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Redactor: JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

"N'oublions jamais q'êtrz officier c'est,  
avant tout, être instructeur et éducateur"

Marechal PÉTAIN

## NOVA — EDUCAÇÃO — MORAL

Pelo Cap. —  
JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

A prática da educação moral sofreu nestes últimos dez anos uma transformação radical, houve um verdadeiro abandono dos velhos métodos e concepções.

Essa sensação se tem vivamente ao comparar-se às memórias do Congresso Internacional de Educação Moral, realizado em Londres, em 1908, com o realizado em Paris, em 1930.

Principalmente resalta que antiga a pedagogia usava e abusava da *coação* e, sobretudo, estabelecia a precariedade da palavra como fundamento de educação moral. Por outro lado, mostra a inutilidade do dogmatismo ingenuo das democracias, que foi sucedido pelo dogmatismo consciente e desejado deliberadamente pelo Estado. Neste sentido limito-me a chamar atenção sobre as concepções da Russia e da Italia, inspiradas pela necessidade do Estado Nacional e da comunidade popular.

Em verdade, a autoridade das instituições não promana da sua *mythica*, para a grande massa, mas tão sómente das necessidades mais simples, observadas na vida diária dos indivíduos: — ter uma cama, limpar um alojamento, comer com asseio, não ultrapassar as duas horas do seu quarto de sentinela... Não serão por palavras, vazias de sentidos *experimental*, que indivíduos dotados de mentalidade primária vão comprehender as leis da moral ou, pelo menos, a necessidade duma *moral social*.

E' o conjunto de preocupações, necessidades e amarguras diárias e communs, em toda sua aspera realidade, que esboça para elles o sentido das leis... De onde se chega a conclusão que o "problema da conducta" é o mais importante de todos na educação moral.

Não interessa "pregar moral" — mas "exercer moral", em factos que exemplifiquem a "conducta". A "pressão exterior" crearia complexos no sub-consciente, perigosos. Já a "obrigação interior", autónoma, observada nas necessidades permanentes dum espaço determinado (o âmbito dum batalhão ou dum regimento) e através do trabalho commum, crea uma norma.

Convém, ao educador, observar sempre as fórmas judiciosas desta norma:

a) princípio de igualdade para direitos e deveres; b) respeito, já unilateral, já total; c) limitação dos meios de trabalhos com reciprocas consequências (o perigo da camaragadem quando de sentinelas — a cooperação no ataque dum grupo de combate etc.). d) nunca esquecer que a colaboração pelo estímulo é sempre mais eficaz que pela punição; e) nunca rebaixar esforços, pois, isso produz um desequilíbrio moral da collectividade constituído o falso exito do método que a antiga pedagogia chamava de "disciplina".

Ha uma proposição que todos os psychologos estão de acordo: nenhuma realidade moral é completamente innata. A constituição psychobiológica do individuo, com suas tendências affectivas e activas, tais como: *sympathia* e *temor* (componentes do respeito) e raízes instinctivas da sociabilidade, subordinação, imitação etc., a própria capacidade de amar, seja um ideal ou seja uma pessoa, nada significam quando entregues a si mesmas, pois, permaneceriam em estado anárquico e seria um manancial de excessos. Para que as realidades morais se tornem "forças" faz-se necessário uma "disciplina normativa", nascida da analyse humana dos factos. Para aprender a physica ou a grammatica, não ha melhor laboratorio nem mais eficiente método que descobrir por si,

atravez da experientia e analyse dos textos, as leis da matéria e as regras de linguagens. Da mesma forma que para adquirir o sentido da disciplina activa, da solidariedade, da responsabilidade, a pedagogia moderna indica que se deve collocar o individuo numa situação tal que tenha que experimentar directamente as realidades espirituais, descobrindo, pouco a pouco, por si mesmo, as leis que as regem.

Abro um livro frances sobre educação moral:

Cel. Lebaud — "Education morale du soldat de demain" (1930), cada capítulo trata: patriotismo — dever — vontade disciplina — iniciativa — solidariedade — dignidade — honra — bandeira...

Vejo outro: Cap. Potez — "Le moral de nos soldats" — no mesmo diapasão.

E verifico que por esse processo, de palavras e palavras — mera definições farmacêuticas — máscaras de papelão sem realidade humana, é o mesmo que afirmar que um soldado aprende atirar de metralhadora porque decorou a sua nomenclatura...

Ademais, como mostrei em meu artigo anterior, o grande John Dewey, afirma que educar é fazer "ter experiência"...

## O Orçamento da Educação Nacional e os Ministros Militares

Fala-nos sobre o momento assumpto o professor JORGE FIGUEIRA MACHADO

O aspecto financeiro do problema educacional preocupa, no momento, a Câmara dos Deputados.

Em reunião conjunta das Comissões de Educação e Finanças o deputado Monte Arrais apresentou um longo parecer elaborado no seio da primeira das comissões referidas, contrário à inclusão dos ministérios militares na tabela orçamentaria organizada em virtude do art. 156, da Constituição que manda a União aplicar nunca menos de dez por cento, da renda resultante dos impostos, na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos.

Foram as seguintes as conclusões do parecer:

1.º — O ensino militar não é idêntico, nas suas finalidades, ao ensino civil, e, como este, não se destina a beneficiar, indistintamente, a toda a massa da população nacional, e, sim, particularmente, a uma das instituições da República, a das classes armadas.

2.º — Para prover as necessidades do ensino civil de ordem federal, a fonte básica é a do art. 156, completada pelos fundos, a que se refere o art. 157, enquanto o ensino militar tem fontes ilimitadas em todas as dotações que se relacionem com a organização das forças armadas, à disposição dos Ministérios da Guerra e da Marinha.

3.º — Sendo o ensino militar de carácter tecnico especialissimo, não pôde ser regulado como não o é, pelos mesmos preceitos inherentes aos systemas civis, cujas bases, desde o regime disciplinar, programmatico, didactico e methodologico, das daquelle se diversificam.

4.º — Para que pudesse ser parte integrante dos systemas educativos communs, devia o ensino militar estar subordinado ao Ministerio da Educação, ou, ao menos a um ministerio civil, e, não, aos da Guerra e da Marinha, e, tal não sucede.

Essas conclusões recebidas com sympathia pelos membros technicos da Camara foram consubstancialadas em uma emenda que, consoante deliberação tomada na alludida reunião conjunta, será apresentada pela Comissão de Educação em terceira discussão do orçamento, na sessão de hoje.

Com o objectivo de esclarecer o debate que em torno da emenda certamente se verificará no seio das commissões technicas e no plenario, resolvemos ouvir a opinião de um tecnico especializado na matéria.

Não seria facil encontrar aceres do assumpto autoridade pedagogica com melhores credenciais que o professor Jorge Figueira Machado, membro do ministerio civil e militar, que lá exerceu a direcção technica do Gabinete da Directoria Nacional de Educação e que ainda ha pouco foi incumbido pelo Estado Maior do Exercito da missão de investigar, orientar e anersejar, sob base tecnico pedagogica a instrução elementar de adultos, prevista na Lei do Ensino Militar.

Assim se expressou o professor Jorge Machado: "Venho acompanhando com interesse os trabalhos das Comissões Technicas da Camara que se mostram desejosas de cooperar de forma efficaz na obra de reconstrução educacional do paiz.

Afigura-se-me que nos debates não foi colocado nos seus verdadeiros termos o problema sobre o qual deve renousar a política educacional prevista na Constituição, na parte que se relaciona com as obrigações da União na manutenção e no desenvolvimento dos systemas educativos.

Em matéria de educação, mais do que em outra qualquer, a política deve orientar-se sociologicamente, quando em busca da verdade.

A tecnica política deve estar identificada com as formulas de empreendimento e differenciacion e, ainda, com os criterios de integração, conservação e apuro social engendradores de sensatas concenções e levíssimas reivindicações.

E no estudo da sociologia educacional, isto é da sociologia aplicada a relatividade nacional, que o espirito político deve voltar-se, pois sómente nesse estudo deparará a razão de ser de suas indagações.

O que se torna imperioso, no caso vertente, é uma coordenação de actividades — sobreveniente às naturaes differenciaciones — entre os varios setores de cultura, nela implantação urevia de uma mentalidade superior, capaz de conduzir a opinião publica à uma interpretação mais acurada da influencia do factor militar na vida da collectividade nacional.

O desenvolvimento do problema pressupõe a apreciação evolutiva: a) das tendencias que dirigem a civilização; b) da situação e da atitude do Brasil em face dos valores reais da civilização; c) dos elementos socioeconómicos que directa ou indirectamente proxima ou remotamente agem sobre o "fazec" militar da nação; d) da synthese dos principios fundamentais de educação, de política, de economia e de direito prenossos à gênese e à evolução da vida militar; e) da estrutura e do funcionamento da organização militar do paiz.

A analyse honesta de nossas actividades revela, sem dúvida, esforços reiterados das corporações militares para a educação, entendida esta não como um phänomeno escolar, mas como um phänomeno social.

O Exercito, em que pese a a opinião dos eticos é, na realidade, o elemento nato de nossa organização social, a qual decorre, simultaneamente, da vinculação material e da comunhão espiritual. Entidade por excellencia systematizadora e realizadora de nossa verdadeira política inspirada na sociologia brasileira em sua dupla felicão, — estatica e dinamica, nella se encontra um verdadeiro laboratorio de soluções dos problemas nacionaes.

A defesa da unidade da pátria contra as tendencias centrifugistas de certo modo estimuladas pela distensão territorial em latitudes diversas; as investigações históricas meticolosas e avisadas, as quais concorrem decisivamente para despertar e estimular os estudos das coisas patrias, da terra e da gente patrias; os estudos sobre a nossa expansão geographica e os trabalhos de levantamento das cartas topográficas e geográficas; os serviços de hygiene e prothilaxia urbana e rural; a incorporação dos selvícios ao agredado verdadeiramente social e político; a colaboração nos serviços de estradas e linhas de comunicações de toda especie, nas obras públicas, nos correios e telegraphos e na organização do parque industrial; a assimilação das populações alienígenas; a luta contra as endemias rurais e urbanas; a assistencia social, são provas robustas da cooperação do Exercito no progredimento social e económico do paiz.

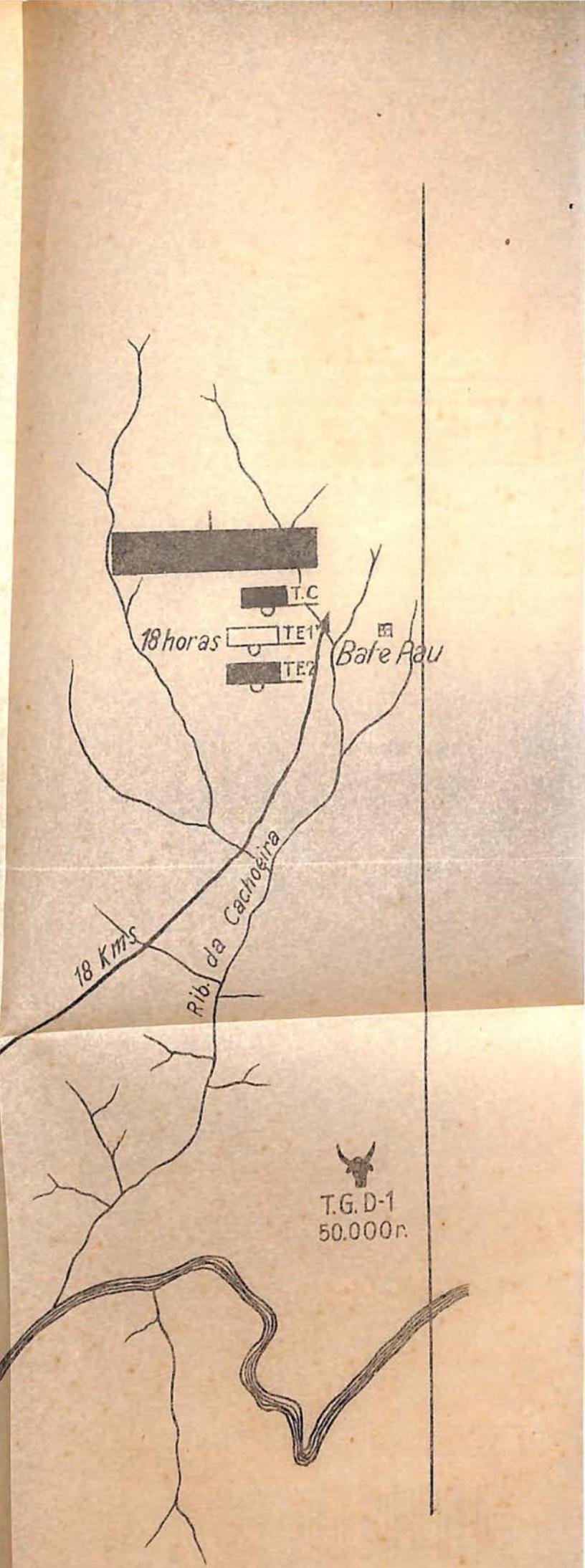
Calco n°1

Dia D as 18 hrs.  
1:100.000

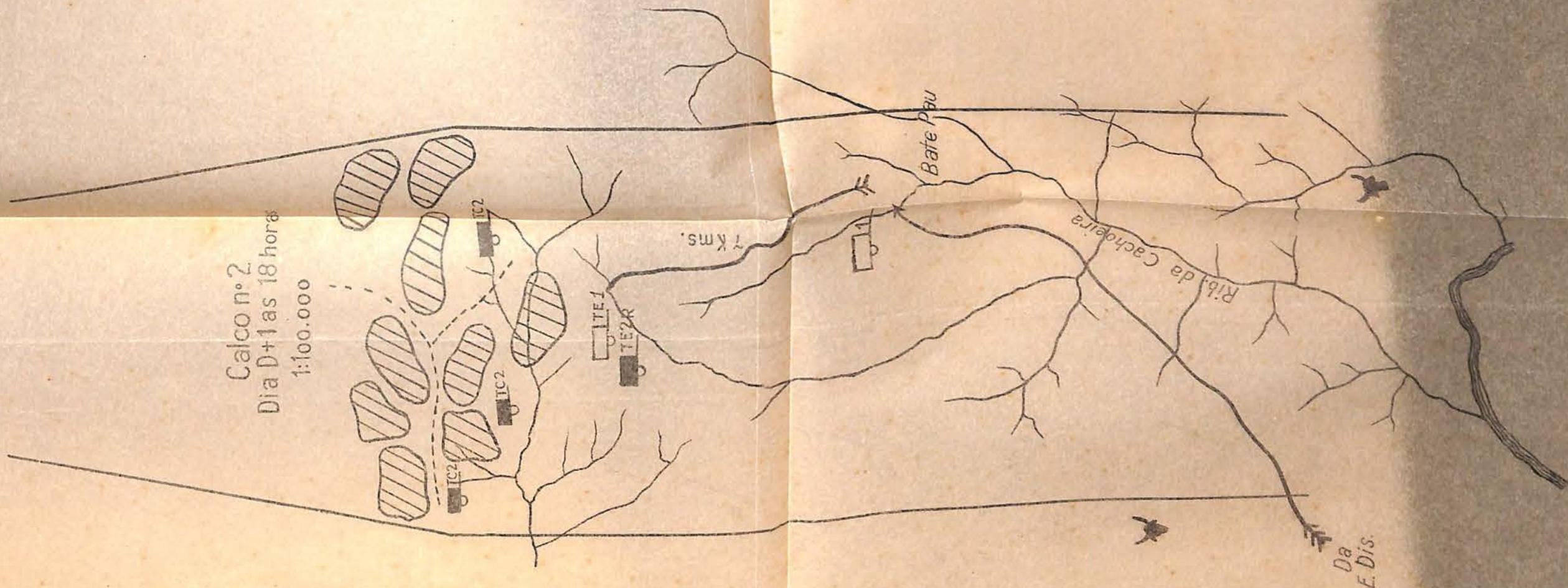
T.G.D.2  
50.000 r. 

E. Dis.   
100.000 r. viveres do dia  
50.000 r. viveres de reserva  
66.000 r. de forragens

1-2-R  
50 v. do dia  
25000 v. reserva  
33.000 v. forragens



Calco n° 2  
Dia D+1 as 18 horas  
1:100.000



# SEÇÃO DE INTENDÊNCIA

Redactor: JOSÉ SALLES  
Auxiliar: BELMONTE VAZ

## O abastecimento no quadro de um R. I.

(Esboço de um tema simples)

Pelo 1.º Ten. José Salles

### a) SITUAÇÃO INICIAL

Um R. I. fazendo parte de uma D. I. (vermelha) que se concentrou ao longo da margem direita do rio Piracicaba afim de tomar a offensiva contra as tropas inimigas (azuis), localizadas na região de RIO CLARO-ARARAS, parte de PIRACICABA, onde desembarcou, pela estrada de rodagem PIRACICABA-LIMEIRA, donde deverá tomar a direcção N. ao attingir a fazenda Pará Mirim.

As unidades de que se compõe a D. I. deverão, a partir do dia em que tiverem de iniciar os seus deslocamentos, prover-se na *Estação Distribuidora* (E. Dis) mandada organizar em PIRACICABA, cujos stocks serão mantidos quer pelas remessas da retaguarda, quer pela exploração dos recursos locaes, e comportarão:

- 4 dias de viveres do dia;
- 2 dias de viveres de reserva;
- 4 dias de forragens.

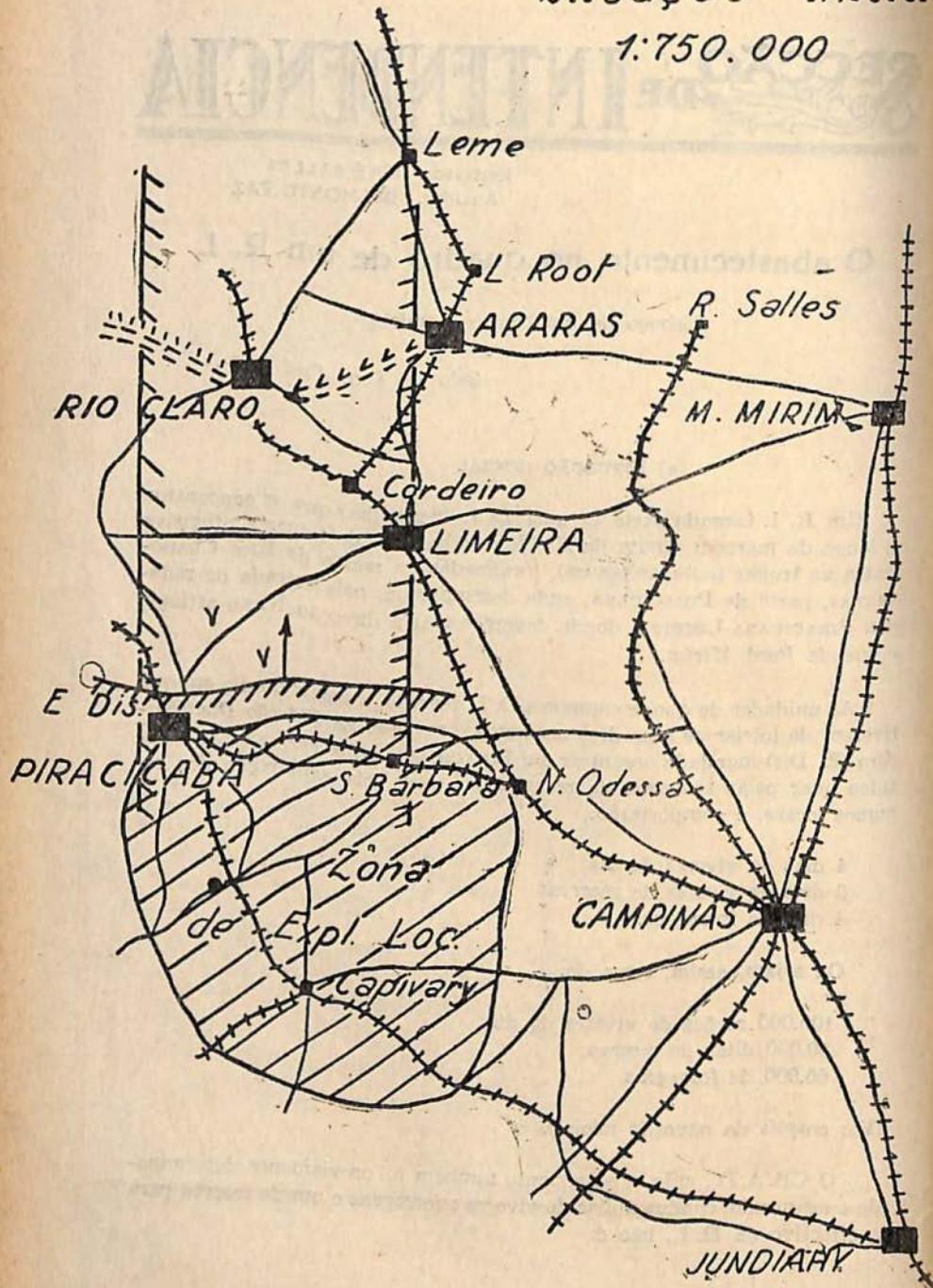
Ou sejam, assim, cerca de:

- 100.000 rações de viveres do dia;
- 50.000 ditas de reserva;
- 66.000 de forragens

(Ver *croquis* da situação inicial):

O CB.A.D., cujo carregamento tambem foi previamente determinado e executado, conduz 2 dias de viveres e forragens e um de reserva para o efectivo da D. I., isto é:

Situação inicial  
1:750.000



50.000 rações de viveres dia;

33.000 ditas de forragens;

25.000 de reserva:

Acha-se estacionado em *Areão*, proximo a *PIRACICABA* onde aguardará ordens. Elle se recompletará, quando fôr chamado a assegurar o abastecimento aos corpos, na E. Dis:

b) EFFECTIVOS A ABASTECER

Levamos em consideração, neste esboço, os *effectivos theoricos* de

25.000 homens e

16.500 animaes, para a D. I. e

3.278 homens e

920 animaes, para o nosso R. I.

O T. E. do R. I. abasteceu-se, na vespera do dia D, quando se inicia a marcha, de dois dias de viveres e forragens e um dia de viveres de reserva, na E. Dis., achando-se, portanto, com seu carregamento completo.

Os T. C. das sub-unidades por sua vez foram providos dos viveres e forragens para o dia da marcha, tendo sido tambem distribuido aos homens um dia de viveres de reserva. Vê-se como o exercicio proposto supõe uma situação optima quanto aos abastecimentos, pelo menos no inicio das operações.

c) RESUMO DOS stocks NO DIA D — 1

(Somente os que mais de perto interessam ao R. I.)

No C.B. A. D.:

Viveres do dia — 50.000 rações ou, mais ou menos, 75 toneladas;

Viveres de reserva — 25.000 ditas ou 25 toneladas;

Forragens — 33.000 ditas ou 139 toneladas.

No T. E. do R. I.:

Viveres do dia — 6.556 rações ou cerca de 9.834 kilos;

Viveres de reserva — 3.278 ditas ou 3.278 kilos;

Forragens — 1.840 ditas ou 7.360 kilos.

Nos T. C. das sub-unidades e sobre os homens:

Viveres do dia — 3.278 rações ou 4.917 kilos;

Viveres de reserva — 7.556 ditas ou 7.556 kilos;  
 Forragens — 920 ditas ou 3.680 kilos;  
 Forragens de reserva — 920 ditas ou 1.840 kilos.

d) ABASTECIMENTO EM CARNE VERDE

Um 1.º escalão de T. G. D. será mantido na *Faz. de S. Rita*, a N. E. de PIRACICABA, nas margens do *ribeirão das Palmeiras*, e um 2.º escalão na *Faz. Capuava*, ao N. desta mesma cidade, nas margens do *ribeirão Guamirim*, mantendo cada um dois dias de gado em pé, para o efectivo da D. I., afim de assegurar o abastecimento de carne verde. Sejam, portanto:

T. G. D.1 — 50.000 rações ou cerca de 133 rezes;  
 T. G. D.2 — 50.000 ditas ou tambem 133 vezes.

Carta empregada: Folhas de PIRACICABA e de RIO CLARO, na escala de 1:100.000.

Essa a situação dos abastecimentos no dia D-1; devendo o R. I. deslocar-se no dia seguinte D na direcção da *Faz. Pará Mirim*, o comandante expede a seguinte ordem:

D. I:	P. C. em PIRACICABA, D-1 de Fevereiro
....R. Inf:	de 19..., às 17 (dezessete) horas.
n.º	
carta 1:100.000	

Ordem geral de operações n.º  
 (Para o dia D)

2.ª Parte

I — ABASTECIMENTO

1 — Trens de combate:

- a) Os T. C. 1, constituidos pelas viaturas de viveres e forragens e pelos carros cozinha, marcharão na cauda das respectivas sub-unidades.
- b) Os T. C. 2, pelas demais viaturas dos Batalhões, reunidos na cauda destes.

- c) Os T. C. 1, deverão prover-se nos T. E., na *Faz. Pará Mirim*, a partir das 14 (quatorze) horas.

2 — Trem de Estacionamento

- a) O T. E., com seu carregamento completo, marchará na cauda do Regimento.

b) Uma de suas secções fará a distribuição dos viveres do dia e forragens aos T. C. das sub-unidades, na *Faz. Pará Mirim*, a partir das 14 (quatorze horas).

Cap. Y  
ajudante

Cel. X  
cmt.

O oficial de aprovisionamento, commandante do T. E., em face dessa ordem, providenciará, afim de dar-lhe execução, para:

1 — que as secções respectivas estejam com suas viaturas atreladas e promptas para iniciar a marcha á hora determinada pelo commando.

2 — que todo o pessoal se ache prompto em seus logares, afim de evitar atraços, e convenientemente racionado, si fôr o caso.

3 — que os sargentos chefes de secções velem no sentido de fazer cada viatura marchar no respectivo logar, na columna e tomem providencias para a ordem do respectivo carregamento.

4 — que a secção testa faça a distribuição aos T. C., ao attingir a *Faz. Pará Mirim*, devendo o sargento chefe tomar as necessarias disposições.

5 — que o sargento-adjunto, ao aproximar-se a columna da dita fazenda, se adeante e proceda ao reconhecimento á escolha do melhor local para a execução desse serviço, segundo suas instruções.

Não tendo de se ausentar nesse dia, o oficial de aprovisionamento assistirá ás distribuições, fiscalizando a execução dos serviços tomando as providencias para remover as falhas. Terminado isso, fará, juntamente com o sargento-adjunto e sargento chefe da secção *distribuidora*, a *escripção do movimento do dia e, feito o balanço das quantidades, organizará* com o sargento-adjunto e sargento chefe da secção *distribuidora*, a *escripção do movimento do dia e, feito o balanço das quantidades, organizará* o pedido para o recompletamento do T. E. (Ver calco n.º 1).

Situação dos stocks no dia D, ás 18 horas.

O C.B. A. D. continua com seu stock sobre rodas intacto.

O T. E. do R. I. estará com uma secção vazia; terá assim:

Viveres do dia — 3.278 rações ou 4.917 kilos;

Viveres de reserva — 3.278 rações ou 3.278 kilos;

Forragens — 920 rações ou 3.680 kilos;

Forragens de reserva — 920 rações ou 1.840 kilos.

Os T. C. das sub-unidades com suas cargas completas e bem assim os homens com suas rações de reserva.

Tendo já de entrar na zona exposta aos tiros da artilharia adversa, o R. I. vae, no dia  $D + 1$ , fazer a sua marcha e aproximação na direcção geral da zona S: de Rio CLARO, onde o inimigo foi assinalado:

Ordem expedida pelo commandante:

I. D: P. C: na FAZ. PARÁ MIRIM,  $D$  de Fevereiro  
 .... R. Inf. de 19..., ás 18 (dezoito) horas.  
 n.<sup>o</sup>

Carta 1:100.000

Ordem geral de operações n.<sup>o</sup>  
 (Para o dia  $D + 1$ )

.....  
 2.<sup>a</sup> Parte

## I — ABASTECIMENTO

### 1) Trens de Combate

a) Os T. C. 1., constituidos pelas viaturas de munições, materiaes, ferramentas e demais necessarias acompanharão suas sub-unidades.

b) Os T. C. 2, (viaturas de viveres e forragens, agua e cozinha) marcharão reunidos na cauda do regimento até à Faz. Paraguassu; deste ponto em deante acompanharão os respectivos Btls. — os do I Btl. pela estrada Faz. Paraguassu — Sta. Gerturdes, os dos II e III pela estrada que segue a N. O. da Faz. Paraguassu para a estrada geral de Rio CLARO.

c) O seu abastecimento se fará nos T. E., na Faz. Paraguassu, a partir das 14 (quatorze) horas.

### 2) Trem de Estacionamento:

a) A Secção de Reabastecimento aguardará na Faz. Pará Mirim a Secção do CB. A. D. na qual se recompletará a partir das 12 (doze) horas, devendo em seguida marchar para Faz. Paraguassu.

b) A Secção Distribuidora marchará, juntamente com a de Reserva, na cauda dos T. C. 2 para a Faz. Paraguassu, onde fará as distribuições a partir das 14 (quatorze) horas.

c) Deve ser explorado o que fôr possível dos recursos locaes.

.....  
 Cap. F.

Ajudante

.....  
 Cel. X

cmt.

## PROVIDENCIAS DO OFFICIAL DE APROVISIONAMENTO

O oficial de aprovisionamento terá de assistir e dirigir o recompletamento de Secção de Reabastecimento do seu T. E.; assim necessita per-

manecer na *Faz. Pará Mirim*, ponto de contacto com a secção do CB: A. D., só podendo, portanto, estar á tarde (16 ou 17 horas) na *Faz. Paraguassu*, local determinado na ordem para *bivaque do T. E.* Assim, além das de ordem geral, tomará suas disposições para:

1) que as duas *Secções* que tenham de marchar no dia seguinte com o Regimento estejam promptas, com as viaturas, atrellados, animaes forrageados etc., sob as ordens dos respectivos sargentos chefes;

2) que o sargento adjuneto assuma a chefia geral dessas *Secções*, durante o seu impedimento, e tome disposições para que durante a marcha esses comboios se furtem, tanto quanto possível, ás vistas aereas do inimigo;

3) que, ao attingir a *Faz. Paraguassu*, escolha o melhor local para o *bivaque* e para a execução das distribuições que fará começar ás 14 horas, em presença do official de dia;

5) que a alimentação dos homens e o forrageamento dos animaes dessas *Secções* se faça aps á chegada áquella Fazenda, antes de começar os serviços de distribuição:

Ao chegar com a *Secção de Reabastecimento* no ponto determinado para o *bivaque do T. E.*, verificará como foram executadas suas determinações modificando o que julgar conveniente; fará com os sargentos, seus commandados, a escripturação do movimento do dia.

Deve manter-se diariamente em contacto com o commandante do R. I. e procurar informar-se dos recursos locaes quanto ao abastecimento afim de aproveitá-los na medida das possibilidades.

Resumo da situação dos *stocks* no dia *D + 1*, ás 18 horas.

O CB. A. D. está com uma *Secção* vasia. Portanto:

Viveres do dia — 25.000 r. — 37,5 ton.;

Idem de reserva — 25.000 r. — 25 ton.;

Forragens — 16.500 r. — 69,5 ton.

O T. E. está com sua *Secção Distribuidora* vasia. Portanto:

Viveres do dia — 3.278 r. — 4.917 Kgs.;

Idem de reserva — 3.278 r. — 3.278 Kgs.;

Forragens — 920 r. — 3.680 Kgs.;

Forragens de reserva — 920 r. — 1.840 Kgs.

Os T. C. 2 das sub-unidades, com as provisões para o consumo do dia *D + 2* completos, inclusive as rações de reserva que ainda não foram tocadas. Assim:

Viveres do dia — 3.278 r. — 4.917 Kgs.;  
Idem de reserva — 7.556 r. — 7.556 Kgs.;  
Forragens — 920 r. — 3.680 Kgs.

(Ver calco n.º 2)

Alimentação do pessoal do T. E. e forrageamento dos animais

Dia D — 1.ª refeição em *Piracicaba* — às 5h.-30;  
2.ª refeição na *Faz. Pará Mirim* — às 12h.-30 — condu-  
zida em marmitas thermicas já preparada;  
3.ª refeição neste mesmo local — às 16 horas.  
*Forrageamento* — às 5h, 12h, e 16h.-30;

Dia *D* + 1 — 1.<sup>a</sup> refeição na *Faz. Pará Mirim* — ás 5h.-30 — para o conjunto do T. E.;

2.<sup>a</sup> refeição — ás 12 horas — na *Faz. Pará Mirim* para a Secção de Reabastecimento (prompta nas marmitas thermicas). Na *Faz. Paraguassu* para as demais Secções;

3.<sup>a</sup> refeição na *Faz. Paraguassu* — ás 16h.-30 — para o conjunto do T. E..

*Forrageamento* — ás 5h., 12h. e 17h.:

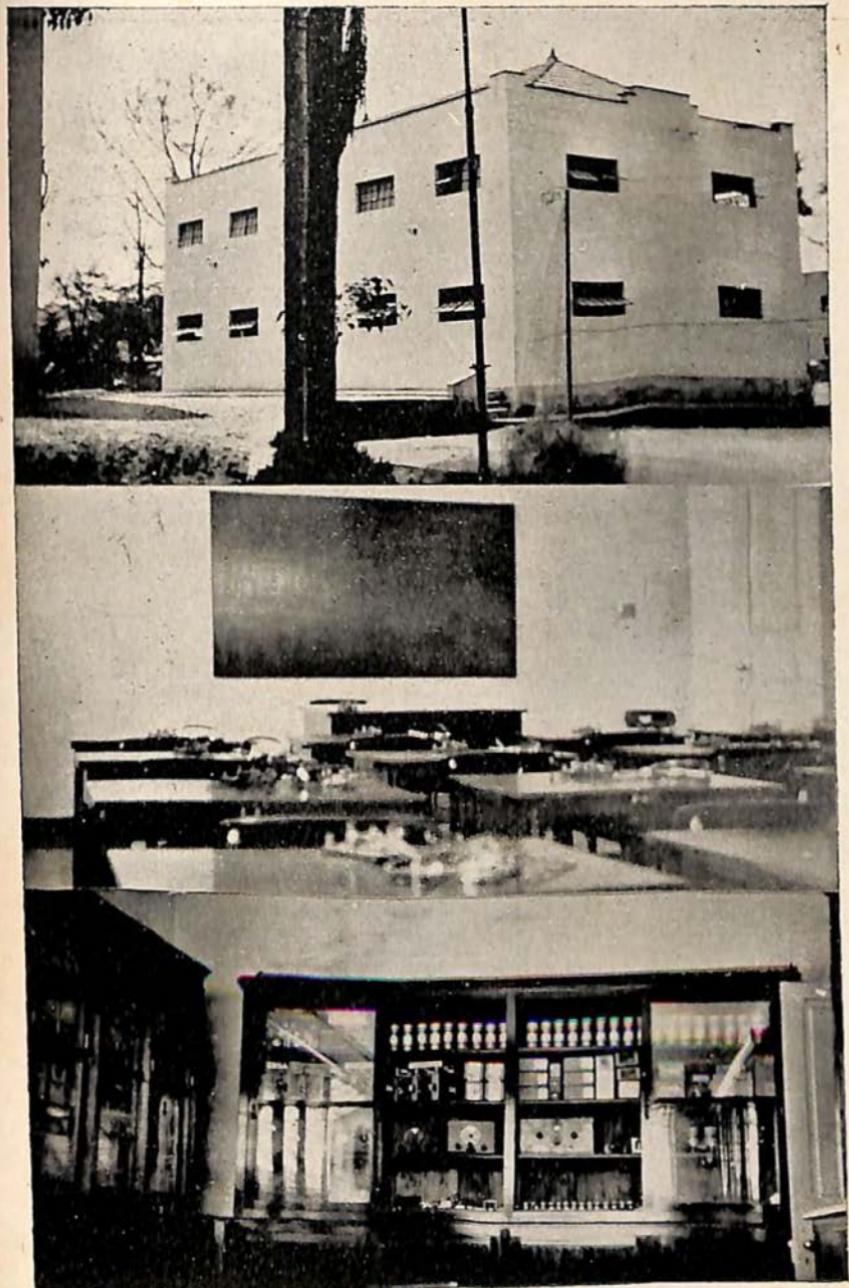
(continúa)

## PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

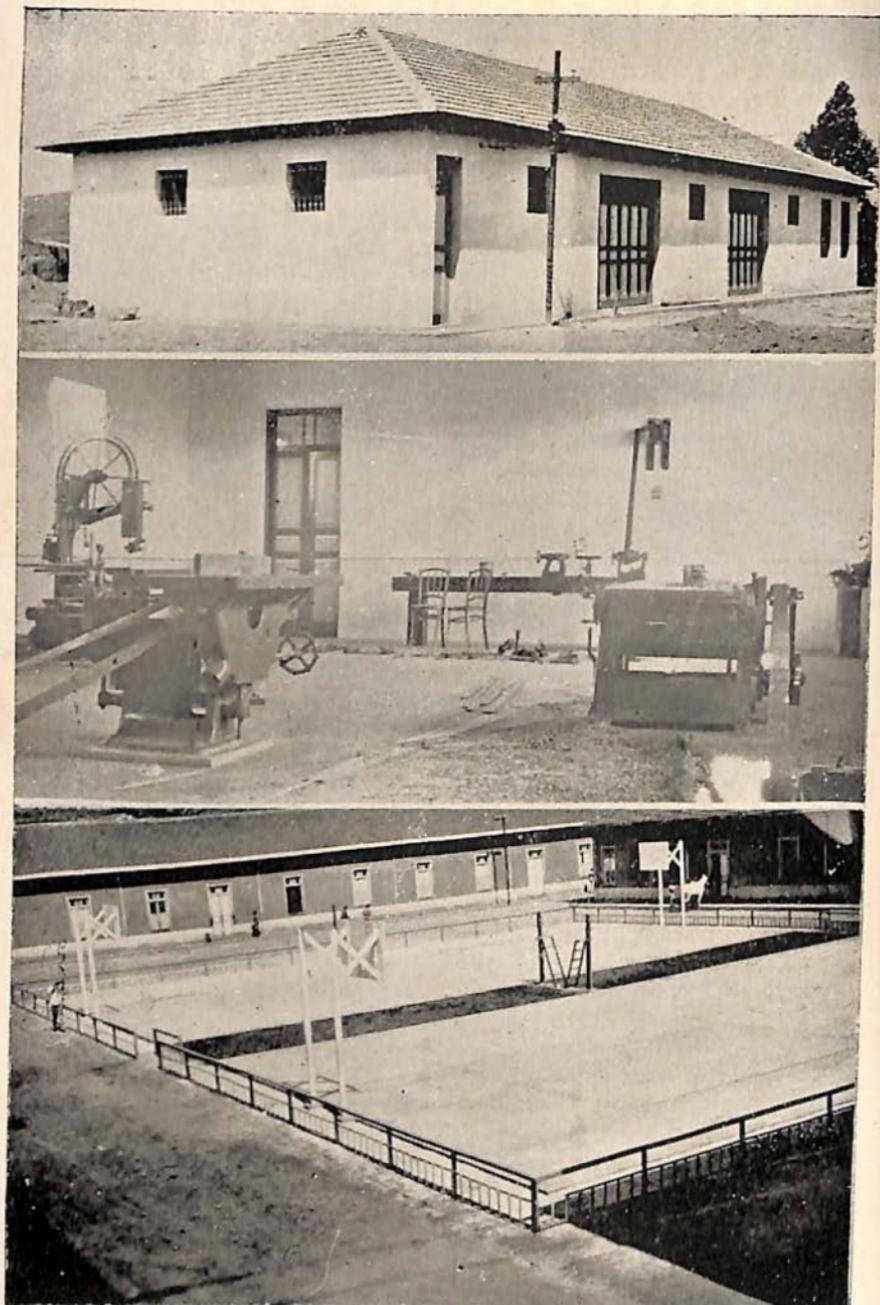
A' venda na "A Defesa Nacional"

PELO CORREIO MAIS 500 RÉIS

## TRANSMISSÕES — NERVOS DO EXERCITO



Aspecto do edifício, sala de aula e material do Centro de Transmissões da 4ª Região Militar sob a direcção do Cap. Moacyr Morato.



Melhoramentos introduzidos na modelar unidade de São João  
del Rey pela actual administração.

# NOTICIARIO E VARIEDADES

## Dissolução do Exercito

*Cap. CORREIA LIMA*

Tem recrudescido, ultimamente, em certa imprensa desta capital e dos estados, virulenta campanha contra diversas patentes do Exercito, com a finalidade personalissima, por isso malefica e insidiosa, do desabafo rançoso de odiosidades, prenhes de insopitados despeitos.

São muito de admirar e difficilmas de aceitar a passividade bramane e a estoica resignação com que a pundonorosa classe vem recebendo as affrontas e os aggravos de alguns follictuarios desclassificados que se arvoram em "Magister dixit" da opinião publica, utilizando as columnas da imprensa, destinadas á constructiva collaboração das intellectualidades, para assacarem infamias e calumnias, irreverencias e doestos, de todos os quilates, contra os mais respeitaveis e acatados representantes do Exercito. Ha vinte annos passados, seria uma temeridade, assumir tão insolita quão imprudente attitute.

Não dispunhamos, nessa epocha, de um grão de cultura profissional, technica e social, tão elevado como o de hoje; mas tinhamos uma inabalavel convicção da camaradagem e da solidariedade de classe que nos punha, inteiramente a salvo da baba soez que extravasam os infamantes demolidores, bem pagos, de reputações e devotamentos.

Tudo neste mundo, tem sua causa; o que se nota, actualmente, em relação ás classes armadas tambem deve ter alguma justificativa.

Analysando com serenidade, o que se passa relativamente a nós, militares, vemos desde logo, ao simples e superficial exame da situação, os pontos em que se baseiam nossos gratuitos detractores, para terem o topete de nos agridir, tão aleivosamente, como o vêm fazendo.

A impunidade legal e extra-legal e a incomprehensão reciproca de alguns chefes militares, que fazem, destrahidamente o jogo dos nossos inimigos, são as principaes causas deste desagradavel estado de coisas:

Se um individuo que escreve uma infamia ou uma indignidade, fosse responsabilizado officialmente, pelo damno moral causado, e soffresse effectivamente, as penalidades pre vistasem lei, talvez não presenciassemos essa licenciosidade deprimente que, a cada passo, nos confrange o coração de brasileiros, ao considerarmos a degradação da mentalidade nacional de que a imprensa é reflexo e deve ser um dos mais fortes esteios de soerguimento.

*Mas, as nossas leis só têm applicação theorica, na generalidade dos casos; quando um governo pretende enfrenar os desabridamentos, falados e escriptos, dos demagogos da politicagem em interesseiro connubio com os plumbitivos de gaveta, clamam e appellam as vestaes do regimen para a intangibilidade dos sacratissimos principios da liberdade democratica, nunca respeitados e sempre conspurcados por elles proprias, para poderem continuar na practica criminosa de sua demagogia partidaria de lesa-patria e conveniencia gaveteira de réles mercantismo intellectual.*

*Desgrenham-se as inconsolaveis carpideiras em lamurientos queixumes contra "depotismos", "prepotencias" e "arbitrariedades" que elles, mui cynica e conscientemente, sabem não existir, embora digam o contrario.*

*Nas liberaes-democracias, as mais fortes preocupações são as de natureza eleitoral, não pelo symbolismo que significam — a expressão da vontade política da collectividade — mas, sim, pela manutenção do poder por parte das facções partidarias que se degladiam em guerra de exterminio.*

*Dahi não quererem as situações dominantes cahir em desagrado, assumindo attitude de combate franco e decidido contra esses innominaveis delitos moraes.*

*Tal orientação forneceria vasto campo de explorações politico-partidarias que determinariam movimentos de opinião publica adversa, traduzidos em insucessos de urnas.*

*A irresponsabilidade legal é, por isso, absoluta e estimulantemente animadora. A impunidade extra-legal é assegurada, quando se trata das classes armadas, pelo espirito de disciplina e de respeito ás leis de que sempre deram provas os militares de terra e mar.*

*A politicagem torpe, em sua nefanda e incansavel obra de desagregação nacional, começou sua anti-cívica tarefa, pelo solapamento da cohesão e da solidariedade dos militares, afrouxando os bellissimos laços da tradicional camaradagem que os unia tão fortemente, como se fossem irmãos muitos amigos;*

*Os appetites, os despeitos, as insidias, as ambições justas e injustas, as competições, os parallelos e as supremacias, foram os "pratos de lentilhas" com que os Jacobs da politicagem indigena prejudicaram aos ingenuos Esaus das classes armadas.*

*Hoje, não ha mais esse esplendido espirito de classe que impunha respeito aos atrevidos, aos malcreados, aos despeitados, que, gratuitamente, atacam a torto e a direito os mais altos expoentes militares.*

*Os nossos "tarimbeiros" de trinta annos atraç e os "gravatas de couro" da monarchia não admittiriam, jamais, tamanha petulancia. Ao ousado que quizesse fazer um longo estagio de hospitalização ou preferisse o pelago insondavel de um ridiculo inesquecivel, bastava ferir os melindres, muito sensiveis, de um militar, que teria immediatamente satisfeitos seus sádicos desejos.*

*Não ha mais a indispensavel solidariedade que nos levava a julgar como offensa dirigida a toda classe o ultraje feito a qualquer um de seus membros.*

*Esse resultado foi obtido pela obra satanica da sordida politicagem em que chafurda o regimen, nas flacidas espojadoras de sua nítila decrepitude.*

*Nossos superiores hierarchicos têm a civica obrigaçao de nos dar exemplos de solidariedade, de camaradagem, de respeitabilidade reciproca e, sobretudo, de grande amor á nobre classe.*

*Nós devemos cerrar fileiras em torno de nossos chefes, fazendo da comprehensão que temos dos deveres supra enumerados e, principalmente, do respeito devido á nossa classe, a muralha intransponivel e armada, aggressiva até se preciso, com que emmudeceremos os hydrophobos ladridos dos cabotinos que nos atacam por demagogia, mercantilismo ou qualquer outro inconfessavel objectivo.*

---

## Exercícios finaes das Escolas de Armas

Acabam as Escolas de Armas de dar uma demonstração evidente da efficiencia de sua orientação no ensino e de seus esforços.

Referimo-nos aos exercícios realizados durante a segunda quinzena de Outubro, no valle do Parahyba e especialmente em Rezende, por todas as Escolas reunidas, como coroamento do anno de instrucçao.

Ha no Exercito muita gente que não conhece e não avalia a natureza dos trabalhos em que se empenham as Escolas de Armas, nem os resultados beneficos que brotam de sua actuação essencialmente practica.

Só esse desconhecimento pode ser a causa de certa antipathia pelas Escolas e da negação de sua real utilidade na efficiencia do Exercito.

Para isso, para destruir essa idéa falsa, não será preciso viver os oito meses de ingente labor das soalheiras da Villa Militar e de Gericinó; bastaria assistir-se, já não queremos todo o periodo de exercícios do valle do Parahyba, mas apenas a demonstração do dia 21 de Outubro em Rezende.

Muito houve lá que aprender, pois que fóra das Escolas, devido a crença absoluta de meios com que luctam os corpos de tropa, não tem sido possivel realizar trabalhos tão completos.

A preparação, montagens e direcção dos exercícios, á construcçao dos mais variados meios de transposição de obstaculos, a actuação dos commandos (officiaes alumnos), e tropas (cursos de sargentos e unidades-escolas) na situação creada, imprimindo a tudo um aspecto de realidade satisfatoria, foram um grande ensinamento tanto para os que tomaram parte nesses trabalhos como para os que os assistiram. Poucas opportu-

nidades haverá em que se possa colher tais benefícios e bem pago ficará o Exército do sacrifício feito com a permanência de 2 centenas de oficiais nas Escolas de Armas, porque daí só resultaram vantagens para a sua eficiência.

E é preciso que se tenha isso sempre em mente. Se as Escolas afastam os oficiais da tropa, o fazem como uma necessidade precipua do preparo do Exército para a guerra, não para collocá-los em sinecuras, mas para empregá-los activamente em trabalhos mais arduos e tão uteis como aquelas em que se empenham na vida normal dos corpos de tropa.

Em um Exército, como o nosso, em que muitos corpos de tropa não dispõem de recursos para realizar a contento a sua instrução e onde, os quadros nem sempre tem oportunidades para o próprio aperfeiçoamento profissional, as Escolas devem ser consideradas como formações de primeira urgência. Na contribuição para eficiência dos quadros elas valem muito.

Tal não se daria se a tropa fosse completamente apparelhada para permitir a instrução todo o seu completo desenvolvimento. Mas isso não se dá e a realidade é que só nas Escolas tem sido possível alcançar esse desenvolvimento. Estão de parabens, portanto, as Escolas de Armas por essa demonstração.

Pena é que não se tenha levado a Rezende maior assistência, não só para aproveitar dos ensinamentos dos exercícios, como para estimular, com o seu interesse, os arduos trabalhos dos instructores, dos oficiais alunos e da tropa. Principalmente esta precisa saber que se dá valor ao seu sacrifício.

## O Chefe

### Lendo a "Revue d'Infanterie"

*Major FLORIANO BRAYNER*

Apresenta-se-nos o numero de Abril do corrente anno, palpitante de interesse, como os demais, com uma magnifica colaboração em que se destacam, pelo realce dos nomes que os subscrevem: "Reflexões sobre o Chefe", da autoria do General Gamelin; "O Infante aligeirado" do Ten. Cel. Favatier; "Emprego dos Carros Renault F. T. — Estudo de um caso concreto" do Ten. Cel. Michou.

I — As "REFLEXÕES SOBRE o CHEFE", do Gen. Gamelin, constituem um trabalho de folego, feito especialmente para ser proferido na "Sar-

bonne", perante uma assembléa da "União Nacional dos Officiaes de reserva" e em presença do Presidente da Republica Franceza.

"Estudar "o Chefe", diz o Gen. Gamilin, é examinar um dos elementos primordiales de todo grupamento humano, do clan primitivo á nação moderna":

Diz Napoleão: "Não ha grandes acções consecutivas, que sejam resultado do acaso e da fortuna; elles derivam sempre da combinação e do genio".

Certamente, as circumstancias criam o meio propicio ao desenvolvimento do genio; mas, por sua vez, este reage sobre os acontecimentos e, muitas vezes, os governa.

Considera, o Gen. Gamelin, o papel do homem de guerra, com a sua violencia caracteristica; apezar da ennobrecida pelo patriotismo, visa, — é preciso confessar, — a destruição de outros homens.

Tratando das "qualidades do Chefe Militar", o autor lembra, com rude franquesa, que, conhecemos muitos homens de alto valor e que, sabemos perfeitamente não possuirem as qualidades indispensaveis, de vigor e de decisão que caracterisam os Chefes Militares. Além disto, trata-se, para o Chefe Militar, da disciplina do espirito e do coração, á qual é necessário se submeter, no transcurso de uma vida toda consagrada á profissão das armas. Os grandes conquistadores, como Alexandre, Bonaparte e mesmo Condé, não foram mais que exceções; pela potencia das individualidades como pelas convicções favoraveis para sua eclosão e desenvolvimento.

Logicamente, o modelo seria um Turenne, que se eleva, por etapas successivas e pela prática da guerra, ás mais altas concepções. Os exercitos modernos, porém, formam os seus Chefes durante os longos feriados de paz, no silencio laborioso dos Estados Maiores, cabendo-lhes, mais tarde conduzir os destinos dos povos. Moltke, em Sadowa tinha 66 annos, e em Sedan 70; no Marne, Joffre tinha 62 e, em 1918, Foch tinha 66 annos. Isto não significa, diz o Gen. Gamelin, erigir em modelo a *gerontocracia*.

Não é verosímil, entretanto, que 30 annos atraç, os chefes já possuam a experiência e a mesma firmesa de idéas que revelam hoje. E isto porque, quanto mais evoluirmos, mais complexos se tornam os meios empregados na guerra e mais longa, se impõe, a sua aprendisagem.

Duas caracteristicas essenciais diferenciam a actividade do homem de guerra, da do escriptor, do artista ou do sabio. Evidentemente, as qualidades reciprocas não se excluem, mas, não são connexas.

Esses ultimos, tem que lutar muitas vezes, contra as deficiencias do seu proprio talento, a precariedade dos processos a sua disposição.

O Chefe de Guerra tem diante de si, um inimigo "livre" para as suas concepções e para as suas acções.

Esforçando-se por impôr a sua vontade, suas idéas se chocam, em ca-

da direcção, com uma força hostil. Quasi nada se conhece do inimigo que nos faz face, principalmente na guerra de movimento. Teremos, quasi sempre, que encorar a adversario atravez de hypotheses que serão eliminadas progressivamente. Outra circunstancia essencial que distingue o Chefe militar do pensador e de certas categorias de homens de acção: é que a sua vontade só é executada por intermedio dos seus subordinados que, muitas vezes, tem que adaptal-a a situações imprevistas, quando as não modificam por força dos respectivos temperamentos, sem que o chefe possa intervir em tempo de restabelecer a feição inicial. Cada um de nós deve, portanto, contar com as iniciativas felizes ou desgraçadas dos nossos auxiliares que, a cada momento, deturpam ou melhoram a manobra que edificamos. E quanto mais galgamos na hierarchia, maior risco corre a nossa vontade de ser deformada por intermediarios mais numerosos.

Conclue, o illustre conferencista que, este é o motivo pelo qual o grande merito está em saber seguir uma idéa de conjunto, adaptando sem cessar, sua realização progressiva ou estado dos meios empregados, aos obstaculos do sólo, ás condições climatericas e aos actos do adversario

Diz ainda: "a estrategia procede por articulações successivas, de acordo com o fim que se quer alcançar, com os terrenos encontrados, informações recebidas, para conduzir ao dispositivo concebido tendo em vista a batalha. Do mesmo modo a tactica caminha de objectivo em objectivo.

Em seguida o autor estabelece uma interessante comparação entre as qualidades do Chefe de Guerra, as do Homem d'Estado e as do grande homem de negocios.

Estuda os factores que cada um tem que manejar ou defrontar e observa: "Conhecemos muitos directores de grandes empresas industriaes que não são engenheiros; já temos visto, tambem, grandes ministros da guerra e da marinha que não eram militares; e, bem assim, habeis negociadores que não eram diplomatas de carreira. Evidentemente, pode-se ser homem de Estado, sem ser especialista. Poder-se-á, conceber, entretanto, um grande general, sem uma aliança estreita do conhecimento perfeito do seu metier, com as qualidades intellectuaes e moraes indispensaveis?

Não o dizemos por pretender que um General deva ser universal, mesmo no dominio das questões estritamente militares. Pretendem-lo tão pouco que o dobramos de um Estado-Maior e de technicos."

Depois de bem focalizar a personalidade do Chefe de Guerra, o autor assim se expressa:

"Assim, tendo por base: a intelligencia necessaria ao exito de todos os emprehendimentos humanos; um minimo de qualidades physicas indispensaveis ao "metier" militar; a coragem, sem a qual se esboroam diante do perigo as mais brilhantes aptidões — Taes são as qualidades necessarias, mas, não sufficientes."

Impõe-se ainda acrescentar:

O *Saber*: conhecimentos geraes que nos permittam situar na Nação, nossa actividade propria, conhecimentos profissionaes que nos garantam empregar judiciosamente os meios de que dispomos, e encontrar, em quaesquer circumstancias, já não digo a melhor solução, mas, uma solução racional."

A *consciencia profissional*, sem a qual não ha exercito solidio porque, precisamente não ha confiança reciproca:

"*Saber e consciencia*, conduzem ao domínio de si mesmo, que permite não se deixar abater pelos acontecimentos e não mostrar, aos, que nos cercam as turbações do nosso espirito ou do nosso coração. Nas horas decisivas, a menor palavra de duvida da parte do Chefe. pode fulminar, entre os subordinados, a fé no successo."

Segue-se um periodo de elevado senso psychologico e profundamente humano. Diz o Gen. Gamelin:

"Tive oportunidade de viver periodos angustiosos ou triumphantes junto a alguns dos nossos Chefes da ultima Guerra e, particularmente junto aos Marechaes Joffre e Foch. A qualidade essencial que os exhortava, creiam-me, era a firmesa d' alma. A guerra é uma miniatura da vida; os golpes do destino, muitas vezes immercidos, accumulam-se sobre as nossas cabeças; inutil recriminar contra as suas decisões. Nessas ocasiões é preciso ser jogador perfeito e de espirito realista. Acabamos de perder uma partida; concentremos os recursos da nossa intelligencia e da nossa energia, para ganhar a seguinte. Não nos deixemos abalar pelo infortunio, mas, tambem, não nos deixemos empolgar pela boa sorte.

"O homem é um ser psychico e as almas não são separadas como o são os corpos. Daquelle que se torna o mestre, pela sua propria natureza, emana uma força, exteriorizada pelos gestos, pela palavra, pelo olhar, pelo pensamento e pelos actos; rapidamente elle se impõe como guia designado daquelles que não possuem a mesma potencia. "Ao dominio superior de si mesmo, deve-se acrescentar o que chamaremos "a potencia creadora."

Diz o autor, em seguida, que não se trata somente de *imaginação*. Apezar do papel importante que esta desempenha na guerra, é preciso corrigil-a por um sentimento muito arraigado das possibilidades; d'ahi, muitas vezes, a necessidade de dobrar um General characteristicamente realizador com um chefe de Estado Maior typicamente imaginativo. O papel principal do Chefe, é fazer sua, uma idéa; em seguida, impôl-a. Para não se deixar surprehender nem deter pelas objecções, pelos obstaculos ou pelas consequencias, é necessario tel-os previsto e, portanto, reflectido maduramente.

## COMO ADQUIRIR AS QUALIDADES DE UM CHEFE

Passa, em seguida, o Gen. Gamelin no seu bello trabalho, a focalizar num estudo mais objectivo, como se concebe a possibilidade de se formarem a intelligencia e a alma daquelle que virá a desempenhar o papel de Chefe. Examina a contribuição fornecida pela Escola e a pratica do Commando, o ensino e o exemplo de um lado, e o esforço pessoal do outro. Examinando a influencia das escolas, nas suas formas variadas, lembra os diversos estagios de aprendisagem, desde a formação do official, a sua passagem pelos Centros de Instrucción e Aperfeiçoamento e, posteriormente nos cursos de Estado Maior e de Altos Estudos; em todos elles se processa uma revisão constante dos conhecimentos adquiridos, reintegra na comprehensão da doutrina dos regulamentos, permittindo seguir a evolução dos processos de combate, corollario das transformações do material. Accentúa que toda instrucção só vale pelo esforço pessoal; que não pode ser substituído por qualquer metodo escolar.

Lembra a phrase do Marechal Foch: "aprendamos, primeiro, á pensar", isto é, a fazer trabalho, primeiro o nosso cerebro: raciocinar sobre uma questão, em seguida appellar para a memoria e para a imaginação creadora, amparadas por exemplos, para fazer surgir a solução enquadrada, inicialmente, dentro dos limites do raciocinio.

Reportando-se ás conquistas realizadas nas escolas, o general Gamelin não as considera sufficientes para dar a medida do valor e do rendimento do individuo; tornar-se-iam imperante, se não fossem levadas ao campo da pratica intensa. Seja nos periodos de commando nos corpos de tropa ou da permanencia nos estados-maiores; ou ainda, para os da reserva, as convocações e periodos de actividade, é incontestável que essa pratica deve constituir um complemento indispensavel da nossa educação profissional.

Referindo-se á passagem pelos estados-maiores, diz o autor, que é uma phase de larga aprendisagem, pelo desenvolvimento do espirito de observação, atravez das mais variadas questões e do metodo de trabalho e de pesquisa. "Emfim, diz o Gen. Gamelin, a lição suprema do Estado Maior, é a "probidade", no sentido mais elevado do termo. O Chefe não pode se abalancar a ver todos os trabalhos; é preciso, portanto, que confie intensamente nos elementos que lhe são fornecidos; que não encontra erro, nem opinião preconcebida ou tendencias interessadas. Ocultar-lhe uma dificuldade ou um motivo para aborrecimento, assim como porcaria incensal-o, seria trahil-o.

Tomada a decisão, mesmo contrária a certas opiniões pessoais, todos devem identificar-se com ella: confiança reciproca, tendo por base, precisamente, a consciencia."

Quanto aos periodos de commando effectivo, considera-os fundamentaes, porque a arte de commandar só se aprende com a propria pratica.

Aqui, antes de concluir o seu trabalho, o Gen. Gamelin passa a emitir alguns conselhos, que podem ser os nossos companheiros em todos os actos da vida:

"Aquillo que se tem necessidade de "saber", é preciso cultivar lendo mas, lendo de lapis na mão; detendo-se para pesar e discutir consigo mesmo, as opiniões emitidas; em breve encontrar nas nossas leituras, não somente matéria para alimentar a nossa imaginação, mas, também assuntos para reflexão." Aproveitar todas as oportunidades para se aperfeiçoar pela propria ação: "Assumir um commando, por exemplo, cumprir uma missão importante, não tanto pela ambição de brilhar como vontade de se submeter á prova. Em seguida á ação, fazer o seu *exame de consciencia*: pesquisar suas fraquezas ou suas imperfeições e os meios de evitá-las ou remedial-as. Ter bastante confiança nos seus superiores para provocar suas críticas e conselhos; assim procedendo, não se corre o risco de se sentir diminuído dos seus olhos, muito ao contrario.

"No ponto de vista normal, ter gosto pelo esforço e ouso dizer, na medida do razoável, pelo perigo. Aquelle que é corajoso diante da vida, o é diante da morte".

A proposito desse amor pelo perigo, peculiar ao militar, lembra o Gen. Gamelin, como nos sentimos orgulhosos e engrandecidos perante a nossa consciencia e perante os outros, depois de rudemente experimentados em face da morte. Equal satisfação experimentamos, ao triunfar sobre uma dificuldade, seja physica, moral ou intellectual. Encarece, em seguida, a necessidade do treinamento do physico e do moral, para a preparação da alma, acostumando-se ao perigo, nos sports de toda natureza. As viagens são altamente educadoras porque nos ensinam, em meios estranhos, a nos recolhermos para confrontar os espectaculos que nos cercam com os que nos são caros. Mediremos o valor das nossas palavras e o preço do silencio.

Quaesquer que sejam os perigos, dificuldades, sofrimentos ou contrariedades, habituar-se, não só a não se lastimar, mas, ainda a nada deixar transparecer perante os subordinados.

Fala, agora, no espirito de justiça e no equilibrio de attitudes dos Chefes. "Nunca tolerar a desobedencia, mas, evitar sempre os excessos do amor proprio". Sejamos justos e bons. Muitas vezes, ouviu o General Joffre repetir: "Ao ler as notas dadas aos officiaes, eu juge tanto o que dá a nota como que a recebe."

Mais adiante, diz: — habituemo-nos a definir exactamente a nossa vontade; escutemos, entretanto, as observações, quando nos sejam apresentadas respeitosamente."

Diz-se muitas vezes e com justa razão, que commandar é prever; impõe-se, portanto, que estejamos sempre adiantados, quanto a uma determinada idéa, sobre os executantes. Dada uma ordem e velando pela

sua execução, devemos nós preocupar imediatamente com as suas consequências possíveis e com a conducta que será preciso manter, de acordo com as circunstâncias. No campo de batalha, o Chefe, em todos os escalões, é um cerebro em ação. Habituemos-nos, desde o tempo de paz, a aceitar as iniciativas dos nossos subordinados, deixando-lhes na vida quotidiana, precisamente, uma longa margem. Não procuremos resolver tudo por nossa conta, porque acabaríamos por tudo entravar. E' neste sentido que se deve frisar que o chefe deve *saber e*, numa certa medida *saber fazer tudo*, mas, também *saber mandar fazer*.

Referindo-se à conducta do chefe e às suas exteriorizações no meio em que se agita, repelle o cabotimimo, embora reconheça que o próprio Napoleão usava de processos às vezes theatraes, que impressionavam os espíritos simplistas. E' preciso que saiba falar com facilidade, embora não se lhe exijam qualidades de orador. O chefe vive exposto à curiosidade ardente daquelles, cuja carreira e, às vezes mesmo, a vida, estão ligadas às suas decisões. Não procuremos, entretanto, forçar as nossas características; a afectação seria em breve desmascarada.

Concluindo, diz o Gen. Gamelin: a lei suprema dos militares, deve ser — a ação.

Entretanto, agir não é absolutamente agitar-se. Mais vale ficar dentro das suas atribuições do que se engajar em impasses. Do mesmo modo, a ambição é uma força mas, a obstinação pela promoção uma fraqueza. São duas proposições difíceis de conciliar. Apesar de tudo, é preferível ser-se "alguem" a ser-se "alguma cousa". Os edifícios mais sólidos, não são os construídos em um dia, nem as fortunas mais brilhantes as que se queimam como um fogo de palha."

Refere-se o Gen. Gamelin, nessa conclusão, ao mysticismo das suas idéias. Não o nega; antes proclama, que é a fé que vivifica a obra, entendendo-se que, no caso, a fé se chama: *Patria e Honra*. Coloca-se à margem de qualquer ponto de vista religioso ou político. Todas as formas, de governo forneceram grandes militares; e estes pertencem às mais variadas concepções phlosophicas. "Henrique IV e Richelieu foram respectivamente, o maior rei e o maior dos nossos ministros e, nem por isto, foram modelos de virtudes burguezas ou ecclesiasticas."

E termina o Gen. Gamelin: "Qualquer que seja a direcção em que empreguemos os nossos esforços, não haverá verdadeira grandeza, se não for animada pela centelha d'um ideal. Muito maior numero de homens se fazem matar pelas suas idéias do que por interesses. Aquelles que nós preparamos, tendo em vista poder, n'um posto qualquer, confiar um dia no campo de batalha, os destinos nacionaes, como a vida dos nossos filhos, devem adquirir qualidades particulares, em que o "carácter" complete o valor intellectual. E o primeiro desses dois factores, é ainda maior do que o segundo."

## A União faz a Força

Um dos caracteristicos do Seculo é a união nas profissões e nas classes. Ali estão os syndicatos, as sociedades de classe, as grandes organizações internacionaes para comprovar isso. Todas essas organizações criam uma unidade doutrinaria — theorica e practica — para a defesa dos seus interesses, e, consequentemente, um orgão de publicidade.

No Exercito, a A DEFESA NACIONAL, pelo seu passado, e por sua producção tem sido e deve continuar a ser esse orgão. Nella devem reflectir-se a cohesão doutrinaria, espiritual e moral da classe militar, as suas aspirações de engrandecimento, a defesa dos seus interesses e a prova marcante do seu labor secundo. Essa necessidade de cohesão e do sentimento corporativo é premente na hora em que viremos.

A ACTUAL DIRECÇÃO DE A DEFESA NACIONAL PROPÕE-SE A AMPLIAR A SUA ACÇÃO E O SEU PROGRAMMA NESSE SENTIDO:

- a) — augmentando o numero de suas secções, de modo a attender todas actividades da profissão e a orientar a cultura profissional dos quadros, officiaes e sargentos.
- b) — editando regulamentos, obras originaes, traduções e notas de aulas das escolas militares.
- c) — creando uma sala de leitura (biblioteca) para emprestimos de obras necessarias á tarefa profissional dos quadros.
- d) — criando cursos previos á matricula das Escolas de Armas, de Estado Maior, etc..
- e) — creando um local de reunião para trocas de idéas e estreitamentos de relações entre os socios.
- f) — creando um centro de informações, principalmente para o Exercito que vive fóra do Rio de Janeiro, bem como uma secção destinada a attender as encomendas desses camaradas; e outras espécies de benefícios

Eis um vasto programma, mas que exige para a sua execução um apoio integral dos camaradas.

Esse apoio é de ordem moral, intellectual, material e financeiro.

O moral consiste em considerar A DEFESA NACIONAL, como a revista da classe, prestigial-a com a sua collaboração e propaganda de sua obra.

O financeiro é pequeno, quasi nada — 2\$500, POR MEZ, 30\$000 POR ANNO — menos que o preço de uma sessão de cinema. Pedimos também vossa preferencia na compra de livros.

*Por esse preço irrisorio não ha livraria que venda um volume de 120 paginas e por elle além desse volume, que é o numero mensal da revista — poderá o assignante contribuir para a obtenção de varias outras vantagens:*

**DELLAS A PRINCIPAL E' A CONSTITUIÇÃO DE UM ORGÃO QUE CORRESPONDA AO VALOR PROFISSIONAL E CULTURAL DOS NOSSOS QUADROS.**

Nessa campanha não haverá, estamos certos, quem nos negue apoio.

*Certamente, o augmento de preço das nossas assignaturas pode causar estranhosa, a primeira vista. Porém o raciocínio com elle concordará imediatamente.*

*Não bastassem os nossos propositos, indicados acima e de cuja realização apresentamos o penhor dos progressos alcançados em 1935, e teríamos ainda para justificar o novo esforço que pedimos aos assignantes, o encarecimento do papel e da impressão nos ultimos tempos.*

*Com o actual preço da assignatura, a revista não poderia cobrir as suas despezas, que representa por unidade; como media dos numeros do anno corrente —*

Impressão.....	2:400\$000	Cada exemplar.....	2\$085
Papel.....	1:000\$000		
Despesas.....	250\$000	Preço de assignatura.....	1\$500
De administração.....	520\$000		
	4.170\$000	Deficit.....	\$585

Contamos com o vosso apoio franco e entusiastico, com prazer e interesse. — O exercito precisa ter uma revista que o honre e A Defesa já é um patrimonio commun, digno de estímulo e louvor. —

**REFLECTI NO NOSSO PROGRAMMA, NA OBRA REALIZADA, NA QUE PODERA' SER REALIZADA COM A VOSSA CONTRIBUIÇÃO, NOS BENEFICIOS PARA A CLASSE !**

**NÃO VACILLAREIS — PORQUE TENDES ORGULHO DE VOSSA CLASSE.**

*Com elevado apreço — A DIRECÇÃO*

As novas assignaturas começarão em 1.º de Janeiro de 1936 e pôdem ser pedidas desde já. Serão mantidas pelos preços actuaes as assignaturas que foram tomadas até a presente data.

## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

### Indicação

4 — *Historia da Civilização Brasileira* — Pedro Calmon — Cia. Editora Nacional — 1933. — S. Paulo.

O sr. Pedro Calmon, cujos trabalhos historicos augmentam incessantemente com admiraveis obras, publicou, ha dois annos, "uma nova synthese da historia do Brasil: historia social, economica, administrativa e politica" para a qual desejamos chamar a attenção dos camaradas.

Não se trata de uma obra pesada, de erudição, nem tão pouco de um livro didactico para escolares. O livro, diz o autor, destina-se "aos estudantes dos cursos superiores" e alcança, com rara felicidade, o seu objectivo.

O sr. Calmon focalisa os acontecimentos mais importantes da nossa historia, revelando o seu natural encadeamento, apontando causas e efeitos. A vida brasileira surge natural e comprehensivamente com os seus vicios e qualidades. Nossa realidade historica é examinada á luz das idéas novas impostas pela intelligencia contemporanea e dictadas pela nossa propria experiença.

"A immensa surpreza da Republica" está leal e muito bem exposta e constitue capítulo que traduz lição admiravel aos jovens militares.

Um livro como este do distinto historiador bahiano convida a gente a fazer commentarios, a conversar sobre muita cousa. Isto aqui, porém, não é uma secção de critica, mas apenas um boletim de indicação. Pois a indicação ahi fica aos companheiros que ainda não conheciam mais este volume da colecção Brasiliana. Sua leitura, extremamente interessante e muito util, permitte uma visão panoramica da nossa desconjunctada civilisação.

5 — *Problème du Communisme* — Nicolas Berdiaeff — Desclée de Brouwer — Paris — 1933.

Não sei se o nome deste grande pensador russo precisa de apresentação em nosso meio militar. Certamente, muitos camaradas já o conhecem. Ninguem como elle tem visto com tanta profundeza os problemas da crise historica que atravessamos. Elle os penetra majestosamente, mais do que com sua grande intelligencia com uma intuição maravilhosa, um sentido prophético, um impulso mysterioso que bem revelam sua alma russa irmã de Dostoievsky, de Solovier e deste Tintcheff sombrio e genial.

Lendo-o, nosso espirito eleva-se a planos superiores de rasgados horizontes, donde comprehendemos o pequenino valor de tantos esforços espectaculosos dos homens de nossos dias.

Berdiaeff colloca o problema do communismo em seu verdadeiro lugar, encarando-o, não imbecilmente atravez de estatísticas e realizações

do Estado sovietico, mas em sua profunda significação moral e historica, messianica e religiosa. Ninguem como elle examinou este catastrophico desfecho da idade moderna guiada pelo humanismo da Renascença.

Um espirito estreito, subjugado pela grosseria materialista do mundo contemporaneo, dominado pelo fragmatismo, arrancado á dignidade espiritual da vida, de certo não entenderia Berdiaeff. Para comprehender-o é necessario haver conservado alguma cousa de humano neste feroz astrictor diario da machina da "civilisação."

Então, perceberemos sua analyse do marxismo, da nova explosão messianica da alma russa e da incarnação contemporanea do ideal comunista. Então, sentiremos o vigor da sua alta voz que se ergue eloquente como o grande brado da idade que vem.

6 — *Conflict de Duas Civilisações* — Eduardo Jacobina — Record, Editora — Rio.

O autor, em carta a esta revista, pede tornar conhecidas no Exercito as idéas expostas em sua brochura e que reputa de extraordinaria gravidade e maior urgencia.

Trata-se de mais um livro sobre a questão judaica. O sr. Jacobina analysa os famosos "Protocollos", procurando demonstrar sua ligação com os grandes acontecimentos que têm perturbado a vida internacional.

O problema existe, é grave, mas extremamente complexo. E tão complexo é elle que elementos anti-judaicos apontam como armas de defesa contra o judeu exactamente o que outros indicam como sendo creações do judaismo.

E' o caso deste livrinho.

Elle defende a Liberal-Democracia como o refugio salvador contra a manobra fatal dos judeus, quando, bem sabemos, quasi todos os escriptores anti-judaicos dizem ter sido a Revolução Franceza obra judaico-maçonica, o liberalismo a doutrina por meio da qual o capitalismo judaico pôde dominar o Mundo, e a Democracia o regime que aniquillando a autoridade organica, entrega o poder á maioria á quantidade, garantida pelas clientelas da plutocracia nacional ligadas aos banqueiros judaicos.

Alliás, ha contradicções flagrantes na brochura do sr. Jacobina. Seu livro certamente causará espanto nas rodas da "direita — nacionalista — anti-judaica."

E já que tratamos do assumpto, aproveitamos a oportunidade para indicar, como introdução ao grave problema judaico, a seguinte obra:

7 — *As Forças Secretas da Revolução* — Léon de Poncins — Livraria Globo — P. Alegre.

S. Sombra

## INDICADOR DA "A DEFESA NACIONAL"

Mez de Setembro de 1935

Sub-Ten. ODON BRAGA

Matricula no curso de sargento aviador — Aviso n.º 548 de 29 de Agosto — D. O. de 2-9

Regras para a declaração de Utilidade Publica — Lei n.º 91 de 28-8 D. O. de 4.

Parecer do Consultor Geral da Republica sobre a quota de 5 % de que trata o Dec. 22.893 — Fracções de annos excedentes de 25 e parecer sobre a "annistia ampla" aos sargentos da revolta de 1915. — D. O. de 4.

Ajuda de custo. Um mez de vencimentos aos funcionários e aos sargentos, na mesma forma da concedida aos officiaes, pela Aviso n.º 257 D. O. de 10.

Regulamento da Dir. do Serviço Militar e da Reserva — Dec. n.º 243 — 18-7 — D. O. de 11.

Additamento ao Aviso n.º 89 de 1-7 sobre matricula na Escola de Intendencia. Aviso de 3-9 D. O. de 12.

Sobre ocupação de casas da Fort. de S. João, por officiaes excedentes, matriculados no C. I. Art. Costa. Aviso 575 de 12-9. D. O. de 18.

Sobre responsabilidade do "visto" nos rápidos na P. S. T. e Sargentos. Aviso n.º 576 de 12-9 D. O. de 18.

Sobre funcionários públicos atingidos pelo n.º 3 do artigo 170 da Constituição. Aviso n.º 577 de 12-9. D. O. de 18.

Sobre designação de off. da extinta D. G. C. G. no Serviço de Fundo das Regiões Militares. Aviso n.º 581 de 13-9. D. O. de 19.

Sobre engajamento de especialistas nas unidades de Artilharia de Costa. Aviso 580 de 13-9. D. O. de 19.

Sobre o destino dos reservistas engajados nas unidades de Artilharia de Costa ao serem excluídos. Aviso n.º 582 de 13-9. D. O. de 19.

Sobre montepio de escreventes promovidos. Aviso n.º 583 de 13-9 D. O. de 19.

Sobre concorrências nos Hospitais Militares. Aviso n.º 584 de 13-9 D. O. de 19.

Sobre idade para matrícula nas E. I. M. e T. G. Aviso n.º 585 de 13-9. D. O. de 19.

Instruções para o funcionamento das unidades quadros. Incorporação de candidatos a reservistas às escolas de Instrução de Tiros de Guerra. D. O. de 23.

Sobre preenchimento de vagas no S. Radic. Aviso n.º 590 de 17-9. D. O. de 24.

Sobre regularização do Serviço Radio. Aviso n.º 591 de 17-9. D. O. de 24.

Sobre suspensão de licenciamento de sargentos do Serviço Radio. Aviso n.º 592 de 17-9. D. O. de 24.

Sobre a reforma nos casos do n.º 6 do artigo 170 da Const. Solução do Sr. Presidente da Republica, ao Ministerio da Marinha. D. O. de 25.

Sobre gratificação de Sub-Tenente. Aviso n.º 471 de 20-10-1934. D. O. de 25.

Sobre o abono provisório aos corneteiros, clarins, especialistas e artífices — Lei n.º 51. Aviso 596 de 18-9. D. O. de 25.

Sobre o abono em caso de licença por molestia adquirida em serviço. Aviso n.º 8 de 18-9. D. O. de 25.

Sobre isenção de selo nos documentos de baixa do serviço de praças do Exercito e Marinha. Aviso n.º 598 de 19-9. D. O. de 25.

Sobre o licenciamento do serviço activo de segundos ten. convocados, em serviço fóra do M. G. Aviso n.º 599 de 19-9. D. O. de 25.

Sobre etapa de alimentação de sargentos excedentes em serviço nas unidades de Aviação. Aviso n.º 24 de 23-9. D. O. de 27.

Sobre o índice de robustez para os fins de matrícula nos cursos regimentais e promoções a cabos. Aviso n.º 601 de 21-9. D. O. de 27.

Sobre a distribuição de economia dos S. S. M. Aviso n.º 604 de 24-9. D. O. de 27.

Sobre a designação de oficiais da reserva para funções no M. Guerra. Aviso n.º 605 de 24-9. D. O. de 27.

Suspensão de engajamento de praças em geral. Aviso n.º 606 de 24-9. D. O. de 27.

Sobre preços de artigos de oficinas subordinadas ao Material Bélico. D. O. de 28.

### A venda na "A Defesa Nacional"

<i>Mémoires, Marechal Joffre</i> .....	87\$400
<i>Canas e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn</i> .....	7\$000
<i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira</i> .....	10\$000
<i>A batalha de Saint Quentin-Guise- Ten. Cel. Lenglet</i> .....	6\$000

PELO CORREIO MAIS 1\$000

# Caixa de construção de casas do Ministério da Guerra

Relação dos officiaes contemplados em 30 de Setembro de 1935

POR ANTIGUIDADE

ORDEM	INSC.	NOME	EMPRESTIMO
1	26	Cap. Renato Rodrigues Ribas	60:000\$000
2	31	Cap. Jorge Gonçalves Pinho Jr.	60:000\$000
3	33	Cap. Odilon Moreira da Costa Jr.	60:000\$000
4	35	Maj. Ignacio José Verissimo	60:000\$000
5	36	Cap. Jaire Jair de Albuquerque Lima	60:000\$000

POR PONTOS

Ord.	Insc.	NOME	Pontos	Emprestimo
1	769	Cap. Erwim Wolffenburg	86.289	45:000\$000
2	726	Cap. Antonio Alenç. Guimarães	74.772	60:000\$000
3	658	Cap. Antonio Babiú	71.967	45:000\$000
4	431	Maj. Benjamin Rodrigues Galhardo	71.291	60:000\$000
5	621	Ten. Belarmino Pereira da Costa	70.685	20:250\$000
6	782	Cap. Gilberto David	70.184	60:000\$000
7	548	Cap. Alfredo da Costa Monteiro	68.797	54:000\$000
8	124	Cap. Juarez Pereira Gomes	67.836	60:000\$000
9	426	Cap. Paulo Leite de Rezende	67.499	54:000\$000
10	220	Maj. Luiz França de Albuquerque	67.474	60:000\$000
11	738	Cap. José dos Santos Calheiros	67.143	60:000\$000
12	439	Ten. Joaquim Liberato Barroso F.º	67.081	30:000\$000
13	202	Maj. Manoel Vieira da Fonseca Jr.	66.408	75:000\$000
14	372	Cap. Isaac Viegas Pereira	66.228	54:000\$000
15	104	Cel. João Siqueira de Queiroz Sayão	66.010	90:000\$000
16	480	Cap. Affonso M. Pires Ferreira	65.979	45:000\$000
17	268	Cap. João Ribeiro Pinheiro	65.790	45:000\$000
18	174	Cap. Hugo Antonio Pradel	65.531	60:000\$000
19	275	Cap. João Segadas Vianna	65.439	60:00\$000
20	247	Cap. Kleber A. de Araujo Lima	64.934	60:000\$000
21	357	Maj. Frederico Villeroy França	64.845	56:000\$000
22	85	Cap. Edmundo Orlandini	64.790	40:500\$000
23	259	Maj. Gontran Jorge Pinheiro Cruz	64.702	40:000\$000

## 4.ª DISTRIBUIÇÃO

## Financiados por requerimento

Ord.	Insc.	Nome	Emprestimo
1	788	Cel. Raul Campello Machado	71:700\$000
2	943	Almoxarife Abdon Leite	24:000\$000
3	815	Cap. Nelson de Mello	60:000\$000
4	823	Cel. Ascendino d'Avila Mello	67:000\$000
5	751	Cel. Euclides de Oliveira Figueiredo	90:000\$000
6	858	Cap. Aristoteles C. de Albuquerque	60:000\$000
7	584	Ten. Pedro Gomes da Silva	18:000\$000
8	681	Cel. Antenor O'Reilly de Souza	75:000\$000
9	260	Maj. Adalberto Rodrigues de Albuquerque	45:000\$000
10	751	Cap. Waldemar Barroso Magon	45:000\$000
11	130	Cap. Francisco Pereira da Silva	35:000\$000
12	391	Cel. José da Silva Pereira	90:000\$000
13	821	Cap. Landry Salles Gonçalves	60:000\$000
14	692	Ten. João Gualberto dos Santos	22:500\$000

## Financiamento por pontos

Ord.	Insc.	Nome	Pontos	Emprestimo
15	299	Cap. Ernani Mazzine Sil. Freire	64.550	60:000\$000
16	276	Cap. Jorge de Oliveira	64.536	45:000\$000
17	293	Cap. Frederico Duarte de Oliveira	64.536	48:000\$000
18	360	Maj. Mario Travassos	64.536	60:000\$000
19	651	Maj. Teodomiro Espindola Nascimento	64.550	40:000\$000
20	460	Maj. Accacio Gonçalves da Silva	63.390	30:000\$000

A venda na "A Defesa Nacional"

## INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES

Cap. LIMA FIGUEIREDO

Preço: 6\$000

## Quadro de officiaes da Administração do Exército (Caixa de Auxílios)

### REGULAMENTO

Art. 1.º — E' nesta data organizada uma Caixa de Auxílios, com o fim exclusivo de fazer face ás despesas decorrentes do recurso judiciário que vae ser apresentado para assegurar aos officiaes subalternos dos extintos quadros de Contadores e de Administração as suas promoções nas vagas já existentes nestes quadros.

Art. 2.º — Todos os officiaes subalternos dos quadros de Intendencia e de Fundos do Exército são partes legítimas na defesa do direito de acesso garantido na fórmula do artigo 67 do decreto n.º 24.287, de 24-V-1934, e concorrerão, voluntariamente, a titulo de auxílio das respectivas despesas, com as seguintes contribuições:

a) CONTADORES (extintos):

		Joia	Mensalid.
1. <sup>os</sup>	Tenentes até o n.º 80.....	100\$000	20\$000
1. <sup>os</sup>	Tenentes até o n.º 160.....	50\$000	15\$000
1. <sup>os</sup>	Tenentes com numero superior a 160...	30\$000	10\$000
2. <sup>os</sup>	Tenentes até o numero 80.....	30\$000	10\$000
2. <sup>os</sup>	Tenentes com numero superior a 80....	20\$000	5\$000

b) ADMINISTRAÇÃO (extinto):

1. <sup>os</sup>	Tenentes até o numero 40.....	100\$000	20\$000
1. <sup>os</sup>	Tenentes até o numero 80.....	50\$000	15\$000
1. <sup>os</sup>	Tenentes com numero superior a 80....	30\$000	10\$000
2. <sup>os</sup>	Tenentes até o numero 40.....	30\$000	10\$000
2. <sup>os</sup>	Tenentes com numero superior a 40....	20\$000	5\$000

§ 1.º — O numero do official é o da sua situação real, levadas em consideração todas as promoções feitas, em cada mez.

§ 2.º — Quando o official ignorar seu numero, pagará a maior mensalidade e joia atribuídas ao respectivo posto.

§ 3.º — As remessas de dinheiro serão feitas com o caracter de urgencia e com as garantias necessarias.

Art. 3.º — A Caixa será dirigida por uma Administração composta de trez membros:

Presidente — 1.º Tenente Nylson Mineiro dos Santos Silva  
Rua José Hygino n.º 58 — Tijuca — Rio.

Secretario — 1.º Tenente Arthur Alvim Camara  
Rua Sidonio Paes n.º 119 — Cascadura — Rio.

Thesoureiro — 1.º Tenente Agenor de Carvalho Peixoto.  
Rua Gustavo Gama n.º 71 — Meyer — Rio.

§ 1.º — A substituição de qualquer um dos membros será feita por indicação propria, cabendo ao substituto tomar posse, imediatamente, perante a Administração.

§ 2.º — As partes interessadas dirigir-se-ão a cada membro da Administração, de acordo com o assumpto a tratar.

Art. 4.º — As contas da Administração da Caixa de Auxílios serão prestadas por intermédio da Revista de Administração Militar.

Art. 5.º — Os 1.<sup>os</sup> Tenentes que attingiram, ou vierem a attingir, o numero 80, no Quadro de Contadores e 40, no Quadro de Administração, deverão, imediatamente, *ex-officio*, passar procuração bastante a um dos membros da Administração, para fins do recurso judi-  
ciario proposto:

§ unico — As procurações deverão trazer todos os requisitos legaes, inclusive firmas reconhecidas e outros esclarecimentos precisos.

Art. 6.º — A Administração da Caixa reconhece, como inspiradores da defesa dos direitos ora pleiteados, os collegas de Juiz de Fóra, que organizaram o trabalho "Hermeneutica do art. 67 e §§ do Decreto n.º 24.287, de 24 de Maio 1934".

Rio, Setembro, 1935

*A ADMINISTRAÇÃO.*

## Reajustamento de Quadros do Exercito

Excellentissimo Senhor

Seja-nos permittido submeter a V. Exa., em carácter inteiramente particular, a exposição dos motivos com que os officiaes subalternos vão recorrer ao Poder Judiciario, para lhes ser assegurado o direito de acesso nos seus quadros de origem (Contador e Administração), dentro do numero de vagas já existentes.

Em accordam de 31 de Outubro de 1928 (Actos Officiaes de 1928, pagina 334), entendeu a nossa mais Alta Corte de Justiça que "ao Poder Executivo é irrecusavel o direito, senão o dever, de confessar o pedido do litigante adverso, quando convencido da illegalidade do acto, revogando-o para subtrahir-se aos efeitos da mória e ao pagamento das custas, sem necessidade de aguardar a sentença final nas suas instâncias; consequentemente, assiste-lhe a faculdade de desfazer esse acto antes mesmo de iniciada a acção judicial".

Ora, se a auctoridade administrativa tem a faculdade de infirmar "sponte sua" ou de "motu proprio" qualquer acto seu para restaurar o

imperio da lei, poderá, da mesma forma e com igual intuito, suprir a omissão, quando houver ausencia do acto originario da reclamação judicial.

E acima de qualquer previsão há de se elevar o reconhecimento de todos esses officiaes, se o governo attender á justa pretenção que elles defendem.

Rio, Setembro, 1935.

#### OS OFFICIAES SUBALTERNOS DOS QUADROS DE INTENDENCIA

##### EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

I — O decreto n. 24.287, de 24-V-1934, creou um quadro commun de officiaes (execução) para os Serviços de Intendencia e de Fundos do Exercito, com o nome de QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO (artigo 67, letra *a*).

— Esse quadro comprehende os postos de 2.º tenente a capitão (artigo 67, letra *b*).

— Os officiaes do Quadro de Contadores (extinto) e do Quadro de Administração (extinto), foram incluidos, desde logo, no QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO (artigo 67, § 4.º).

— Os officiaes subalternos (notadamente os 1.<sup>os</sup> e 2.<sup>os</sup> tenentes) ficaram com dois numeros.

— um do novo Quadro de Officiaes de Administração do Exercito (antiguidade absoluta) e outro de seu quadro de origem (Contador ou Administração) (artigo 67, § 4.º, letra *a*).

— Inicialmente foram distribuidas as vagas novas, creadas em virtude do reajustamento (e sómente do reajustamento), na proporção de 1/3 para os officiaes subalternos do Quadro de Administração (extinto) e 2/3 para os do Quadro de Contadores (extinto) (artigo 67, § 4.º, letra *b*).

— Para preenchimento das vagas futuras, ocorridas no Quadro de Officiaes de Administração do Exercito, depois do reajustamento, deu a lei a cada official um numero de antiguidade absoluta pelo qual concorrerá ás promoções na fórmula da legislação vigente (artigo 19 do decreto 24.068, de 29-III-1934; artigo 5.º do decreto 20.579, de 29-X-1931; aviso 741, de 4-XI-1931).

— Com o fim de não ferir direitos adquiridos — sempre abroquelados pelas nossas leis (artigo 3.º da Introdução do Código Civil; artigo 113, n.º 3, da Constituição Federal), foi também assegurado o acesso dos officiaes subalternos no seu quadro de origem (artigo 67, § 4.º, letra *a*, *in-fine*).

E' bem interessante comparar a situação do pessoal dos quadros extintos, em face do decreto 24.287.

Determina o artigo 67, § 4.º, a, *in-fine*, que aos officiaes subalternos *fica assegurado o acesso nos respectivos quadros de origem*.

Entretanto, esse acesso não se está dando. A promoção é feita para o novo quadro de maneira diversa da que estabelece a lei.

Mais adeante, no § 6.º, *in-fine*, do artigo 67, foi declarado que os funcionários da Directoria Geral de Contabilidade da Guerra — extinta na mesma occasião —, *conservavam o direito de acesso dentro do seu quadro de origem*.

E elles já gosam do acesso no quadro extinto, como se verifica das promoções feitas por decreto de 4-X-1934 (Diario Official de 10-X-1934)...

Aliás, a segurança desse direito é uma causa justa, porque se tem sempre entendido que, na extinção de um quadro, extinguem-se as vagas de ingresso, mas, nunca as de acesso.

II — Em aviso n.º 305, de 16 de Junho de 1934, item VI (Bol. Ex. 34), foi ordenada a “collocação dos officiaes pertencentes aos quadros de Contadores e de Administração em um só QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO”.

III — Cumprindo-se á determinação ministerial, veio á publicidade a “Relação dos Officiaes Effectivos do Exercito”, organizada pelo Departamento do Pessoal do Exercito.

Nessa relação se acham incluidos no novo Quadro de Officiaes de Administração do Exercito:

a) os *capitães* dos quadros de Contadores e de Administração (extintos), com UM SO' NUMERO (artigo 67, § 4.º);

b) os *officiaes subalternos* dos mesmos quadros (Contadores e Administração), com DOIS NUMEROS (artigo 67 § 4.º, letra a)

IV — Por isso, está evidente:

a) que os capitães dos quadros de Contadores e de Administração (extintos) foram incluidos, *sem nenhuma restrição*, no QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO, deixando, por esse motivo, as vagas correspondentes nos quadros extintos (artigo 67, § 4.º);

b) que os officiaes subalternos (1.<sup>os</sup> e 2.<sup>os</sup> tenentes) dos quadros de Contadores e de Administração (extintos) ficaram com o ACCESSO assegurado nestes dois quadros, razão por que deviam logo preencher as vagas dos capitães transferidos, definitivamente, para o Quadro de Officiaes de Administração do Exercito (artigo 67, § 4.º, letra a);

d) que, no QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO, onde ninguem pode allegar prejuizos, nem direito ferido, foi previsto o acesso dos officiaes subalternos, regulado do seguinte modo:

1) para as vagas novas, creadas em virtude do reajustamento observando-se a proporção de um terço dessas vagas para os officiaes do Quadro de Administração (extincto) e dois terços para os de Contadores (extincto) (artigo 67, § 4.º, letra b);

2) para as vagas que não forem do reajustamento, isto é, para as vagas decorrentes de aggregação, inclusão na reserva, transferencia para outros quadros, falecimento, perda do posto, etc., etc., o acceso obedecerá á ordem de collocação numerica do Almanack Militar (antiguidade absoluta) a que faz referencia o artigo 67, § 4.º, letra a, princ., do decreto 24.287, de 24-V-1934.

Asseguram o direito de acceso pela rigorosa antiguidade: — o artigo 19 do decreto 24.069, de 29-III-1934 (Lei de promoções); o artigo 5.º do decreto 20.579, de 29-X-1931; o aviso 741, de 4-XI-1931.

Convém ainda salientar que a inclusão *definitiva* de um official em qualquer quadro fal-o perder as suas relações com o quadro de origem. E' o que se dá com os capitães transferidos para o Quadro de Officiaes de Administração do Exercito; é o que se tem dado com o Quadro de Intendentes de Guerra, onde todos os officiaes teem procedencia diferente.

E contra razões tão poderosas não pode haver objecção á altura de defender relações de origem positivamente inexistentes.

V—Como consequencia da execução do decreto 24.287, de 24-V-1934, deviam ser promovidos a CAPITÃO:

a) Para o QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO (artigo 67, § 4.º, letra b), os seguintes 1.<sup>os</sup> tenentes do Quadro de Administração (extincto):

Cicero Raymundo de Souza  
 Raymundo Camillo de Souza  
 Epiphanio Ferreira Lima  
 Zeferino de Aguiar Macedo  
 Romeu Epaminondas da Silva  
 José Baptista de Carvalho  
 Everaldo Porfirio de Araujo  
 Luiz Ravedutti Sobrinho  
 Manoel dos Santos.

O governo fez essas promoções. Vide proposta da Comissão de Promoções publicada no Boletim do Exercito n.º 70, de 20-XII-1934, e decreto constante do Col. Ex. n.º 56 de 10-X-1934.

b) Para o QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO (artigo 67, § 4.º, letra b), os seguintes 1.<sup>os</sup> tenentes do Quadro de Contadores (extincto):

João Fragoso Coimbra  
 Apio Toledo Cabral  
 Fernando de Almeida Cesar  
 Orthilio Orestes Torres  
 Manoel Messias de Mendonça  
 Josaphá Padilha da Cunha  
 Salvador Carrossini  
 Gumercindo Martins Toledo  
 José Octaviano de Oliveira  
 Nerval da Paixão Gomes Mattos  
 Almir Valente  
 Grouchy Colombo Salles  
 José Guimarães Cóva  
 Jayme Araujo dos Santos  
 Abelardo d'Eça Rangel  
 Humberto de Hollanda  
 Raymundo Newton de Paiva Leitão  
 Tiburcio Freitas de Almeida  
 Eliezer Lopes Lobato

O governo fez essas promoções.  
 Vide proposta da Comissão de  
 Promoções publicada no Boletim do  
 Exercito n.º 70, de 20-XII-1934, e  
 decreto constante do Bol. Ex. n.º  
 56 de 10-X-1934.

c) Para o QUADRO DE ADMINISTRAÇÃO (extinto) (artigo 67, § 4.º, letra a, *in-fine*), os seguintes 1.<sup>os</sup> tenentes do mesmo quadro:

Francisco de Almeida Freitas (cap.)  
 Oscar Ribeiro Saldanha (cap.)  
 Gerson Alves de Souza (cap.)  
 Manoel Aragão G. de Lima (cap.)  
 Arlindo Seixas (cap.)  
 José Avelino de Barros  
 Coriolano Ferreira da Cruz  
 Audomaro Cabral Costa  
 José Travissani Soffiatti  
 Raphael Tobias de Menezes Britto  
 Oscar Cyriaco Maria Magalhães  
 Argeu Nogueira Valente  
 Ismael Marques  
 Fernando Pereira Mendes  
 Eduardo Loureiro  
 João Dambisqui  
 Eduardo Ludovico Buneze  
 José Motta de Abreu Lima  
 Victor Machado da Silva  
 Manoel Deodoro Keller

O governo não fez essas promoções para o Quadro de Administração (extinto), tal qual determina o artigo 67, § 4.º, letra a, *in-fine*, decreto 24.287.

Waldemar Otto Barbosa  
 Antonio Pessoa Muniz  
 João Luiz da Costa Lima  
 José Baptista Esteves de Souza  
 José Augusto Barbosa  
 João Eleuterio Nunes Ribeiro  
 José Ribeiro dos Santos  
 Affonso Solano de Oliveira  
 Olympio Alves de Siqueira  
 Paschoal Luiz Caetano

O governo não fez essas promoções para o Quadro de Administração (extinto), tal qual determina o artigo 67, § 4.º letra *a*, *in-fine*, decreto 24.287.

(NOTA: O quadro é de 30 capitães — decreto 16.606, de 17-IX-1924).

*d) Para o QUADRO DE CONTADORES* (extinto) (artigo 67, § 4.º, letra *a*, *in-fine*), os seguintes 1.<sup>os</sup> tenentes do mesmo quadro:

Arnaldo Silva (cap.)  
 Pery Rodrigues Barreto (cap.)  
 Antonio da Rocha Lima (cap.)  
 Olivio Joaquim de Mello (cap.)  
 Lino de Mello Lima (cap.)  
 Fortunato do Nascimento (cap.)  
 Edson Brasiliense Pereira (cap.)  
 Trajano Leal Pereira (cap.)  
 Euclides Joaquim Lins (cap.)  
 Aldemar da Cruz Rangel  
 Americo do Couto Ramos  
 Adalberto Mendes  
 Luiz Henrique Guimarães  
 José Antonio Alves Britto Netto  
 Asdrubal Eurysses da Cunha  
 Bolivar Medeiros  
 Rodolpho Prates  
 João Baptista de Oliveira  
 Cherubim Ferreira Chagas  
 Luiz Martins Chaves  
 Hugo de Souza Silveira  
 Manoel Benedicto Chaves  
 Antonio José Fernandes  
 Benedicto Climaco de Hollanda Ca-  
 valcante  
 Adalberto Coelho da Silva  
 João Damacesno da Silva Braga

O governo não fez essas promoções para o Quadro de Contadores (extinto), tal qual determina o artigo 67, § 4.º letra *a*, *in-fine*, do decreto 24.278.

Idino Sandenberg  
 Nicolau Soares  
 Lourival Campello  
 Argemiro Felipe dos Santos  
 Sylvio Alves de Aragão  
 Heliodoro Osorio Senandes  
 (Ag.) Geminiano Hannequim Dantas (aggregado)  
 Paulo de Albuquerque Lacerda  
 Alberto Rodrigues Gomes  
 Vicente Gomes de Moura  
 Manoel Antonio Machado  
 Armando Abdón Ferreira  
 José Rodrigues Netto  
 Carlos Ciolá Gambú  
 Americo da Motta Ribeiro  
 João Francisco Victorio da Silva  
 Lino Leite de Campos  
 Rubem Brissac  
 Onofre Andreoli  
 Benjamin de Almeida Passos  
 João Izaias Baraúna  
 Alfredo Alvaro de Souza  
 José Francisco do Nascimento  
 João Baptista Brauner  
 Sebastião Calixto da Silva  
 Orestes Gomes da Silva  
 Antonio Dantas de Mendonça  
 José Correa de Araujo  
 José Pedro Barbosa  
 Anezio de Oliveira  
 Nilson Mineiro dos Santos Silva  
 Paulo da Costa Lucena  
 Francisco Guido Wendler  
 José Salles  
 Domingos Barroso da Costa  
 Deocleio Paranhos Antunes  
 Marcos João Ramalho  
 Saturnino Lange

O governo não fez essas promoções para o Quadro de Contadores (extinto), tal qual determina o artigo 67, § 4.º, letra *a*, *in-fine*, do decreto 24.287.

(NOTA: O quadro é de 63 capitães: 60 vêm de sua formação — decreto 15.232, de 31-XII-1921; (3) trez resultaram da criação, em 1931, do Regimento Escola, Grupo Escola, e Batalhão Escola).

e) Para o QUADRO DE OFFICIAES DE ADMINISTRAÇÃO DO EXERCITO, os 1.<sup>os</sup> tenentes abaixo, de acordo com o numero de ordem da antiguidade absoluta (artigo 67, § 4.<sup>o</sup>, letra *a*, *princ.*, do decreto 24.287, de 1934; artigo 19 do decreto 24.068, de 1934; artigo 5.<sup>o</sup> do decreto 20.579, de 1931; aviso n.<sup>o</sup> 741, de 1931, já citados), a saber:

Helly Brissac  
 José Marques de Carvalho  
 Eurico Dias da Rocha  
 Luiz Pereira de Souza  
 Raymundo Menezes  
 José Timotheo de Mesquita Wan-  
 derley  
 Hermano Vitral Joppert  
 Antonio Rodrigues Palma  
 Brasiliano Silveira  
 Astolpho Ferreira Mendes  
 Victorio Scheffer  
 Aristomendes Rosa  
 Julio Corrêa Falkemback

O governo está dando execução diferente ao texto da lei. Vide pro-  
 posta da Comissão de Promoções  
 publicadas no Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 70, de  
 1934; no Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 1 de 1935;  
 no Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 26, de 1935.

Vide decretos publicados no Bol.  
 Ex. n.<sup>o</sup> 2, de 1935; no Bol. Ex. n.<sup>o</sup>  
 6, de 1935, e outros.

(NOTA: As 13 vagas acima resultaram da aggregação do capitão Almir Valente (Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 1, de 1935, pagina 25); da transferencia para a reserva dos capitães Herculano Teixeira de Andrade (Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 70, de 1934), Adolpho de Andrade Costa (Bol. Ex. 18, de 1935) e Antonio Henrique da Cunha (Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 18, de 1935); da transferencia para o Quadro de Intendentes de Guerra dos Capitães Lauro Luoreiro de Souza, Odilon Gomes da Silva, Alberto Augusto Martins, Fernando Lavaquiel Biosca, Alfredo Nogueira Junior, Antonio Alves Filho e Raymundo Salles Filho (Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 2, de 1935); do falecimento do capitão intendente extinto Leovegildo Areco (Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 34, de 1935); da promoção de um capitão intendente extinto para uma vaga decorrente do falecimento do major Dario Souza Castello (Bol. Ex. n.<sup>o</sup> 37, de 1935). Estas duas vagas reverteram para o Quadro de Officiaes de Administração do Exercito, em virtude do extinto quadro de intendentes achar-se numericamente completo. Vide propostas da Comissão de Priomoções).

VI — Com essas promoções teriam sido feitas, simultaneamente, as dos segundos a primeiros tenentes.

Rio, Setembro, 1935.

Livros á venda na "A DEFESA NACIONAL"

Pelo correio mais 1\$000.

*Guia para a instrução militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.*

*Guia prático para o recruta*, Alexandre Fernandes, 2\$000  
pelo correio mais \$500.

*Notas sobre o commando do batalhão no terreno — Cmt.*  
Audet 3\$000, pelo correio mais \$700

*Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.*

*O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais 8600.*

Combate e Serviço em Campanha, Cap. Aurelio Py, 5\$000.  
Instrução de Transmissões, Cap. J. L. L. 5\$000.

*Instrução de Transmissões*, Cap. Lima Figueiredo, 6\$000.  
Tirado de metal.

*Tiro de metralhadora contra aviões que voem baixo, Cap. 28500*

Salvaterra, 3\$500.

## REPRESENTANTES

## ESTABELECIMENTOS E REPARTIÇÕES MILITARES

- Gab. M. G. — Maj. Floriano Brayaner.  
 C. S. N. — Cap. Alexandrino Motta  
 E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra  
 M. M. F. — 1.º Ten. Reginaldo de M. Hunter  
 D. P. E. — Cap. Waldemar Souza  
 D. C. — Cap. Janduy Toscano de Britto.  
 Dir. Av. — Major Godofredo Vidal  
 Dir. Eng. — Cap. Amanajás de Carvalho  
 Dist. Art. C. — 1.º Ten. Roberto Pessôa  
 Dir. M. B. — 1.º Ten. J. Duque Estrada  
 Dir. Res. — Cap. Danton P. Benites  
 Dir. Int. G. — 1.º Ten. Ruy Belmonte  
 Dir. S. S. —  
 Dir. S. Vet. —  
 S. Geo. P. A. — Cap. Octavio A. da Silva  
 S. Subsistência — Cap. Severo C. de Souza  
 1.º Gr. Regiões — Ten. Geraldo L. do Amaral  
 2.º Gr. Regiões — Cap. Gentil Barbato  
 Q. G. da 1.ª R. M. — Cap. João Ribeiro  
 Q. G. da 2.ª R. M. — 1.º Ten. Luiz B. Condado  
 Q. G. da 3.ª R. M. — Major Oscar B. Falcão  
 Q. G. da 4.ª R. M. — Ten. Jehovah Moraes  
 Q. G. da 5.ª R. M. — Cap. J. B. Rangel  
 Q. G. da 6.ª R. M. — Ten. Múrillo B. Moreira.
- Q. G. da 7.ª R. M. — Cap. M. O'Reilly de Souza  
 Q. G. da 8.ª R. M. — Cap. M. Mendes de Moraes  
 Q. G. da 9.ª R. M. — Cap. Nilo Guerreiro  
 E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo Dir. E. armas — Cap. J. B. Mattos  
 E. Inf. — Cap. José Adolpho Pavel  
 E. Cav. — Cap. Luiz N. Andrade  
 E. Art. — Ten. C. Rocha Santos  
 E. Eng. — Cap. Luiz Bettamio  
 C. I. T. — 2.º Ten. Milton R. Vieira  
 E. Technica — Cap. Pompeu Monte  
 E. Av. M. — 1.º Ten. Danilo Paladini  
 C. I. Art. Costa — Maj. J. Bina Machado  
 E. Int. — Cap. Aquino Granja  
 E. E. Ph. E. — Major Raul Vasconcellos  
 E. M. — 1.º Ten. Geraldo Côrtes  
 E. Vet. E. — 1.º Ten. Waldemar C. Fretz  
 C. A. Sgt. Inf. — 1.º Ten. Taltibio de Araujo  
 C. M. R. J. — 1.º Ten. Celesio Braga  
 C. M. P. A. — 1.º Ten. Saul F. Pons  
 C. M. Ceará — 1.º Ten. Benedito F. Diniz  
 Fab. P. S. F. — Cap. Osmar Pons  
 Fab. P. Inf. — Cap. Antonio de Britto Junior  
 Fab. P. Art. — 1.º Ten. José Carlos Ribeiro  
 Fab. M. C. G. — 1.º Ten. Haroldo Pradel de Azambuja.  
 Art. G. R. Grande — 1.º Ten. Daniel Balbão  
 Corpo Fz. Navaes — Ten. Cândido da Costa Aragão.

TROPA  
Infantaria

- 1.ª Bda. I. — 1.º Ten. Antonio B. Moreira  
 2.ª Bda. I. —  
 7.ª Bda. I. — Cap. Armando C. Lima
- Btl. Guardas — 1.º Ten. Aymar de Lima  
 Btl. Escola — 2.º Ten. Durval Sayão

1.º R. I. — Cap. Souza Aguiar  
 2.º R. I. — 2.º Ten. Dilermando G. Monteiro  
 3.º R. I. — 1.º Ten. Anthero de Almeida  
 4.º R. I. — 1.º Ten. Paulo A. de Miranda  
 5.º R. I. — 2.º Ten. Francisco A. Galvão  
 II/5.º R. I. — 1.º Ten. Luiz M. Chaves  
 III/5.º R. I. — 1.º Ten. Alcides Coelho  
 6.º R. I. — Cap. Ary Ruch.  
 7.º R. I. — Cap. Gilberto V. de Carvalho  
 8.º R. I. — 1.º Ten. Cândido L. Villas Bôas  
 I/8.º R. I. — Cap. Felicíssimo A. de Aveline  
 9.º R. I. — 1.º Ten. Almir L. Furtado  
 I/9.º R. I. — Ten. Edson Vignoli  
 10.º R. I. — 1.º Ten. A. J. Corrêa da Costa  
 11.º R. I. — 1.º Ten. Luiz de Faria  
 12.º R. I. — 1.º Ten. Atila Barroso  
 13.º R. I. — 1.º Ten. Iracílio Pessôa  
 1.º B. C. — Ten. Araken Araré Torres  
 2.º B. C. — Ten. Marcio de Menezes  
 3.º B. C. — Ten. Moacyr L. de Rezende  
 4.º B. C. — Cap. Carlos Coelho Cintra  
 5.º B. C. — Cap. Dr. Oscar Vouzella  
 6.º B. C. —

7.º B. C. — Ten. Nelson do Carmo  
 8.º B. C. — Ten. Ramão Menna Barreto  
 9.º B. C. — 1.º Ten. Domingos Jorge Filho  
 10.º B. C. — Cap. Ernesto L. Machado  
 13.º B. C. — Asp. Heitor Vasconcellos  
 14.º B. C. — Cap. Risoletto Barata de Azevedo  
 15.º B. C. — Cap. H. A. Castello Branco  
 16.º B. C. —  
 17.º B. C. — Cap. Armando Lustosa M. Barroso  
 18.º B. C. — Cap. J. R. de Araujo Sobrinho  
 19.º B. C. — 1.º Ten. Murillo Borges Moreira  
 20.º B. C. — Cap. Italo de Almeida  
 21.º B. C. —  
 22.º B. C. — Cap. Leandro J. da Costa  
 23.º B. C. —  
 24.º B. C. — 1.º Ten. A. Collares Moreira  
 25.º B. C. — 1.º Ten. André Monteiro  
 26.º B. C. — Cap. Eurides C. Robim  
 27.º B. C. — Cap. Mario S. Machado  
 28.º B. C. — Ten. J. B. Carmello  
 29.º B. C. — Cap. Frederico M. C. Monteiro  
 Cont. de Porto Velho — Cap. Aluizio

### Cavalaria

Q. G. da 2.ª D. C. — Cap. Hoche Pulcherio  
 Q. G. da 6.ª Bda. C. — 1.º Ten. Edson Condensa.  
 R. Andrade Neves — Ten. Lady T. Cirne  
 1.º R. C. D. — Cap. Cyro R. Rezende  
 2.º R. C. D. — 2.º Ten. José P. de Oliveira  
 IV/2.º R. C. D. — Ten. João de Deus Cruz  
 3.º R. C. D. — Ten. Alvaro Vieira

4.º R. C. D. — Ten. Humberto Pelegriño  
 5.º R. C. D. — 2.º Ten. Bellarmino J. de Mendonça  
 1.º R. C. I. — Ten. Mario Pantoja  
 2.º R. C. I. —  
 3.º R. C. I. — Ten. João C. Guimarães  
 4.º R. C. I. — Ten. Agenor Medeiros Martins  
 5.º R. C. I. —  
 6.º R. C. I. — Cap. Francisco A. Rosas

7.º R. C. I. — Cap. Armando Rorlim  
 8.º R. C. I. — Cap. José T. Arruda  
 9.º R. C. I. — Cap. Marcos M. de Azambuja  
 10.º R. C. I. — Ten. A. de Lima Mendes

11.º R. C. I. — Ten. Celso Monteiro  
 12.º R. C. I. — Ten. Carlos Braga Chagas  
 13.º R. C. I. —  
 14.º R. C. I. —

### Artilharia

Grupo Escola — Ten. Ernesto Geisel  
 1.º R. A. M. — Cap. Edgard M. Portugal  
 2.º R. A. M. — Ten. Ilton da Fonseca  
 4.º R. A. M. — 2.º Ten. Jonathas P. Lisboa  
 5.º R. A. M. — 2.º Ten. Zair de Figueiredo  
 6.º R. A. M. — Ten. Lourival Doederlein  
 8.º R. A. M. — Ten. José O. Alves de Souza  
 9.º R. A. M. — Cap. Arthur da C. Seixas  
 1.º G. A. Do. — Ten. Celso Araújo  
 2.º G. A. Do. — 2.º Ten. Leandro Monte Alegre  
 3.º G. A. Do. — Ten. Maury P. Lima  
 4.º G. A. Do. — Ten. Waldemar Turolla  
 5.º G. A. Do. — Ten. Henrique M. R. de Mello  
 1.º G. O. — Ten. Francisco A. Gonçalves  
 2.º G. O. — Cap. João D. da Fonseca  
 3.º G. O. — Ten. Eduardo Barros  
 R. Mix. A. — Cap. Ascendino J. Pinheiro

1.º G. A. Cav. — Cap. Celio M. Ferreira  
 2.º G. A. Cav. — 1.º Ten. Alberico Cordeiro  
 3.º G. A. Cav. — 1.º Ten. Jorge Cezar Texeira  
 4.º G. A. Cav. — Ten. José de M. Mourão  
 5.º G. A. Cav. — 1.º Ten. Edson Figueiredo  
 Font. Sta. Cruz — Ten. Antonio Sá B. Lemos Filho  
 Fort. S. João — Ten. Micaldas Corrêa  
 Fort. Itaipú — Ten. Henrique Mangini Junior  
 Fort. Obidos — Ten. Raul A. dos Santos  
 Fort. Coimbra —  
 Fort. Copacabana — Ten. Flamarion Pinto de Campos  
 Fort. do Vigia —  
 Fort. de São Luiz —  
 Fort. Imbuhy —  
 Fort. Marechal Hermes — 1.º Ten. Francisco X. M. Cordovil  
 Fort. Marechal Luz —  
 Fort. Marechal Moura —  
 Fort. Lage — Ten. Americo F. da Silva  
 Bia. I. Art. Do. — Cap. Leandro J. da Costa

### Engenharia

Unidade Escola  
 1.º B. Trans. — 2.º Ten. Eduardo D. de Oliveira  
 1.º B. Sap. —  
 2.º B. Sap. — 1.º Ten. Sebastião V. Moraes  
 3.º B. Sap. — Ten. Luiz P. Pessôa  
 4.º B. Sap. — Maj. Abacilio F. dos Reis

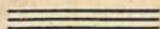
1.º B. Pnt. — 2.º Ten. Edgard Sotér da Silveira  
 2.º B. Pnt. — Cap. Aurelio de Lyra Tavares  
 1.º Bt. F. V. — Cap. Francisco R. Castro  
 1.º Cia. P. Terr. — Cap. Ladislau N. de Azevedo  
 6.º Cia. P. Terr. — Ten. José C. Morganti

**Aviação**

- |  |                                  |
|--|----------------------------------|
| 1.º R. Av. — Ten. Oswaldo C. Lima        | 4.º R. Av. —                     |
| 2.º R. Av. —                             | 5.º R. Av. — 1.º Ten. Jocelin B. |
| 3.º R. Av. — Te. Herminio V. de Carvalho | Brasil                           |

**Reserva**

- |  |  |
|--|--|
| C. P. O. R. 1.ª R. M. — 1.º Ten. Nelson R. de Carvalho | F. P. São Paulo — Major José Maria dos Santos            |
| C. P. O. R. 2.ª R. M. — 2.º Ten. Nestor Torres         | P. M. da Bahia — Ten. Cel. Philadelpho Neves             |
| C. P. O. R. 5.º R. M. — 1.º Ten. Raymundo Dalcol       | Cont. P. M. Bahia (Uáuá) — Ten. José Fernandes Vieira    |
| P. M. Dist. Federal — Major Joaquim Miranda Amorim     | F. P. do Espírito Santo — Major Manoel Henrique Vilh. V. |

**LIVROS NOVOS**

— Ch. Antoine — *Curso d'Economie Sociale* — 6.ª Edição — Librairie Félix Alcan — Paris — 1921.

Aos camaradas que se preparam para a Escola de E. M., aos que seguem o curso de Intendencia e a todos os que se interessam pelos problemas economicos e sociaes, a grande obra de Antoine é um guia esclarecido, documentado e seguro. Livro com mais de 700 paginas, elle expõe desenvolvidamente não só os principios theoricos da Ordem Social e da Ordem Economica como as controversies existentes, analisando com grande penetração as theses das varias doutrinas.

Seria muito conveniente que os nossos camaradas que se interessam pela questão social lêsssem obras como esta antes de perlustrarem as paginas dos livros desta e daquelle theory. Sem uma base de noções fundamentaes não será possível escolher com acerto um ponto de vista sociologico. Não é tomndo um navio solto em alto mar que um leigo irá aprender navegação para conduzil-o a bom porto.

A cultura sociologica fundamental é preliminar indispensavel ao exame das correntes politico-sociaes. Este proceder logico dá outra serenidade de julgamento e evita crueis decepções.

A obra de Antoine, se bem que não traduzida ainda como a de Gide, serve de magnifica introdução aos estudos economicos e sociaes.